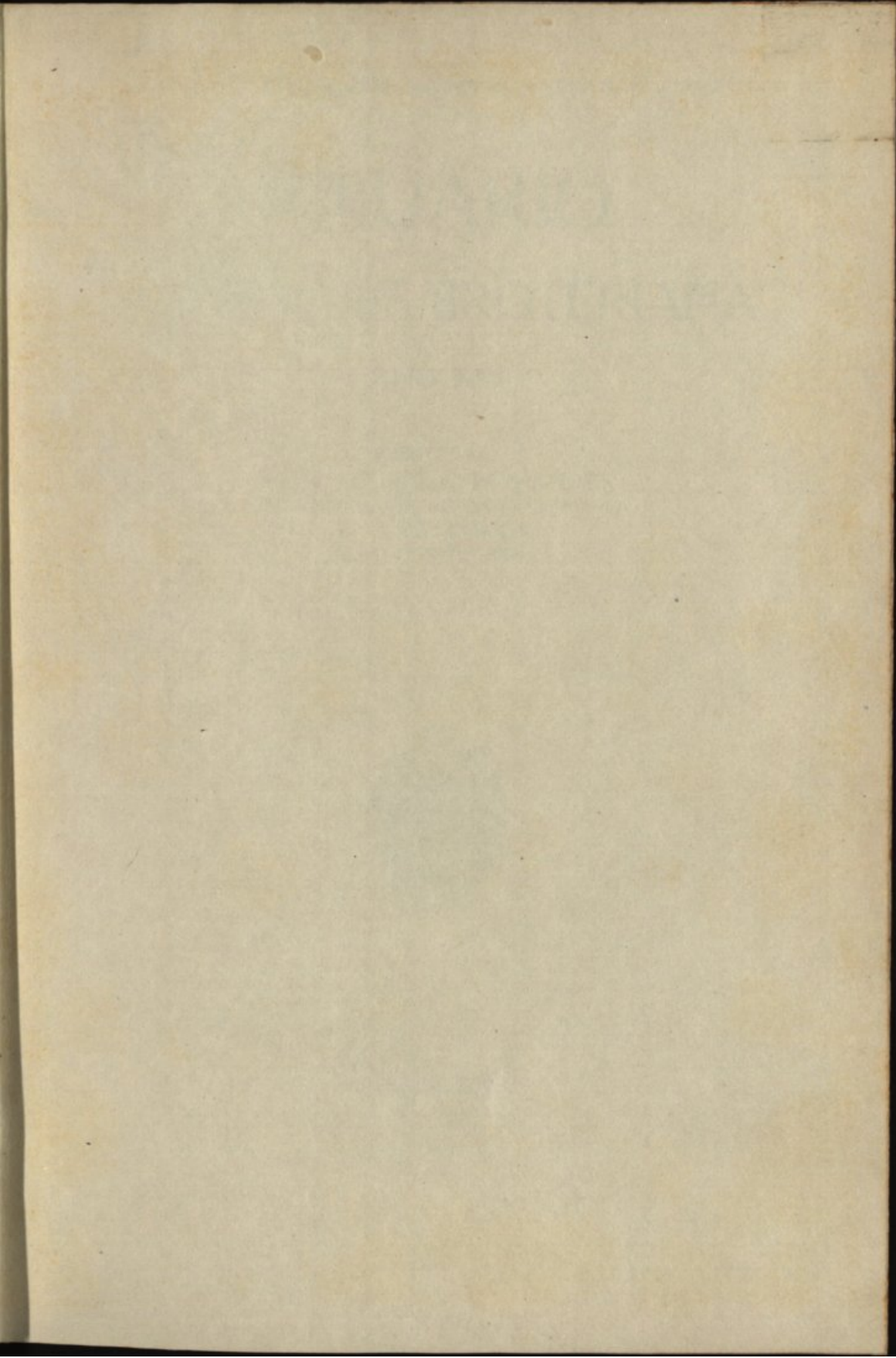
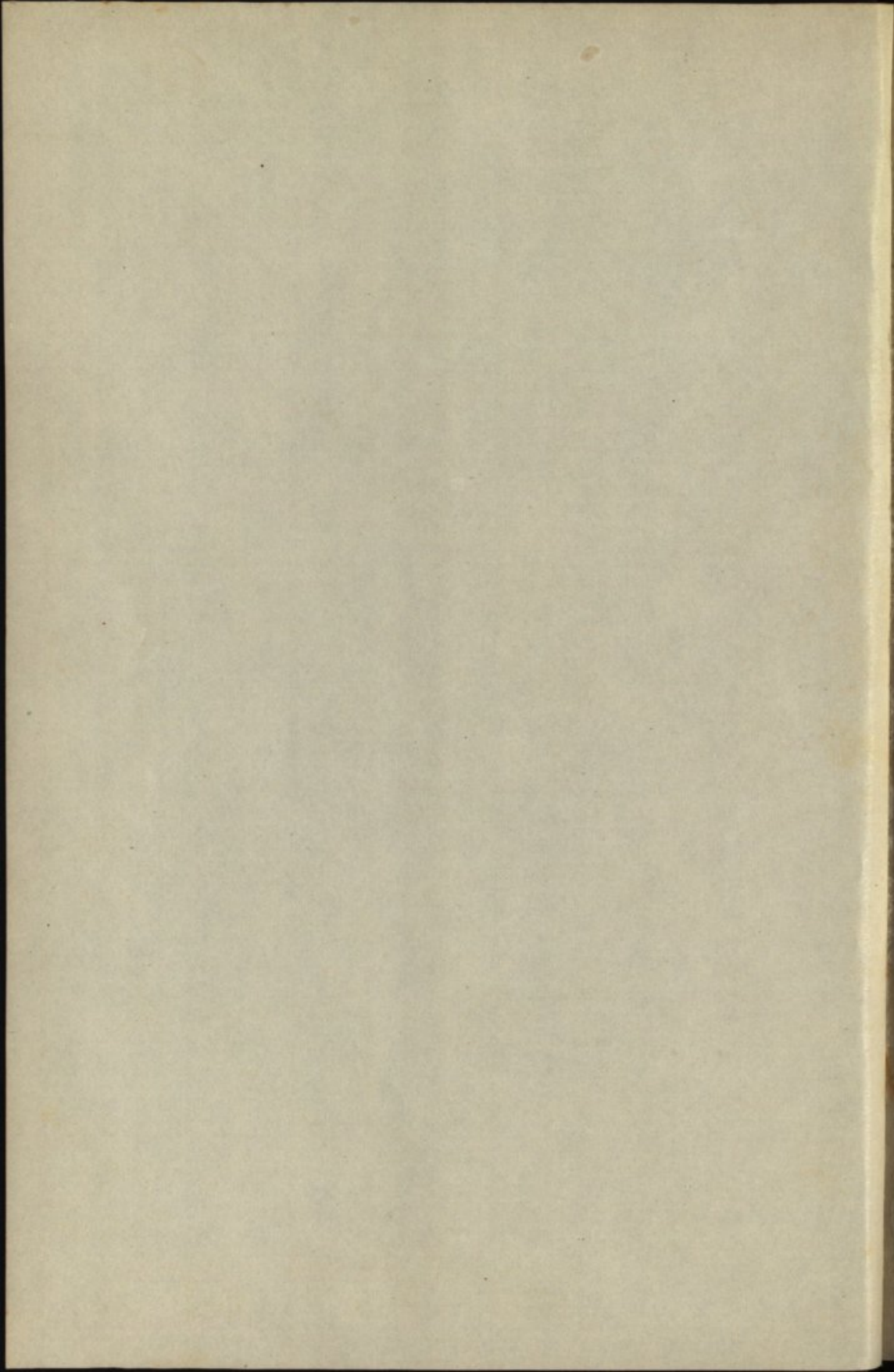


Inst. Bot. de Coimbra

E-21/25







ANUÁRIO

DA

SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XVI

REDACTORES

PROF. DR. ABÍLIO FERNANDES

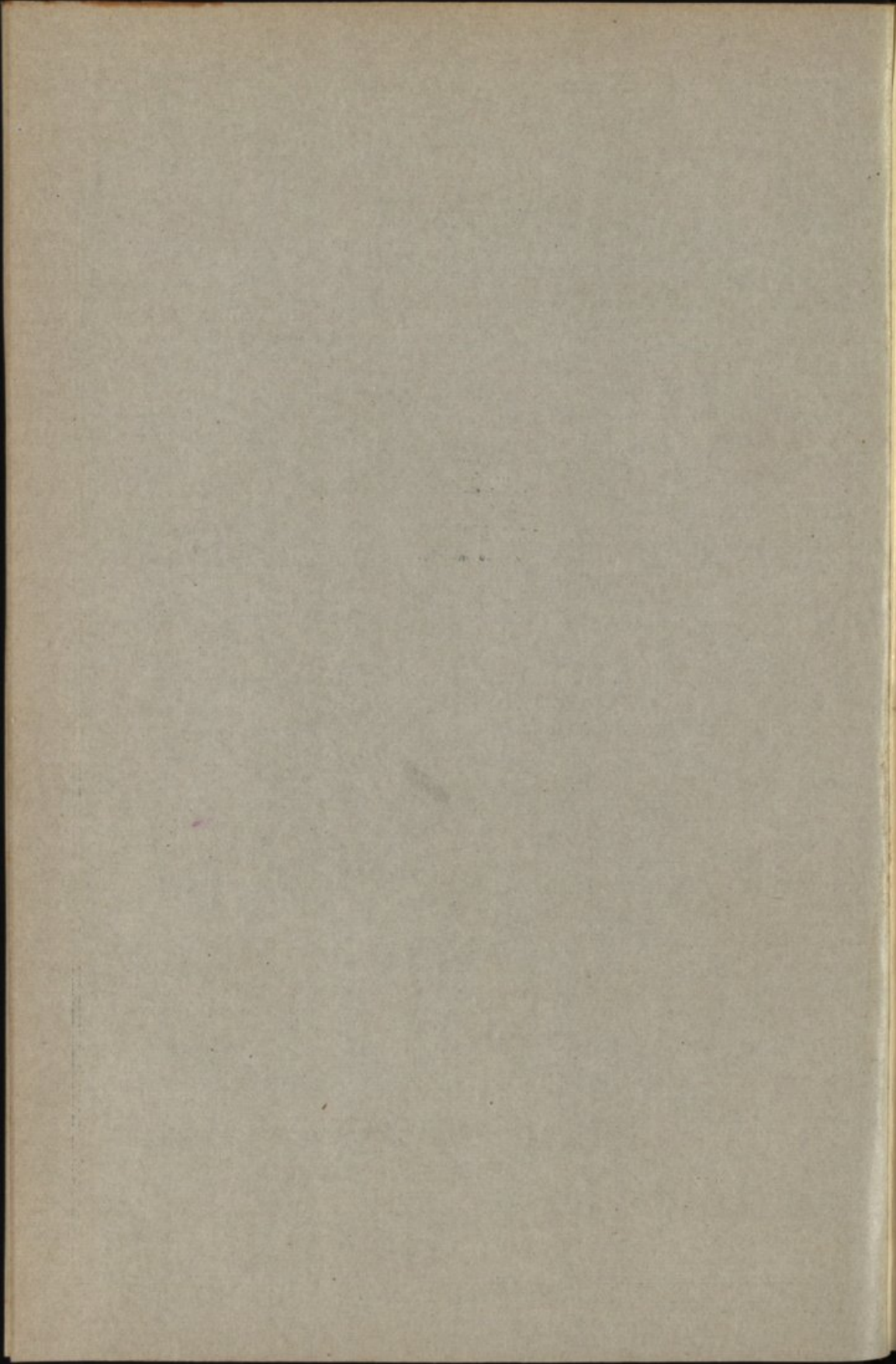
Director do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

F. A. MENDONÇA

Naturalista do Instituto Botânico



COIMBRA
1950



ANUÁRIO

DA

SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XVI

REDACTORES

PROF. DR. ABÍLIO FERNANDES

Director do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

F. A. MENDONÇA

Naturalista do Instituto Botânico



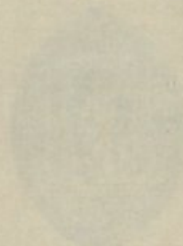
COIMBRA
1950



ANUÁRIO
DA
SOCIEDADE BROTERIANA

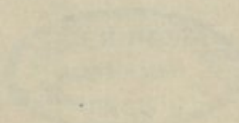
ANO VII

EDITADO POR
SRO. DR. ALBERTO BROTER
COM O AUXÍLIO DE
SRO. DR. ALBERTO BROTER
E SRO. DR. ALBERTO BROTER



Composição e impressão das Oficinas
da Tip. Alcobacense, Lt. — Alcobaga

COLEÇÃO
1920



SESSÕES DA SOCIEDADE BROTERIANA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Reunião de 21 de Janeiro de 1950

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. José de Barros Neves

ABERTA a sessão, foi concedida a palavra ao Presidente da Sociedade, Ex.^{mo} Sr. Prof. Dr. ABÍLIO FERNANDES, que procedeu à leitura do relatório da Direcção referente ao ano de 1949. Esse relatório é do teor seguinte:

« Durante o ano transacto, a vida da Sociedade decorreu nos moldes habituais, tendo a Direcção conseguido realizar a maior parte dos objectivos contidos no programa que delinea. Efectivamente, publicou-se o número XV do Anuário e os volumes V das Memórias e XXIII do Boletim. O primeiro contém os resultados de algumas herborizações efectuadas na região de Vendas Novas sob a égide do Conselho Administrativo da Fundação da Casa de Bragança, bem como alguns subsídios para o conhecimento do conflito entre o patrono da nossa Sociedade e o seu colega MONTEIRO DA ROCHA. O volume das Memórias foi preenchido pelo importante trabalho « *Cerastium semidecandrum* Linné, sensu latiore », da autoria do Ex.^{mo} Sr. Dr. WILHELM MÖSCHL, a quem apresentamos os nossos mais efusivos agradecimentos pela colaboração que se dignou conceder-nos. O Boletim, finalmente, insere diversos artigos de autores portugueses e estrangeiros, destacando-se, entre os últimos, o valioso trabalho do Ex.^{mo} Sr. Dr. F. BERNIS MADRAZO sobre o género *Armeria* em Portugal. A este colaborador, apresentamos também a expressão do nosso mais vivo reconhecimento.

Verificando-se que 800 exemplares já não eram suficientes para fazer face às exigências do serviço de permutas, a Direcção resolveu elevar a tiragem do Boletim e das Memórias para 1.000.

Além de outras de menor importância, o pessoal do Insti-



tuto Botânico realizou quatro extensas herborizações. A primeira teve lugar no mês de Abril, e, durante ela, percorreu-se o seguinte itinerário: Vendas Novas, Pegões, Marateca, Alcácer do Sal, Grândola, Santiago do Cacém, Sines, Ferreira do Alentejo, Torrão, Montemor-o-Novo, Vendas Novas. Durante a segunda, realizaram-se explorações em Torres do Mondego, arredores de Penacova, Serra do Buçaco e Luso. Na terceira, explorou-se a região compreendida entre Alfarelos e Figueira da Foz. Na quarta, finalmente, herborizou-se nos arredores da Guarda e em diversas localidades da Serra da Estrela. O material, em um total de 533 números, está sendo estudado pelo Naturalista do Instituto e os resultados obtidos serão dados a conhecer durante o ano que agora se inicia. Desde já desejo acentuar que, no decurso destas herborizações, se encontraram diversas novidades. Este facto mostra, de uma maneira bem nítida, que, particularmente os sócios da nossa agremiação que vivem no campo, muito poderiam contribuir para o aumento dos conhecimentos sobre a flora de Portugal, desde que herborizassem com regularidade.

No plano da remodelação do Instituto Botânico, a Comissão Administrativa das Obras da Cidade Universitária de Coimbra resolveu destinar uma sala à sede da Sociedade. Essa sala, que, pela sua situação e grandeza, é uma das mais belas do Instituto, encontra-se quase completamente mobilada, sendo provável que a nossa próxima assembleia geral já possa ter lugar nas novas instalações. A Direcção tem o maior prazer em comunicar este facto e vai sem dúvida ao encontro dos mais veementes desejos de todos os sócios, exprimindo aqui à referida Comissão Administrativa o profundo reconhecimento da Sociedade pelos benefícios que teve ocasião de lhe proporcionar.

A Direcção continuou a ocupar-se da regularização das suas relações com as Sociedades estrangeiras congéneres, podendo dizer-se que a normalidade se encontra já quase restabelecida. O serviço da biblioteca foi bastante intenso, tendo-se recebido cerca de 1.050 volumes e folhetos por troca com as publicações da Sociedade ».

Terminada a leitura, o Presidente da Assembleia pôs em discussão o relatório, o qual foi aprovado.

Em seguida, o Secretário-tesoureiro informou a Assembleia sobre o estado financeiro da Sociedade. As contas, que foram aprovadas, mostraram que, em 31 de Dezembro de 1949, existia em caixa um saldo de 9.965\$00.

O Dr. ABÍLIO FERNANDES disse que a impressão e a distribuição das revistas da Sociedade consomem somas avultadas. Por esse facto, propôs que a Direcção fosse autorizada a aplicar os fundos disponíveis na publicação e distribuição das referidas revistas, no caso de serem insuficientes as verbas obtidas de outras fontes. Esta proposta foi aprovada.

A Assembleia resolveu reconduzir nos seus cargos os Vogais da Direcção anterior, Ex.^{mos} Srs. Drs. ALOÍSIO FERNANDES COSTA e VIRGÍLIO DA ROCHA DINIZ.

Resolveu, também, manter em 2\$00 a quota mensal a pagar pelos sócios no ano de 1950, continuando com a dispensa do pagamento de jóia.

DIRECÇÃO

Reunião de 21 de Janeiro de 1950

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. Abílio Fernandes

Foi resolvido:

- a) Que a redacção do Boletim e das Memórias continuasse a cargo do Ex.^{mo} Sr. Dr. ABÍLIO FERNANDES;
- b) Manter a comissão de redacção do Anuário;
- c) Instar com os sócios para que realizem trabalhos de herborização.

The first of these is the fact that the Government has not yet decided whether it will continue to support the policy of non-interference in the internal affairs of other countries. This is a matter of great importance, and one which has attracted much public attention. The Government's attitude on this point is of course a matter of course, and one which has attracted much public attention. The Government's attitude on this point is of course a matter of course, and one which has attracted much public attention.

It is also true that the Government has not yet decided whether it will continue to support the policy of non-interference in the internal affairs of other countries. This is a matter of great importance, and one which has attracted much public attention. The Government's attitude on this point is of course a matter of course, and one which has attracted much public attention.

The second of these is the fact that the Government has not yet decided whether it will continue to support the policy of non-interference in the internal affairs of other countries. This is a matter of great importance, and one which has attracted much public attention. The Government's attitude on this point is of course a matter of course, and one which has attracted much public attention.





J. de Barros e Cunha

PROF. DR. JOÃO GUALBERTO
DE BARROS E CUNHA

(1865-1950)

COM o falecimento do Dr. JOÃO GUALBERTO de BARROS E CUNHA, a Sociedade Broteriana perdeu um dos seus mais venerandos sócios e a Ciência portuguesa um dos seus mais prestimosos cultores.

O Dr. J. G. DE BARROS E CUNHA, filho do Conselheiro JOÃO GUALBERTO DE BARROS E CUNHA e de D. FRANCIS ANNE LATHAM, nasceu em Lisboa a 25 de Outubro de 1865. Vergôntea de uma Família muito ilustre, recebeu esmeradíssima educação, ao mesmo tempo que era instruído racional e sólidamente, no sentido de adquirir uma vasta cultura. Dessa instrução, fez parte o ensino da língua inglesa, que sua Mãe lhe ministrou com aquele carinho de que só as Mães possuem o segredo.

O seu talento linguístico manifestou-se de maneira extremamente notável, tendo, depois do inglês, cultivado o latim, o grego, o sânscrito, o alemão e o francês. O Dr. J. G. DE BARROS E CUNHA tornou-se, assim, um humanista distinto e esta preparação teve a mais benéfica influência sobre a sua futura carreira de cientista.

Passando temporadas no campo, particularmente nos belos domínios que seus Pais possuíam em Runa, encantadora povoação dos arredores de Torres Vedras, compreende-se que o espírito observador do Dr. J. G. DE BARROS E CUNHA se absorvesse na contemplação da Natureza e fosse levado a admirar todas as maravilhas que se encerram na corola perfumada da mais singela flor silvestre ou no corpo do mais simples animal. Ali, teria sentido brotar também o seu extraordinário apego à terra, aquela terra que dá o pão nosso de cada dia e cuja exploração racional tanto pode contribuir para a felicidade humana.

Como seria belo conhecer com maior profundidade essas maravilhas que são os seres vivos! . . . Como seria útil aprender

a tirar da terra tesouros cada vez mais valiosos, fazendo-a produzir mais e melhor!... Devem ter sido, certamente, estas imperiosas curiosidades que levaram o Dr. J. G. DE BARROS E CUNHA a matricular-se nas Faculdades de Matemática e Filosofia da Universidade de Coimbra, no ano lectivo de 1881-1882.

Em 1883-1884, frequentou a cadeira de Botânica. Sob a influência do grande Mestre que foi JÚLIO HENRIQUES, o Dr. J. G. DE BARROS E CUNHA deve ter sentido redobrar o seu interesse pelo estudo das plantas. Por este facto, inscreveu-se como membro da jovem Sociedade Broteriana, agremiação em que se trabalhava arduamente sob o impulso de JÚLIO HENRIQUES. Na ânsia de corresponder aos incitamentos do Mestre e poder, assim, contribuir para o progresso do conhecimento florístico de Portugal, o Dr. BARROS E CUNHA lançou-se ao trabalho com o maior entusiasmo, herborizando com desvelo e preparando o material de maneira primorosa.

Durante o ano em que frequentou a cadeira de Botânica, colheu plantas nos arredores de Runa e a sua aplicação foi devidamente apreciada pelos membros do júri do exame, que lhe concederam *Acessit*.

Depois de ter frequentado Botânica, o seu interesse pela Sociedade Broteriana não esmoreceu, pois que, no ano seguinte (1885), em que concluiu a formatura em Filosofia Natural, depois de ter obtido *Acessit* tanto na cadeira de Mineralogia e Geologia, como na de Agricultura, herborizou nos arredores de Coimbra e na Serra do Gerês.

Em 1886, fez exame de Licenciado, e em 1887 obteve o grau de Doutor em Filosofia Natural. Apesar das preocupações que a prestação de provas tão difíceis lhe deveria ocasionar, não esqueceu a Sociedade Broteriana, tendo, no decurso desses anos, herborizado nos arredores de Coimbra, arredores de Torres Vedras, Polígono de Tancos, ilheu de Almourol e Montemor-o-Novo.

Semelhante dedicação não poderia passar despercebida ao grande Mestre que continuava presidindo aos destinos da Sociedade. Efectivamente, em 1890, JÚLIO HENRIQUES, ao dar balanço à actividade da Agremiação durante o primeiro decénio da sua existência, refere o nome do Dr. BARROS E CUNHA entre os dos seus melhores colaboradores.

Em 1891, o Dr. J. G. DE BARROS E CUNHA fez concurso de provas públicas para Lente substituto da cadeira de Zoologia da Escola Politécnica de Lisboa, tendo sido aprovado em mérito absoluto por unanimidade. As suas herborizações continuaram, alargando-se a regiões do país que não tinha ainda explorado, sendo particularmente notáveis as colheitas efectuadas nas seguintes localidades: Ericeira, Arcos de Valdevez, arredores de Setúbal, Serra de Montejunto, arredores de Alenquer e Buçaco.

O interesse científico do Dr. J. G. DE BARROS E CUNHA não se limitava às plantas vasculares, pois que, além destas, colheu ainda musgos, hepáticas, líquenes, fungos e algas. Entre as colecções de plantas celulares que teve a oportunidade de organizar, destacam-se uma de algas, coligida na Praia da Ericeira, e outra de fungos, herborizados nos arredores de Torres Vedras. A preparação de cogumelos para herbário é extremamente difícil e exige cuidados especiais. O facto de JÚLIO HENRIQUES ter escolhido algumas destas plantas preparadas pelo Dr. BARROS E CUNHA para figurarem na centúria XVIII da *Flora Lusitanica Exsiccata*, colecção que se destinava a ser remetida aos herbários mais importantes do Mundo, revela bem o interesse e carinho com que o Dr. BARROS E CUNHA trabalhava na organização dos seus herbários.

Graças aos perfeitos conhecimentos que possuía das línguas germânicas, o Dr. J. G. DE BARROS E CUNHA concorreu, em 1904, ao lugar de professor efectivo do 3.º grupo do Liceu Central de Viseu, tendo sido admitido e colocado em comissão no Liceu Central de Coimbra. Começou, assim, a sua carreira de professor do ensino secundário, que foi das mais brilhantes. Com efeito, em 1907 foi nomeado professor efectivo do Liceu Central de Coimbra, tendo, em 1916, sido escolhido para Reitor daquele estabelecimento, cargo que desempenhou com o maior zelo e dedicação até 1919. Ocupou ainda os lugares de Professor de Metodologia especial da Escola Normal Superior de Coimbra (1916), Professor metodólogo do Liceu Normal de Coimbra (1930) e foi também membro do Conselho da Inspeção do Ensino Secundário (1926-1929).

Apesar da sua actividade como professor do ensino secundário, o Dr. BARROS E CUNHA não deixava de se interessar

pelas Ciências da Natureza, cujo estudo sempre o atraiu com a maior intensidade. Deste modo, compreende-se que tenha concorrido ao lugar de Demonstrador da secção de Ciências Naturais da Faculdade de Filosofia, cargo de que tomou posse em 12 de Abril de 1905. Em 1911, transitou para o lugar de primeiro Assistente e, mais tarde, para o de Professor auxiliar (1929). Em 1932, finalmente, concorreu ao lugar de Professor catedrático de Zoologia, cargo que ocupou até 1935, ano em que foi jubilado.

Como Professor universitário, regeu, com grande proficiência, os cursos de Etnografia colonial (curso livre), Antropologia, Zoologia dos vertebrados, Zoologia médica e Anatomia e fisiologia comparadas, deixando nos seus discípulos as melhores recordações, graças ao seu finíssimo trato e à vasta cultura que tanto o distinguiram.

A obra do Dr. BARROS E CUNHA é extensa e nela se nos revela o humanista, o antropólogo e o zoólogo.

Do valor da obra do humanista falam os seguintes trabalhos:

— *A Literatura Portuguesa (História e crítica)*. Tradução do inglês de Aubrey F. G. Bell. (Em colaboração com Agostinho de Campos). Coimbra, Imprensa da Universidade. — 1931.

— *Vocabulário dos termos gregos de uso frequente em Zoologia e Antropologia*, Coimbra. — 1937.

Os seus merecimentos de antropólogo são bem postos em evidência pelas seguintes publicações:

— *Notícia sobre uma série de crânios da Ilha de Timor*. — 1898.

— *O método estatístico da variação*. Tradução do alemão de G. Duncker. — 1909.

— *O índice facial superior nos portugueses*. — 1914.

— *Sur les différences entre les provinces du Portugal quant aux caractères craniométriques*. (Comunicação à sessão de Toulouse do Inst. Internacional de Antropologia). — 1924.

— *Descrição de um crânio Guanche do Museu Antropológico de Coimbra*. (Comunicação ao Congresso das Associações portuguesa e espanhola para o Progresso das Ciências, Coimbra). — 1925.

— *Observações sobre a população do Algarve oriental.* (Comunicação ao Congresso das Ass. port. e esp. para o Progresso das Ciências, Sevilha). — 1927.

— *Quelques nouvelles observations sur les crânes préhistoriques de Cascaes.* (Comunicação à III Sessão do Inst. Int. de Antropologia, Amsterdam). — 1927.

— *Sur les différences sexuelles dans les indices céphaliques horizontal, vertical, et vertico-transverse.* — 1927.

— *Diâmetros e índices cranianos nos Portugueses.* — 1931.

— *Les squelettes de Condeixa.* (Comunicação ao Congresso Internacional de Antropologia, Coimbra). — 1931.

— *Contribution à la craniologie d'Angola.* (Comunicação ao Congresso Internacional de Antropologia, Coimbra). — 1931.

— *Sur quelques croyances et formules populaires.* Idem. — 1931.

— *Descrição do crânio de um soba Quioco da região de Saurimo.* — 1933.

— *A autenticidade dos crâneos de Timor do Museu da Universidade de Coimbra, e o estado actual dos nossos conhecimentos sobre o problema da composição étnica da população de Timor.* — 1937.

— *O valor dos métodos indirectos de calcular a capacidade craneana.* — 1938.

— *Noticias recentes sobre a população de Timor.* (Comunicação à 4.^a secção do Congresso Luso-Espanhol, Porto). — 1942.

— *Descrição de um crâneo notável do cemitério visigótico da Silveirona.* Idem. — 1942.

Entre os trabalhos consagrados à Zoologia contam-se os seguintes:

— *Estudo sobre Geografia Zoológica, 1.^a parte, Lisboa.* — 1886.

— *Estudo sobre Geografia Zoológica, 2.^a parte, Lisboa.* — 1890.

— *As últimas teorias biológicas.* — 1892.

— *Sur un procédé simple pour la démonstration de la morphologie de l'appareil sexuel des Distomiens.* — 1927.

— *Catálogo descritivo das conchas exóticas da colecção António Augusto de Carvalho Monteiro.* — 1933.

— *Ofídios de Massangulo, distrito do Niassa, coligidos por A. F. Gomes e Sousa.* — 1935.

— *Liste de quelques Tardigrades de Coïmbre.* (Comunicação ao XII Congrès Int. de Zoologie, Lisboa). — 1937.

— *Revisão do catálogo das conchas exóticas do Museu Zoológico da Universidade de Coimbra.* — 1937.

— *Ophidians from Massangulo (Portuguese Nyassaland).* (Comunicação ao XII Congrès Int. de Zoologie, Lisboa). — 1937.

— *Algumas considerações sobre a necessidade de protecção às aves de rapina.* (Comunicação apresentada ao 1.º Congresso Nacional de Ciências Naturais, Lisboa). — 1941.

— *Algumas considerações sobre a necessidade de protecção das aves.* (Comunicação apresentada à 4.ª secção do Congresso Luso-espanhol, Porto). — 1942.

Dado o mérito dos seus trabalhos, compreende-se que muitas Sociedades científicas se tenham sentido honradas em admitir o Dr. J. G. DE BARROS E CUNHA no número dos seus sócios. Assim, era membro do Instituto de Coimbra, da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, da Sociedade de Geografia de Lisboa, da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, da Sociedade Portuguesa de Biologia, da Sociedade Broteriana, do Institut International d'Anthropologie de Paris, da Sociedade Portuguesa de Estudos Eugénicos, etc.

Ao atingir o limite de idade, as suas forças encontravam-se em franco declínio. Apesar disso, a sua actividade científica e o seu interesse pelas manifestações culturais não diminuíram. Por esse facto, continuou a frequentar regularmente os Institutos de Antropologia e Zoologia e a apresentar valiosas comunicações no XIIº Congrès International de Zoologie (Lisboa, 1937), no 1.º Congresso Nacional de Ciências Naturais (Lisboa, 1941), no Congresso Luso-espanhol para o Progresso das Ciências (Porto, 1942), etc.

O seu carinho pela Sociedade Broteriana não esmoreceu também, como é nitidamente demonstrado pelo facto de, em 1944, quando das comemorações do II Centenário do nascimento de BROTERO, ter, apesar do seu precário estado de saúde, assistido com o maior interesse a muitas das cerimónias que foram levadas a efeito.

Os anos foram passando e as forças diminuindo progressivamente. O seu espírito, porém, mantinha-se lúcido e o grande amor pela ciência que cultivou com tanto brilho continuava vivo e ardente como nos belos tempos da mocidade, sendo verdadeiramente enternecedor verificar que, poucos dias antes de cerrar os olhos para sempre, manifestava ainda o mais veemente desejo de assistir ao Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, que deveria ter lugar em Lisboa de 23 a 29 de Outubro! . . .

O Dr. J. G. DE BARROS E CUNHA amou enternecidamente a sua Pátria e a sua Família; idolatrou a sua Universidade, procurando sempre honrá-la por todos os meios ao seu alcance; amou profundamente o seu mister de professor; amou a Ciência que cultivou com tanto desvelo; e amou a terra que os seus Maiores lhe legaram. De todos estes affectos se despediu serenamente, no dia 5 de Outubro do corrente ano, na sua casa de Runa, enquanto que, cá fora, ao sopro dos primeiros ventos outonais, as flores se fanavam nas suas hastes e as árvores deixavam cair as primeiras folhas amarelcidas, como que carpindo a partida do Amigo que a Morte lhes arrebatava para sempre . . .

A. FERNANDES

ACTIVIDADE DOS SÓCIOS

PLANTAS COLHIDAS PELO EX.^{mo} SR. JÚLIO L. LEBOIS FONSECA

(2.^a lista)

POLYPODIACEAE

Phyllitis Scolopendrium (L.) Newm. — Porto Oriental, nos interstícios de um muro de pedras graníticas, s. n., 6-VI-1943.

Anogramma leptophylla (L.) Link — Porto, Campanhã, num talude sombreado de terra solta, s. n., 15-VI-1941.

EQUISETACEAE

Equisetum palustre L. — Vila Nova de Gaia, Oliveira do Douro, terreno pantanoso, n.º 95, 13-II-1943. Nome vulgar no local: Rabo de burro.

GRAMINEAE

Paspalum dilatatum Poir. — Porto, à beira de um campo, n.º 85, 8-VII-1942.

Paspalum distichum L. — Santa Cruz do Bispo, Matosinhos, margem de um campo cultivado, n.º 222, 23-IX-1945.

Oryzopsis miliacea (L.) Aschrs. et Schweinf. — Porto Central, S.^{to} Ildefonso, entre pedras graníticas de casas demolidas e no solo inulto, n.º 203, 24-VI-1945.

Trisetum paniceum (Lam.) Pers. — Porto, esteiro de Campanhã pr. rio Douro, num talude de terra solta, inulto, n.º 131, 13-VI-1943.

Arrhenatherum elatius (L.) Mert. et Koch var. *tuberosum* Aschrs. — Vila Nova de Gaia, Serra do Pilar, inuros graníticos, s. n., 28-VI-1941.

Briza maxima L. — Porto Oriental, Campanhã, terra seca, inulta, n.º 159, 14-V-1944.

Cynosurus echinatus L. — Porto Oriental, Paranhos, terreno arenoso, solto, inulto, de antigo pinhal, n.º 194, 27-V-1945.

CYPERACEAE

Carex glauca Murray var. *leiocarpa* Willk. — Matosinhos, Leça da Palmeira, terreno húmido, compacto, n.º 113, 18-IV-1943.

JUNCEAE

Luzula campestris (L.) DC. — Gondomar, solo inculto, n.º 52, 28-III-1942.

ALISMATACEAE

Alisma Plantago L. var. *latifolium* Gilib. — Matosinhos, terreno encharcado, n.º 212, 22-VII-1945.

LILIACEAE

Merendera Bulbocodium Ram. — Arredores do Porto, Maia, Águas Santas, pinhal aberto, solo solto, s. n., 11-X-1941.

ORCHIDACEAE

Serapias cordigera L. — Leça da Palmeira, areal não longe do mar, nas margens de um riacho, n.º 70, 31-V-1942.

Serapias Lingua L. — Leça da Palmeira, terreno argiloso, húmido, inculto, n.º 59, 3-V-1942.

URTICACEAE

Urtica membranacea Poir. — Porto Oriental, sobre escombros, n.º 183, 11-II-1945.

POLYGONACEAE

Polygonum aviculare L. — Vila Nova de Gaia, frente ao Porto Oriental, terreno húmido, compacto, n.º 165, 28-V-1944.

Polygonum aviculare L. var. *depressum* Meisner — Vila Nova de Gaia, Serra do Pilar, solo seco, solto, inculto, n.º 210, 21-VII-1945.

CARYOPHYLLACEAE

Corrigiola littoralis L. — Porto Oriental, Paranhos, junto a uma parede, solo arenoso e húmido, n.º 140, 29-X-1943.

Illecebrum verticillatum L. — Porto Oriental, num pinhal de solo arenoso, n.º 100, 9-III-1943.

Herniaria glabra L. var. *scabrescens* Roem. — Porto, pr. estrada de Circunvalação, no talude de um campo cultivado, n.º 75, 13-VI-1942.

Spergularia longipes (Lange) Rouy var. *Langeana* Cout. — Vila Nova de Gaia, Oliveira do Douro, Areinho, s. n., 28-VI-1941.

Spergula arvensis L. subsp. *vulgaris* (Boenng.) Koch — Arredores do Porto, São Gemil, Águas Santas, n.º 94, 14-II-1943. — Porto Oriental, Paranhos, num talude de terra seca, n.º 185, 25-II-1945.

Eudianthe laeta (Ait.) Fenzl — Leça da Palmeira, ao norte de Leixões, n.º 60, 3-V-1942.

Silene gallica L. — Porto, Paranhos, na orla de um campo cultivado, n.º 57, 25-IV-1942. — Porto Oriental, Campanhã, numa valeta de uma rua, n.º 112, 17-IV-1943. — Porto Ocidental, solo seco, n.º 149, 7-IV-1944.

Silene scabriflora Brot. var. *sabuletorum* (Link) Samp. — Póvoa de Lanhoso, Castelo, s. n., s. d.

Saponaria officinalis L. — Vila Nova de Gaia, frente ao Porto Oriental, n.º 205, 8-VII-1945.

RANUNCULACEAE

Ranunculus muricatus L. — Arredores do Porto, Fanzeres, n.º 55, 11-III-1942.

PAPAVERACEAE

Fumaria muralis Sonder — Arredores do Porto, Gondomar, n.º 52, 28-III-1942.

CRUCIFERAE

Sisymbrium officinale (L.) Scop. — Porto Oriental, Paranhos, solo solto, inculco, n.º 155, 7-V-1944.

Cardamine hirsuta L. — Arredores do Porto, Maia, Pedrouços, n.º 147, 19-III-1944.

Nasturtium officinale R. Br. — Arredores do Porto, Maia, Águas Santas, num charco, n.º 78, 21-VI-1942.

Cochlearia danica L. — Leça da Palmeira, sobre rochedos, não longe do mar, n.º 142, 30-I-1944.

Teesdalia nudicaulis (L.) R. Br. — Vila Nova de Gaia, Serra do Pilar, solo solto e inculco, n.º 143, 15-II-1944.

CRASSULACEAE

Sedum Forsterianum Sm. — Vila Nova de Gaia, frente ao Porto Oriental, nas fendas de um muro, n.º 129, 10-VI-1943.

SAXIFRAGACEAE

Saxifaga granulata L. — Arredores do Porto, Gondomar, num muro revestido de musgo, n.º 48, 21-III-1942.

ROSACEAE

Potentilla erecta (L.) Hampe var. *vulgaris* Cout. — Arredores do Porto, Ermezinde, solo solto e inculto, n.º 173, 9-VII-1944.

LEGUMINOSAE

Ononis spinosa L. — V.ª N.ª de Gaia, frente ao Porto Oriental, n.º 213, 4-VIII-1945.

Trifolium ligusticum Balbis — Porto, Campanhã, s. n., 14-VI-1941.

Trifolium nigrescens Viv. — Porto Oriental, Foz do Douro, n.º 189, 28-IV-1945.

Trifolium pratense L. — Vila Nova de Gaia, num talude de terra solta, n.º 209, 21-VII-1945.

Trifolium resupinatum L. — Leça da Palmeira, n.º 120, 23-V-1943. — Porto Oriental, Foz do Douro, solo arenoso, n.º 187, 28-IV-1945.

Trifolium subterraneum L. — Porto Oriental, solo inculto, arenoso, n.º 102, 13-III-1943.

Lotus corniculatus L. var. *arvensis* Brot. — Arredores do Porto, Ermezinde, n.º 190, 29-IV-1945.

Ornithopus compressus L. — Porto, Paranhos, na orla de um campo cultivado, n.º 58, 25-IV-1942. — Porto Oriental, num talude, n.º 109, 11-IV-1943.

Ornithopus perpusillus L. — Vila Nova de Gaia, Serra do Pilar, n.º 64, 16-V-1942.

Vicia sativa L. var. *heterophylla* (Presl) Cout. — Arredores do Porto, Valbom de Gondomar, n.º 164, 21-V-1944.

GERANIACEAE

Geranium Robertianum L. — Porto, Paranhos, nas fendas de um muro, n.º 116, 23-V-1943. — Porto, Paranhos, n.º 156, 8-V-1944.

Geranium molle L. — Porto, Paranhos, na beira de um campo, n.º 184, 25-II-1945.

OXALIDACEAE

Oxalis Martiana Zucc. — V.ª N.ª de Gaia, Canidelo, junto a uma parede de pedras graníticas, n.º 172, 18-VI-1944.

Oxalis variabilis Jacq. var. *rubra* Jacq. — Maia, Guinfães, borda de um campo cultivado, n.º 92, 1-I-1943.

LINACEAE

Radiola linoides Roth — Leça da Palmeira, n.º 118, 23-IV-1943.

POLYGALACEAE

Polygala microphylla L. — Arredores do Porto, Gondomar, Fanzeres, n.º 54, 11-III-1942.

EUPHORBIACEAE

Mercurialis annua L. — Arredores do Porto, Matosinhos, S.ª da Hora, n.º 197, 3-VI-1945.

Mercurialis annua L. forma *ambigua* (L. f.) Cout. — Porto Ocidental, margem do Douro, n.º 181, 3-II-1944.

Euphorbia Helioscopia L. — Leixões, terreno alagado, inculto, n.º 114, 13-II-1944.

Euphorbia segetalis L. var. *portlandica* (L.) Cout. — Leça da Palmeira, Boa Nova, solo arenoso, não longe do mar, n.º 88, 26-VII-1942. — V.ª N.ª de Gaia, Praia de Lavadores, n.º 169, 11-VI-1944.

HYPERICACEAE

Hypericum Helodes L. — Leça da Palmeira, terreno muito encharcado no Inverno, n.º 126, 6-VI-1943. — V.ª N.ª de Gaia, Valadares, numa poça de água, n.º 175, 16-VII-1944.

CISTACEAE

Helianthemum alyssoides (Lam.) Vent. var. *vulgare* (Willk.)
Grosser — Porto, Paranhos, num antigo pinhal, solo arenoso,
n.º 193, 27-V-1945.

Helianthemum guttatum (L.) Miller subsp. *variabile* (Amo)
Cout. var. *plantagineum* (Willd.) Cout. — Porto, Paranhos,
n.º 117, 23-V-1943.

VIOLACEAE

Viola silvestris Fries var. *Riviniana* (Reichb.) Cout. —
Arredores do Porto, Gondomar, na base de um muro, n.º 49,
21-III-1942.

LYTHRACEAE

Lythrum Graefferi Ten. — Arredores do Porto, Maia, Águas
Santas, na beira de um campo, junto a um riacho, n.º 89,
1-VIII-1942.

ONAGRACEAE

Circaea lutetiana L. — Porto Oriental, perto do rio Douro,
solo húmido, n.º 134, 13-VI-1943.

Epilobium obscurum (Schreb.) Roth — Arredores do Porto,
Leça do Bailio, na valeta de uma estrada, n.º 81, 27-VI-1942. —
Porto Oriental, Campanhã, nas fendas de um muro, n.º 167,
4-VI-1944.

UMBELLIFERAE

Hydrocotyle bonariensis Lam. — Leça da Palmeira, um
pouco ao norte de Leixões, solo arenoso, n.º 61, 3-V-1942.

Eryngium campestre L. — V.ª N.ª de Gaia, Areinho, n.º 207,
14-VII-1945.

Apium nodiflorum (L.) Reichb. — Leça da Palmeira, na
valeta de uma rua, n.º 127, 6-VI-1943.

Daucus Carota L. var. *maritimus* Lam. forma *seriatus*
(Moris) — Leça da Palmeira, Boa Nova, solo arenoso, não longe
do mar, n.º 87, 26-VII-1942.

ERICACEAE

Erica umbellata L. — Arredores do Porto, Gondomar, Rio Tinto, n.º 80, 21-VI-1942. — Arredores do Porto, Ermezinde, solo xistoso, n.º 191, 24-IV-1945.

PRIMULACEAE

Primula acaulis (L.) Hill — Porto, Campanhã, talude sombreado, n.º 146, 20-III-1944.

Samolus Valerandi L. — V.ª N.ª de Gaia, frente ao Porto Oriental, nos terrenos banhados pelo rio Douro nas marés cheias, n.º 130, 10-VI-1943.

Anagallis arvensis L. — Penafiel, Bostelo, nos interstícios das pedras graníticas do pavimento do claustro da igreja, s. n., 7-VI-1941.

Anagallis tenella L. — Leça da Palmeira, nos charcos, n.º 71, 31-V-1942.

CONVOLVULACEAE

Convolvulus arvensis L. — Arredores do Porto, Maia, Águas Santas, num talude, n.º 135, 20-VI-1943.

BORAGINACEAE

Myosotis caespitosa Schultz — Leça da Palmeira, terreno encharcado, n.º 104, 28-III-1943.

Myosotis versicolor (Pers.) Sm. — Porto, Ramaldes, à beira de um riacho, em solo húmido, n.º 153, 9-IV-1944.

Lithospermum diffusum Lag. — Arredores do Porto, Gondomar, fazendo parte do substrato de um pinhal, n.º 192, 3-V-1945.

LABIATAE

Mentha Pulegium L. var. *tomentella* (Hoffgg. et Link) Cout. — Leça da Palmeira, Boa Nova, solo encharcado, n.º 139, 19-IX-1943.

Mentha Pulegium L. var. *vulgaris* (Miller) Cout. — Arredores do Porto, Ermezinde, n.º 174, 9-VII-1944.

Lycopus europaeus L. — Matosinhos, numa vala da margem de um campo, n.º 138, 11-VI-1943.

Satureja Calamintha (L.) Scheele subsp. *silvatica* Briquet

var. *calaminthoides* (Reichb.) Briquet. — Matosinhos, em terreno seco, n.º 223, 23-IX-1945.

Stachys arvensis L. — Arredores do Porto, S. Gemil, n.º 93, 14-II-1943. — Matosinhos, n.º 101, 13-III-1943. — Porto Ocidental, n.º 150, 7-IV-1944.

Lamium maculatum L. — Porto, Paranhos, n.º 99, 9-III-1943.

Lamium purpureum L. — Porto, Lordelo do Ouro, n.º 96, 20-II-1943.

Brunella vulgaris L. — Porto, Aldoar, num talude da estrada de Circunvalação, n.º 82, 4-VI-1942. — Vila Nova de Gaia, Quebrantões, n.º 206, 8-VII-1945.

Scutellaria minor L. — V.ª N.ª de Gaia, nos interstícios terrosos de um muro de pedras graníticas, n.º 171, 18-VI-1944.

SOLANACEAE

Solanum nigrum L. — Matosinhos, n.º 83, 11-VII-1942.

SCROPHULARIACEAE

Veronica Anagallis L. subsp. *transiens* Rouy — V.ª N.ª de Gaia, lodos da margem do rio Douro, n.º 73, 30-VI-1942.

OROBANCHACEAE

Orobanche Hederae Duby — Porto Oriental, num quintal, na base de uma parede revestida de hera, n.º 124, 31-V-1943.

PLANTAGINACEAE

Plantago Bellardi All. — Porto, Paranhos, no talude de uma rua, n.º 108, 11-IV-1943. — Porto, Paranhos, no talude de uma rua, n.º 152, 9-IV-1944.

Plantago Coronopus L. var. *vulgaris* Gren. et Godr. — Leça da Palmeira pr. Leixões, n.º 107, 4-IV-1943. — Porto, Paranhos, n.º 221, 9-IX-1945.

Plantago lanceolata L. var. *irrigua* (Fischer) Dsne. — Matosinhos, n.º 137, 11-VI-1943. — Porto, Campanhã, n.º 158, 14-V-1944.

Plantago lanceolata L. var. *Timbali* (Jordan) Gaut. — Vila Nova de Gaia, Valadares, n.º 176, 16-VII-1944.

RUBIACEAE

Sherardia arvensis L. — Arredores do Porto, Gondomar, solo inculto, n.º 50, 21-III-1942. — Porto, Lordelo do Ouro, n.º 97, 20-II-1943.

VALERIANACEAE

Centranthus Calcitrapa (L.) Dufur. — Porto, Campanhã, solo inculto, n.º 50, 21-III-1942. — Porto, Lordelo do Ouro, n.º 97, 20-II-1943.

DIPSACACEAE

Scabiosa maritima L. var. *genuina* Lange — Porto, Contumil, n.º 177, 23-VII-1944.

CAMPANULACEAE

Campanula Erinus L. — Porto, esteiro de Campanhã pr. rio Douro, num talude de terra seca, n.º 132, 13-VI-1943. — Porto, Campanhã, nos interstícios de um muro revestido de musgo, n.º 166, 4-VI-1944.

Campanula lusitanica L. — Porto, estrada de Circunvalação, n.º 76, 13-VI-1942.

Jasione montana L. — Arredores do Porto, Valbom de Gondomar, num antigo pinhal, n.º 163, 21-V-1944.

Lobelia urens L. var. *longibracteata* Perez-Lara — Leça da Palmeira, talude de um campo, n.º 128, 6-VI-1943.

Laurentia Michellii DC. f. var. *nana* Hoffgg. et Link — Leça da Palmeira, num terreno encharcado no Inverno, n.º 86, 26-VII-1942.

COMPOSITAE

Eupatorium cannabinum L. — Porto, Paranhos, n.º 218, 26-VIII-1945.

Ergierson canadensis L. — Porto, Contumil, n.º 220, 4-IX-1945.

Anthemis Cotula L. — Arredores do Porto, Maia, Águas Santas, n.º 136, 20-VI-1943.

Calendula arvensis L. — Leça da Palmeira, acima de Leixões, n.º 62, 3-V-1942. — Porto, margem do rio Douro, n.º 182, 11-II-1945.

Carlina corymbosa L. — V.^a N.^a de Gaia, Serra do Pilar, n.º 214, 4-VIII-1945.

Cirsium palustre (L.) Scop. — Leça da Palmeira, terreno encharcado, n.º 123, 30-V-1943. — Matosinhos, S. Mamede de Infesta, n.º 200, 15-VI-1945.

Galactites tomentosa Moench — Porto Oriental, numa vala, n.º 198, 3-VI-1945.

Galactites tomentosa Moench var. *robusta* Cout. — Leça da Palmeira, no entulho, n.º 122, 30-V-1943.

Centaurea Calcitrapa L. — V.^a N.^a de Gaia, Quebrantões, solo arenoso e inulto, n.º 215, 4-VIII-1945.

Tolpis barbata (L.) Gaertn. — Porto, Paranhos, n.º 195, 27-V-1945.

Picris echioides L. — Porto, S.^{to} Ildefonso, nos escombros de uma casa demolida, n.º 201, 15-VI-1945.

Crepis virens L. var. *dentata* Bisch. — Leça da Palmeira, n.º 119, 23-V-1943. — Porto, Contumil, num pinhal, n.º 178, 23-VII-1944. — Porto, S.^{to} Ildefonso, n.º 202, 24-VI-1945.

17
Civiles corporales L. - V. N. de la Casa Santa de Pils
nr. 212 4-VIII-1912

Indice n.º 200 13-VI-1912
Civiles corporales L. - V. N. de la Casa Santa de Pils
nr. 212 4-VIII-1912

Indice n.º 200 13-VI-1912
Civiles corporales L. - V. N. de la Casa Santa de Pils
nr. 212 4-VIII-1912

Indice n.º 200 13-VI-1912
Civiles corporales L. - V. N. de la Casa Santa de Pils
nr. 212 4-VIII-1912

Indice n.º 200 13-VI-1912
Civiles corporales L. - V. N. de la Casa Santa de Pils
nr. 212 4-VIII-1912

NOVOS DADOS SOBRE OS CONFLITOS DE BROTERO

por

A. FERNANDES

Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

COMO já tivemos ocasião de referir em um trabalho anterior (1), a nomeação do Dr. FELIX DE AVELLAR BROTERO para Lente da cadeira de Botânica e Agricultura (decreto de 24 de Janeiro de 1791 e carta régia de 5 de Fevereiro do mesmo ano) não foi acolhida favoravelmente pelos professores da Universidade de Coimbra, em especial pelos da Faculdade de Filosofia. Compreende-se que assim tenha acontecido, pelas razões seguintes:

1) O nome de BROTERO era nessa data pouco conhecido em Portugal;

2) A única credencial científica com que o insigne naturalista se apresentava era o *Compendio de Botanica*, editado em Paris em 1788, e o valor desta obra não era possivelmente bastante conhecido pelos professores de Coimbra;

3) A nomeação de BROTERO, que não era formado nem doutorado pela Faculdade de Filosofia, com dispensa de todas as provas, não poderia ser bem recebida pelo corpo docente da Universidade, constituído na maior parte por pessoas que, para atingirem os seus elevados cargos, tinham sido obrigadas à prestação de provas relativamente difíceis;

4) BROTERO era especializado em Botânica, e, nessa data, as vantagens da especialização ainda não eram suficientemente compreendidas em Portugal;

5) A criação de uma cadeira especial para ser regida por BROTERO representava uma honra de tal modo elevada, que

(1) A. FERNANDES — Desavenças e desditas de BROTERO. *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, vol. XIV, 1945, p. 51-108.



este facto não poderia ter deixado de suscitar o despeito de alguns professores;

6) O Lente de História Natural não deveria conformar-se com a amputação das matérias de Botânica sofrida pela sua cadeira;

7) Alguns Lentes substitutos devem ter-se considerado prejudicados com a inesperada nomeação de BROTERO.

Desta maneira, torna-se compreensível que, ao iniciar as actividades inerentes ao seu cargo, BROTERO tenha encontrado em Coimbra um ambiente francamente hostil. Dada esta hostilidade e o carácter azedo e colérico do nosso naturalista, não admira que, decorridos apenas poucos meses, tenha entrado em conflito pelo menos com alguns dos seus colegas da Faculdade de Filosofia. É prova desta asserção a carta dirigida por BROTERO a LUIZ DE SALDANHA E OLIVEIRA, que tivemos ocasião de publicar em 1945 (1). O conflito continuou por largos anos, porquanto, em 1800, mantinham-se ainda acesas essas desavenças, como se verifica pela carta endereçada ao Ministro de Estado, D. RODRIGO DE SOUSA COUTINHO, pelo Lente substituto das cadeiras de Agricultura e Zoologia, Mineralogia e Botânica, Dr. VICENTE COELHO DE SEABRA SILVA TELLES, e que tivemos também o ensejo de publicar no trabalho acima referido (2).

Não foi, porém, nesta data que o conflito terminou. Pelo contrário, intensificou-se, tendo provavelmente atingido o máximo da sua acuidade em 1803. A averiguação destes factos deve-se ao Ex.^{mo} Sr. Dr. JOAQUIM CARMELO ROSA, actual 1.º Bibliotecário da Assembleia Nacional, que, durante o tempo que zelosamente desempenhou o lugar de 2.º Bibliotecário da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, teve a oportunidade de ali encontrar dois curiosíssimos documentos (Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora: Cod. $\frac{CIX}{1-18}$ fls. 158 a 177), que vêm lançar bastante luz sobre o conflito de que nos estamos ocupando. O Ex.^{mo} Sr. Dr. JOAQUIM CARMELO ROSA copiou os documentos arquivados em Évora e ofereceu essa cópia ao Ex.^{mo} Sr. Prof. Dr. JOÃO PEREIRA DIAS. Por seu turno, o ilustre Director da Faculdade de Ciências, conhecendo o interesse que

(1) A. FERNANDES, *op. cit.*, p. 57-60.

(2) A. FERNANDES, *op. cit.*, p. 61-62.

devotamos ao estudo da vida e obra do eminente botânico, teve a amabilidade de no-la entregar, depois de ter obtido a correspondente anuência do descobridor dos documentos. Cumpre-nos, pois, agradecer penhoradamente aos Ex.^{mos} Srs. Prof. JOÃO PEREIRA DIAS e Dr. JOAQUIM CARMELO ROSA a cedência da referida cópia, cuja publicação nos permite ampliar um dos capítulos do nosso trabalho «Desavenças e desditas de BROTERO», publicado em 1945. Agradecemos também encarecidamente ao Ex.^{mo} Sr. Dr. ARMANDO NOBRE DE GUSMÃO, ilustre Director da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, o valioso auxílio e as facilidades que se dignou conceder-nos.

Os documentos em questão, por onde se pode fazer uma ideia bastante exacta das acusações formuladas contra BROTERO e por este contra os membros da Faculdade de Filosofia e contra a Universidade em geral, são do teor seguinte:

I.^a

Naõ tenho visto, mas ouvido o conteúdo na Carta de Coimbra; e fechando os olhos sobre as intençoens do *Veneravel*, que a dictou, naõ dezejara ver, se naõ a letra do *Adepto*, que a escreveu. Porque quando se ataca a honra de algum Corpo, cada hum dos seus Membros tem direito de vingar a sua reputaçãõ. Quem se mete, por malignidade sua, a fiscalizar o trabalho alheio, naõ deve levar a mal que tambem a elle se lhe fiscalize o seu.

Pergunto pois, *Primò*: se concludio elle já o Compendio de Agricultura, há doze annos que rege aquella Cadeira, e a de Botanica, sem outra pensãõ quotidianna, se naõ a de dar hora e meia de liçãõ; e tendo elle sido, com os pretextos do referido Compendio, e da Classificaçãõ do Jardim, dispensado de assistir aos Actos, e Exames da Faculdade?

Secundò: se publicou elle já a *Flora Lusitana*, que prometteu; percebendo elle do Erario Regio 300\$ r. annuaes, para as despezas das suas viagens, e Excursoenz Botanicas, etc. ?

Quanto ás Liçoens sabe V. S. que essas mesmas pertendeu elle logo dispensar-se d'ellas, assim que entrou a servir a Universidade. E se naõ, lembre-se das instancias que lhe fez para o conseguir; sendo a primeira em Carta de 28 de Março de 1791, onde lhe escreveu assim =

« *A Cadeira*, as formalidades, as visitas, e mil outras couzas,
 « em que eu naõ pensava, me levaõ o tempo todo, e naõ
 « posso adiantar nada no Jardim, nem agora, nem depois;
 « porque vem os *Exames*, que levaõ todo o tempo igual-
 « mente; e as ferias saõ para descansar o espirito. Dezejára
 « ter ao *menos* hum pouco de tempo dos *Exames* aliviado,
 « para ir aos montes... . . . O Ministerio podera attender
 « a isto; veremos. »

Se o que elle pensava de fazer se reduzia a observar, recolher, e arranjar plantas; cultivar, e nomenclar o Jardim;

a que fim se fez graduar, e nomiar *Lente* da Faculdade de Philosophia? Bastava ser contemplado nella, como Mestre do Jardim Botanico de Coimbra; assim como Julio Mattiazzi o era do de Lisboa. Da obrigação d'aquelles Lentes sempre foi ensinar, e examinar os Estudantes. Mas como elle, á excepção da Botanica, nenhuma outra Desciplina Philosophica tinha estudado a fundamento, necessariamente para elle saber perguntar por todas, ou havia de arrebrantar a estudá-las (como lhe aconteceu ao principio) sob pena de revelar-se o mysterio da sua reputação litteraria; ou affectar indulgencia com os Estudantes, para ganhar ao seu partido o maior numero de suffragios; ou fazer a torto, e a direito tudo o que podesse, para honestamente descartar-se dos Exames, como fez; instando oportuna e importunam.^{te}; em quanto não o conseguiu; porque em 17 de Abril do mesmo anno, lembre-se V. S. que lhe escreveu assim =

«Será grande milagre poder eu aqui estabelecer hum
 «Jardim conforme áquelle em que aprendi em París . . .
 «Quando Jussieu com Thouin classárao o Jardim de
 «París, não encontrárao criterios, nem Collegas alguns
 «Botanicos, que não contribuissen para ajudá-los: não
 «tiveraõ, durante este trabalho, mais outra couza que
 «fazer, do que as Liçoenz da Cadeira Botanica. A mim
 «succede-me tudo ao contrario. Da sorte que está creada
 «esta Universidade, he impossivel que tenha homenz
 «grandes em qualquer das Sciencias, que nella se ensinaõ;
 «ao menos nas Sciencias Philosophicas: a falta de uniaõ,
 «a falta de tempo, e de socego de espirito taõ necessario
 «para devidamente observar, seraõ sempre hum grande
 «obstaculo ao progresso dos que aqui professaõ as Scien-
 «cias Philosophicas etc.»

Devia dizer assim; que pondo-se elle entaõ a estudar o que ignorava, para evitar os criterios dos seus Collegas, sería grande milagre restar-lhe tempo para estabelecer em Coimbra hum Jardim semelhante ao de París. Quando Jussieu com Thouin classárao o Jardim de París, não estudavaõ Zoologia, e Mineralogia, Phisica Experimental, e Chimica; porque tudo isto oportebat studuisse, non studere. Da sorte que está creada esta

Universidade, he que pode ter homenz grandes nas Sciencias Philosophicas: aliás terá Lentes de Agricultura, que não tenhaõ lido Phisica, nem Chimica. A uniaõ, quem a rompeu foi elle com o seu orgulho, e não os seus Collegas com a sua paciencia. A quem não gastava por dia mais de hora e meia a explicar, como lhe faltava tempo para observar! etc. Passo ao seguinte Paragrafo da m.^{ma} Carta. »

«Tenho que trabalhar em hum breve rezumo de noçoens «geraes de Agricultura, por não me agradarem os «que há impressos conhecidos por mim; mas que tempo «terei eu para isso, com as formalidades, e obrigaçoenz «annexas ao meu Lugar? Eu compáro esta Universidade a «hum grande Collegio, bem semelhante aos que há em «París para os Estudos menores; nos quaes se examinaõ «no fim do anno os Rapazes. Não quero dizer mais; V. S. «tem viajado, e sabe entender o resto que cálo. »

De maneira que o S.^r Rei D. Joze 1.^o, quando ordenou os Exames annuaes nas Desciplinas dos Cursos respectivos, pelas razoenz expendidas na Letra Original dos Estatutos, que se lhe prezentáraõ, e que S. Mag.^o confirmou, para terem força, e vigor de Leis, entendeu que tambem com esta, entre as outras Providencias Litterarias, que constaõ do Corpo d'aquelles Estatutos, reformava, ou antes creava de novo aquella Universidade. Elle, que não expende as razoens de reprovar nesta parte o disposto nos ditos Estatutos; antes prometeu de respeita-los, e observa-los inteiramente sob o Juramento do seu Grau, e debaixo da pena do Desagrado Regio. Elle, digo eu, compára, e diz que a compára a hum grande Collegio de Paris para os Estudos menores; nos quaes se examinaõ no fim do anno os Rapazes etc.

Ainda aqui não pararaõ as suas diligencias, para se aliviar, ao menos do trabalho dos Exames; porque na seguinte Carta de 24 do mesmo mez de Abril, e anno, não deixou de encomendar-se na lembrança de V. S., escrevendo =

«Os meus dois objetos de cuidado são deixar a esta «Universidade hum sufficiente Jardim Botanico; e dar hum

« menos máu principio á Cadeira de noçoens geraes de
« Agricultura ; se acazo me derem algum tempo de repouzar
« para isso ; aliás arruinarei a minha saude, e não farei
« nada. »

Como não fez ate hoje ; porque tal Compendio ainda não
apareceu ; o Jardim sim está prosseguido, mas não acabado ;
a Classificação está completa, não de plantas, se não de lugares
para ellas ; sendo certo. ã. com os Actos, e Exames da Facul-
dade, não tem elle arruinado a sua saude.

O Compendio que era da sua obrigação desde então ate
agóra, não o tem elle concluido. O que não era da sua obri-
gação, como certamente não era, calumniar, e metter a rediculo,
assim os seus Collegas, como o Corpo inteiro da Universidade.
Isso sim ; pontualmente o cumprio desde o primeiro inst.º que
ali chegou, e recebeu a honra de Membro d'aquella Corporação,
não para a agradecer, e desempenha-la, como convinha, se não
para a prostituir, e enxovalhar por escrito, e de palavra, como
sempre fez. Suprimo as personalidades, que melhor fora por
honra sua, do seu character, e das suas Letras, não as ter tido
com os seus Collegas. Com semelhantes armas só triumphão as
linguas acres, e mordazes, como a sua.

Pergunto em segundo lugar, que he da Flora Luzitana,
que prometteu ? Dez annos, de dia a dia levou elle a espremer-
-se para a dar á luz ; e isto com dores, e gemidos taes, e tão
desentoados, que eu (de mim o confesso) esperava certamente
por algum parto gigantesco. Eis se não quando no anno de
1801 o Gigante que nasceu, foi da sua Phitographia Luzitana
o primeiro feixinho, como elle diz, *Fasciculus primus* de 35
plantas, e nada mais ; porque a respeito da *Flora* ainda então
a apromptava, *Flora Lusitanica, quam paro*.

O que fez em França, durante os doze annos, que lá
esteve, foi traduzir e explicar em Portuguez a *Philosophia*
Botanica de Linneo, e Reus, em os dois grossos volumes que
publicou em 1788, e intitulou = *Compendio de Botanica*. O que
tem feito em Portugal, há outros doze annos a esta parte, saõ
os *Principios de Agricultura Philosophica*, que para quem tem
lido as *Philosophias Botanicas* do tempo, sabe V. S. as vanta-

genz, que d'elles tira. Nem será facil afastá-lo muito longe d'elles, e da sua Nomenclatura; porque as especulaçoens philosophicas lhe fazem o miolo em agoa. Por isso recêa prudentemente figurar, não no texto, se não nas notas de alguma memoria semelhante á dos prejuizos das sepulturas nos Templos, e do methodo de os prevenir. Talvez por este motivo não tenha elle ajuntado ás suas noçoens geraes de Angiologia, e Phisiologia das Plantas, as regras philosophicas da Pathologia, e Therapeutica vegetal; a sua Hygiene, ou Agricultura prophylatica, etc. Onde estaõ ali os principios da Agriologia Chymica, e da Economia Rural? Com isto se sahio á luz em 1793. Oito annos depois, appareceu, como disse, em 1801 o *Fasciculus primus* da *Phitographia Luzitana*. Ultimamente o anno passado traduzio do Inglez o Folheto de Guilherme Forsyti, sobre as doencas, feridas, e outras imperfeicoes das arvores fructiferas, e silvestres. E he este o Fiscal dos trabalhos litterarios da nossa Universidade?

Entre tanto porem na Faculdade Philosophica, alguns de seus Collegas ignorantes, e madraços, como elle diz q̃. saõ, não tem deixado de cumprir, se não o que devem ao menos o que podem. Dos Escritos de V. S. não lhe digo nada; porque dos filhos de cada hum ninguem sabe melhor do que seu Pai. Do Senhor João Antonio Dalla-Bella, que não está presente, he o Opusculo, que imprimio da Electricidade atmospherica; saõ as Memorias que publicou a Academia Real das Sciencias de Lisboa; huma sobre a cultura das Oliveiras; e outras sobre o modo de aperfeiçoar a manufactura do Azeite em Portugal. Ultimamente saõ mais duas memorias sobre a Força Magnetica, e os Elementos de Phisica, por onde se ensina na Universidade.

Do Senhor Antonio Soares Barboza já defunto, foi em 1768 o Discurso sobre o *Bom Gosto* na Philosophia. Em 1791 a Memoria sobre a causa da Doença chamada *Ferrugem* das Oliveiras. (*) Em 1797 outra sobre o *Hygrometro Vegetal*. E finalmente os Elementos de *Philosophia Moral*.

(*) As datas d'estas Memorias, pela maior parte, saõ de quando as publicou a Academia, e não de q.^{do} as escreveraõ seus Autores.

Do S.^{or} Francisco Antonio Ribeiro de Paiva, são as Introduções, com as Taboas Zoologicas de 1794.

Do S.^{or} Constantino Botelho de Lacerda, he entre as Memorias premiadas em 1787, e 88, a dos meios mais convenientes de suprir a falta dos Estrumes Animaes, onde he difficultozo have-los: Memoria, que em similhante Artigo algum trabalho poupava ao S.^{or} Brotero, para expedir o seu Compendio de Agricultura. Tambem são as Memorias de 1790 sobre a cultura das Vinhas de Portugal; e a de 1791 sobre a decadencia da Pescaria de Monte-Gordo, etc.

Do S.^{or} Thome Rodrigues Sobral, he o Tratado das Affinidades Chemicas, por onde as ensina aos seus Descipulos; a Analyse das Aguas ferreas de Val da Mó; e julgo que breve se imprimirão os Elementos de Chimica, que elle já tem divulgado.

Do S.^{or} Vicente Coelho de Seabra são os Elementos de Chimica de 1788, com a Dissertação sobre o Calor; a Memoria sobre a cultura das Videiras, e a manufactura do Vinho, premiada em 1790, e da cultura do Ricino, e manufactura do seu oleo em 1791. Outra sobre as diversas Abelhas que dão mel, proprias do Brasil, e desconhecidas na Europa, de 1799. Outra sobre os prejuizos das Sepulturas nos Templos, e o methodo de os prevenir, de 1800.

Ultimamente do S.^r Manoel Joze Barjona são os Elementos de Metallurgia de 1798. Comparem-se com algunz d'estes os Escritos todos do S.^r Brotero; e mostre elle por outra parte em como algum dos seus Autores, ou recebeu para os escrever pensão alguma annual, ou foi dispensado de assistir aos Actos, e Exames da Faculdade; assim como elle o tem sido para escrever a Flora, e o Compendio, que ainda não apparecerão.

Mas nada d'isto, a seu ver, val a pena da Classificação. Arranjar, e nomenclar plantas, oh que impagavel trabalho! Sendo que nomencladas achou elle as Exoticas, que ali haviaõ; e nesta parte o que fez de novo foi substituir aos numeros,

que achou notados em hastes de madeira, os nomes systematicos, e vulgares, q̃. elle fez escrever em etiquetas de folha de ferro, com os sinaes botanicos da sua duraçãõ; e as fachas de cores, que enunciaõ os seus uzos Alimentares, Medicos, e Economicos. Para as outras plantas do Reino, em quanto não se acabavaõ as obras do Jardim, serviaõ d'elle os suburbios de Coimbra; e tambem nestas o que achou elle que emendar em Nomenclatura Botanica? Elle o confessou na mencionada Carta de 28 de Março de 1791.

« O D.^r Joze Jorge tem hum vasto Herbario das plantas do « Reino, e Exoticas; e tem tido o cuidado de as reduzir « aos seus nomes verdadeiros. »

E na outra Carta de 24 de Abril do mesmo anno. =

« Este moço tem talento, e paixãõ pela Botanica. He o « que dizem ter aqui feito mais estudos nesta Sciencia, « e eu o creio; porem como o persuadiraõ de que lhe « tinhaõ feito injustiça com a minha nomiaçãõ, não o tenho « podido conciliar a ser menos meu antagonista; o que não « deixa de me desgostar, porque me parece poderia vir a « ser muito util á Universidade, se conigo fizesse sincera « harmonia. »

Taõ atrevido era o conceito que de si fazia, e dos seus Estudos!

Sem ir com as maos á cara de seus Collegas, hia V. S. regendo as suas duas Cadeiras de Chimica, e de Historia Natural: dirigindo as fundaçoenz dos Reaes Museos, Jardins Botanicos, e Laboratorios Chemicos de Lisboa, e de Coimbra: entretendo as correspondencias Litterarias com os Sabios do seu tempo: estimulando, e auxiliando os trabalhos scientificos da nascente Academia Real das Sciencias de Lisboa: preparando os Planos das Viagens Philosophicas dentro, e fóra d'este Reino: e manifestando-se em seus Escritos periodicos, nunca solícito de seu nome, e da sua fama: sempre alto Pregoieiro, e Sacrificador de si mesmo ate á simples curiosidade alheia. Hia o Sr. João Antonio Dalla-Bella desempenhando as

funções do seu Magisterio; observando os defeitos da cultura dos Olivaes, e da manufactura do Azeite; escrevendo as suas Memorias para o uzo da Academia de Lisboa, e os seus Compendios de Phisica para o uzo da Universidade; arrançando, e nomenclando o mais vasto, o mais rico, e o mais aceado de todos os Gabinetes Phisicos da Europa, do qual deixou o Catalogo, mas não o exemplo de ter sido para tudo isto dispensado de assistir aos Actos, e Exames etc.

Quanto ao Jardim, quem há que ignore, que de ordem do S.^r Rei D. Joze 1.^o, o fundou S. Ex.^a o S.^{or} Bispo Conde, então, como agora, Reformador Reitor da mesma Universidade? Quem não sabe que V. S. o principiou de hum modo compativel com o numerario de hum Cofre, que se estava ao mesmo tempo esvaindo em outras muitas despezas iguالم.^{te} uteis, e necessarias, com as obras do Museo, o Laboratorio Chimico, o Hospital, o Observatorio Astronomico, a Oficina Typographica etc.? Quem não vio, que por impedimento seu de V. S. o prosseguio o S.^{or} Dalla-Bella, tambem como pôde, e como lhe permittiraõ as emissoens pecuniarias do referido Cofre? E que o S.^{or} Brotero o que fez de novo foi parte do terrapleno do Plano inferior, onde tem classificado as plantas; saõ as tres escadas para o Plano superior; he o acrescentamento da muralha divizoria, com o seu passeio, e janelas; e ultimamente a Estufa nova?

O que não obstante, p.^a o Jardim se dar por acabado, quanto ás obras, falta-lhe ainda mais do que se tem feito; porque lhe falta a segunda Estufa, para entre ambas se alçar a caza delineada, para servir de Escola de Botanica. Faltaõ-lhe os dois Planos superiores, com os seus tanques respectivos; o depozito das aguas, e os seus precizos aquedutos; a escada da entrada principal para o referido Jardim; o viveiro das plantas etc.

Quanto á classificaçaõ, falta certamente mais d'ametade das plantas com que se contou; porque estando promptos, e dispostos para ellas só no Plano inferior, bons 3940 lugares; d'estes não nos consta que estejaõ hoje occupados 1970; e nos que o estaõ se comprehende toda a casta de plantas; entre as Exoticas, que ali achou o S.^r Brotero, com as que tem conti-

nuado a receber do Real Jardim Botânico de Lisboa, e a maior parte das Indígenas, que elle tem recolhido; assim nas suas viagens pelas Provincias do Reino, como em algumas das suas Herborisações pelos vallados, e monturos suburbanos de Coimbra: d'onde tem transplantado para os seus parallelogramos do Jardim a Madre-Silva, o Meimendro, as Ortigas viva, e morta, os Pepinos de S. Gregorio, os Cachos de Rato, e os Conchellos.

Oh que se mais se dera, mais se fizera! E isto que hoje repete já entãõ o dizia nas referidas Cartas.

«Prezentemente a Universidade cuida em fazer hum
«Observatorio no Pateo. D'aqui rezulta haver menos di-
«nheiro p.^a os gastos do Jardim, e querer-se que se vá
«muito lentamente com elle, na forma do costume. V. S.
«conhece o modo com que aqui se tem procedido a res-
«peito de gastos; e os obstaculos q̃. se encontraõ de
«continuo, para a execução de muitas couzas uteis.»

Mas não he isso o que consta dos Livros da Contadoria Geral da Junta da Fazenda, onde páraõ as Folhas originaes das Despezas das obras do Jardim Botânico; as quaes se tem pago por ordem da m.^{ma} Junta. Que se lhe mostre a Conta do que se tem dispendido, em os 12 annos da sua Administraçãõ, e verá que não correspondem a taõ avultadas Despezas taõ atrazadas Obras. E quando isso assim fosse, de lhe terem faltado os meios para as adiantar, como convinha; isso mesmo com mais razãõ, e verdade lhe tem dito os seus Predecessores, e elle não tem cessado de insulta-los, tratando-os de ignorantes, e negligentes. Não julgue, e não será julgado; como julgar os outros, assim o haõ de julgar a elle, que aliás não se lhe dará d'isso, huma vez que teve o descaramento de fazer gravar sobre hum dos Porticos do Jardim a Inscriptãõ que fez de propozito para escurecer até a memoria do trabalho alheio; inculcando-se elle a si, e só a si, debaixo do Soberano Nome de S. Mag.^o; como se para honrar a Filha fosse preciso roubar ao Pai a piquena gloria d'aquella fundaçãõ. E como se a gloria propria, Ella em tudo quanto fez, não a tirasse de Si Mesma;

das suas Qualid.^{es} Pessoaes; do amor dos seus Povos, e da Sabedoria do seu Reinado.

Naõ digo o mais, e o melhor, por que tambem eu o rezervo para o fazer escrever em Alemaõ, que sendo o Hebraico da Europa, he a Lingua Oriental dos Videntes, Reformadores, e Reformados. A propozito d'isto lembra-me a fuga d'elle para França; e tambem me lembra o porque. Quem naõ respeitou o Divino, como hade respeitar o humano?

Sou de V. S.

Etc.

Em 27 de Abril
de 1803

II.^a*Filos Tão Falso*

Vejo o que ouvia; porque recebo de Coimbra a *Tremenda* do S.^{or} Brotero. Analise-mo-la como merece; e fico que ao seu Autor não deveremos nada do que lhe restamos Enthusiasmado como está este homem, de ser elle só o Reformador de todos, não haverá ninguem que o reforme a elle?

Remetto (principia elle) 17 Cadernos da continuação da minha Flora Luzitânica; brevemente espero remetter os outros respectivos ás duas ultimas Classes, que faltaõ para concluir a dita Flóra.

Ainda agora, Sr. D.^{or}? Algum bizoiro lhe zunio á orelha; e assim mesmo ao cabo de 12 annos ainda não remette os Cadernos respectivos ás duas ultimas Classes ã. faltaõ.

Vertigens, e muitas outras indispoziçoens que sofri neste Inverno, por cauza do muito trabalho da Aula, e applicaçõens assiduas, me não permittiraõ ter acabado a Obra, como muito dezejava.

Vertigens no Inverno de 1803 não lhe permittiraõ acabar a Obra, que principiou em 1791! Purgue-se, como deve, tome diluentes, e refrigerantes, que cessaraõ as vertigens de que se queixa. Indispozição de estomago, grossura de sangue, e humor atrabiliar saõ as cauzas d'ellas; e não o muito trabalho da Aula, que não passa de hora e meia por dia. Guerra com todo o Mundo; porem sempre paz com os Medicos. Consulte os S.^{res} Navarros, ã. como não seja aprovar algum reprovando, em tudo o mais sempre foraõ officiozoz com os seus Collegas, e não lhe haõ de levar nada pelas Receitas.

Nota: Segundo nos informou o Ex.^{mo} Sr. Prof. Dr. CARLOS SIMÕES VENTURA, a epigrafe grega que encima esta carta (*vide Est. I*) tem o seguinte sentido: *Um amigo ao seu amigo.*

Agradecemos reconhecidamente àquele nosso Colega a informação que teve a amabilidade de nos transmitir com a maior solitudine.

Quanto ás suas applicaçoes assiduas, a que objeto se referem ellas? Se á Flora, bastante vagar tem tido para a fazer: se ás Liçoens de Agricultura, elle as tem explicado em tiras de papel, e não em Compendio que tenha feito: se ás Desciplinas subsidiarias da Cadeira de Botanica, e Agricultura, essas já se lhe disse que oportebat studuisse, non studere.

Eu já não tenho aqui aonde pôr plantas; o local que resta está todo cheio de entulhos, caliças, e pedras; e de proposito se teima em não querer dar-me os meios p.^a o preparar.

Mente S.^{or} R.^{do}, e hajaõ vista as Folhas das Despezas do Jardim, que se tem pago por ordem da Junta da Fazenda. Ver-se-há, que sem recordar atrazados, só há cinco annos a esta parte, tem a Universidade dispendido o melhor de 20 contos de reiz..... Se com similhante Despeza ainda o Jardim está cheio de entulhos, e de caliças, isso verdadeiramente procede não de falta de dinheiro, se não de descuido de administração. Quanto mais, a quem quer elle persuadir, ã. já encheu os lugares do Plano inferior, com as plantas com que contou?

Não ha no Jardim mais do que huma muito piquena Estufa, apenas para cem Vazos, a qual mandou fazer o Principal Castro, e não me querem conceder que faça outra, nem ao menos hum abrigadeiro; por isso perdi neste Inverno com as geadas mais de trezentas especies Exoticas.

Porque razão não fez elle se não huma estufa, podendo fazer duas em tempo do S.^{or} Principal Castro, que tanto o protegeu, e auxiliou? E se não fez se não huma, porque razão não a fez maior, e capaz de mais de cem vasos? Quem a requereu? Quem a delineou? E quem a fez executar se não elle? E se neste Inverno perdeu mais de trezentas especies Exoticas, ande lá que não foi tanto por falta de abrigadeiro, como de zelo, e cuidado seu, e do seu Joaquim.

Joze Monteiro, a pezar de passar continuamente pela porta do Jardim, indo para a sua Quinta, teima em não querer entrar dentro d'elle; e desde que acabou o Reito-

rado do Principal Castro, ainda nelle não entrou huma só vez; nem mesmo quando o Duque do Infantado a elle veio; pois antes quiz passar por grosseiro, despedindo-se d'elle no Museo, do que acompanha-lo ao Jardim. Tal he o odio, e o desprezo com que trata este Estabelecimento!

M.^r Brotero! Vós não aprendesteis em Paris este modo grosseiro, e incivil de tratar o vosso Prelado! Quando o S.^r Joze Monteiro da Rocha não se fizesse recomendavel se não pelo Lugar q̃. occupa; vós por isso mesmo o devieis tratar com mais decencia, e veneração; e quando o seu talento não fosse, se não mediocre, devieis respeitar ao menos as suas Virtudes. Não entrou nunca no Jardim, depois do Reitorado do S.^{or} Pr.^{al} Castro, para não observar elle mesmo os descuidos da vossa Administração; e observando-os ver-se obrigado a reprehender-vos. Se não acompanhou ao Duque do Infantado, quando elle foi ao Jardim, bem podia ser que o fizesse por etiqueta, a qual vós não entendeis, como Professor que sois de Re Rustica, e não de etiquetas de Cortes, e de Universidades. Depois de elle ter acompanhado ao Duque Hespanhol, o que faria de mais ao Principe Regente Nosso Senhor, quando lá fosse? Com tudo elle não deixou de acompanhá-lo, se não com o motivo da indisposição que padecia.

O seu systema he de deixar arruiná-lo (o Estabelecimento do Jardim), e não menos a Botanica na Universidade: elle não cessa de clamar nas Congregaçoens de Philosophia, que a Botanica, segundo o ultimo Decreto, deve ser reunida com a Zoologia, e Mineralogia, como era d'antes nos primeiros annos da Universidade reformada; isto he reduzida a quinze Liçoens, ou pouco mais.

Diria melhor se dissesse assim = que o seu systema tem sido de soffre-lo a elle com paciencia, huma vez que assim o permittiraõ os Fados da Universidade: *Sic Fata tulerunt!* Se o Prelado não cessa de clamar, que se reuna a Botanica com a Zoologia, e Mineralogia, será por ter observado, que tendo crescido a Despeza com o Ordenado do Lente da Cadeira separada, os progressos dos Descipulos de hoje, não excedem

aos de entaõ, quando ella estava reunida; e aproveitavaõ quinze Liçoens pouco menos, do que hoje aproveitaõ cento e quarenta. Arruinar-lhe os projetos de sua avareza particular, pretextados com a Botanica, não he o mesmo que arruiná-la a ella. Suprimo a calunnia da prizaõ do Pedreiro, pelo motivo que diz; porque me cahem as faces de vergonha, não sei se de haver quem diga tal, se de quem o ouça, e o acredite.

Para mais me desgostarem, ate me privaraõ d'essa piquena Graça que S. A. R. me tinha feito, em me mandar satisfazer para renda de cazas o mesmo que se pagou ao D.^r Vandelli meu Antecessor; renda que se me tinha promettido.

O que se lhe tinha promettido, e se mandou cumprir, foi pagar-lhe a renda das cazas, como se tinha pago ao S.^r D.^r Vandelli, não a mesma renda d'aquellas, não sendo estas do mesmo preço. Desemboçar des, e arrecadar vinte he gatunisse. Tratar de piquena a Graça ã. se lhe fez, de se lhe mandar pagar renda de cazas, he insultar por huma parte a Liberalidade de S. A. R., que a desperdiçou com elle; e por outra parte a singularid.^e da m.^{ma} Graça. E porque razaõ a elle, e só a elle devía a Universidade pagar renda de cazas? Era algum Estrangeiro, a quem se tivesse desacommodado da sua caza, e expatriado do seu Paiz, para vir honrar o nosso com o seu Magisterio? Coitado! Alto favor lhe fazia a Patria em o recolher ao seu gremio, depois de elle ter dezertado d'elle; e porque?

A minha saude com este, e outros desgostos que tenho aqui tido; e juntamente com o muito trabalho, está bastantemente arruinada; e antes que ella acabe de todo de se arruinar, solicitarei neste Veraõ de S. A. R. a permissaõ de me deixar acabar o resto da minha vital carreira, com mais serenidade de espirito, e livre de desprezos em algum cantinho da terra retirado, e conversando com os meus innocentes vegetaes.

Para que he tanta verbiagem, como esta? Se intenta pedir a demissaõ da Cadeira, e do Jardim de Coimbra, com o olho no de Lisboa, faz bem, que isto de quem mais perto está do

lume, mais de pressa se aquece; porem veja q̃. tambem mais de pressa se queima. Fóra d'esse cazo, em algum cantinho da terra he que he o viver, como em Alemquer; e com os seus innocentes vegetaes he que he o conversar; que isto de velhacos com velhacos, em se conhecendo hunz aos outros, mutuamente se repellem e não se dão quartel no terreno que desfrutaõ. Os Russos de hoje já não são Fungos, nem pedras, como d'antes. Mas para que he condenar-se elle a si mesmo a viver em algum cantinho da terra? Não está ahi Amsterdaõ, ou Londres, ou París, que sempre foraõ o Jardim de Eden, para os nossos Padres tristes, e descontentes?

Tem transpirado aqui pelo Conego Irmaõ do D.^r Alexandre, que se dezeja empregar o d.^o D.^r nesta Universidade, e que este o dezeja igualm.^{te}, para vir assistir com seu Irmaõ, e cuidar assim melhor nos interesses de seus filhos. He provavel que sendo assim o destinem para a Cadeira de Botanica reunida com a Zoologia, e Mineralogia, jubilando o Lente Paiva, que sollicita fortemente a sua Jubilação. *Fiat, fiat; será optimismo.*

O Dr. Alexandre nunca foi homem de desacomodar a ninguem. Não o tem provocado a elle, assim como elle não cessa de provocar a todo o Mundo. Para saciar sua ambição, se a tivesse, he provavel q̃. não daria tamanha pancada em seu descuido, deixando o serviço do Paço de Lisboa, pelo das Escolas de Coimbra. Huma ingrátidaõ como essa não lhe mereciaõ certamente os aitos beneficios que S. A. R. lhe tem feito. Por conta da sua Piedade, tem ate agora corrido elle, e seus Irmaos; e espera que continuem a correr os interesses de seus filhos; contemplando nelles, ao menos, a viagem que mandou a seu Pai fazer, ao fim do Mundo do Brazil, para executar principalmente os artigos secretos da sua Commissão. A qual sobre a fe dos mais authenticos Documentos, póde o S.^r Brotero estar certo, que elle desempenhou na forma que se tem exprimido o mesmo Principe N. S. por escrito, e de palavra. Não com palavras escassas, e taxadas, como costumaõ os Principes, se não mt.^o liberaes de honra, e de proveito.

Este D.^r, nem mesmo as plantas treviaes do seu Paíz conhece. O *Hibiscus esculentus* do Jardim da Ajuda, que os dois D.^{res} teimaraõ contra mim, que lá estava bem nomenclado, he o *Hibiscus Manihot*. As sementes do verdadeiro *Hibiscus esculentus*, q̃. me vieraõ do Rio de Janeiro, de Madrid, e de Londres, tem confirmado evidentemente.^{to} esta minha asserçaõ. »

A quem fará crível similhante Testemunha, que não digo hum Botanico Europeo, como o S.^r Vandelli; mas qualquer Carióca não conhece o *Quiábo* para os Carerús do Brazil, ou por outro nome o *Quingombó* dos Negros do Congo, e de Angola? Para se fazer verosimil huma caricatura d'estas, haõ de-se engenhar as figuras, nem taõ calvas que lhe appareçaõ os miólos. Perguntei-lhe por esta historieta, e respondeu-me com a sua costumada ingenuidade.

Que elle em materia nenhuma, e m.^{to} menos na Botanica, tivera nunca a vaidade de ser, e parecer *Sophos*, se não *Philosophus*: que com similhante D.^r nunca tinha perdido tempo em lhe fallar a propozito, pela estulticia que lhe conhecia, de viver como vive, taõ satisfeito de si, e só de si: que sim tinha huma vez cahido na fraqueza de arrazoar com elle no Jardim da Ajuda; porem fora a respeito do *Spilanthus oleráceus*, ou *Jambu* do Pará, e não do *Hibiscus*, de que se trata: que al fim elle já tinha adquirido huma perfeita parlezia de espirito, para se não envergonhar de o não terem em conta dos Sabios Herbolarios do seu tempo, e do seu Paíz. Do seu tempo, por ser tal que os homens daõ huns aos outros, mais que fazer, e observar, do que as plantas. Do seu Paíz, por que, álem de outras principaes razoenz que elle cála, depois que Portugal se fez Mineiro, largos dias tem cem annos, p.^a o transformar em Agricultor.

Voltemos a elle, que continua dizendo =

Em quanto o Jardim da Ajuda não tiver hum bom Botanico, e o Museo hum Sabio Zoologista, e hum verdadeiro Mineralogista, taes Estabelecimentos serviraõ mais de

descredito á Nação, do que de honra, e utilidade. Estes tres Naturalistas são indispensaveis; e no cazo que em Lisboa se haja de estabelecer algum dia hum Curso Philosophico, como he de toda a neccesid.^e, o numero dos ditos Naturalistas deverá ainda ser aumentado.

Naõ diz nada de novo; porque essa trempe já todos sabem que há muito se anda armando; bem entendido que fazendo elle huma perna d'ella. Meta S. A. R. dentro em sua Corte, e Caza Zoologistas taes, e Botanicos, e Mineralogistas; e verá as raridades que lhe descobrem; se he que já algumas d'ellas se naõ tem descuberto a si mesmas. Porem *fiat, fiat; será optimismo*. Prezentemente em Lisboa, o que he de toda a neccesid.^e he dinheiro para se amortizar a divida Nacional, e naõ para o londreamos os Naturalistas do Curso Philosophico, que se propoem.

Quanto a novidades d'esta Universidade, posso assegurar com a opiniaõ geral, que ella se acha em summa decadencia, e bem como antes da Reforma; á excepção da obrigaçã que tem os Estudantes de frequentar. Grandes Ordenados, e Premios dados aqui a pessoas de muito fraco merecim.^{to}, tem desanimado os benemeritos naõ premiados, principalmente nas Sciencias Positivas; de tal sorte que na maior parte do tempo lectivo, os Lentes Proprietarios, e mesmo os Lentes Substitutos, deixaõ de ir ás suas Aulas respectivas: as Liçoens por consequente estaõ abandonadas a Opozitores novos, ordinariamente de muito curtas luzes; e por isso nos poucos momentos que se demoraõ nas Aulas, servem aos Estudantes sómente de rizadas; e se tem visto por isso muitas Aulas fechadas durante algumas semanas. »

Vista ás Partes, para responderem em termos.

O Cofre da Universidade está carregado com a despeza de quarenta mil cruzados de mais annualmente, com decadencia conhecida da Instrucção Publica; sendo huma voz geral de todo o Corpo Academico, que se isto

continua mais algum tempo, não só porá as rendas da
Universid.^o na agonia; mas igualm.^{te} o seu ensino publico.

Responda o Fiscal da Faz.^{da} da Universidade. »

Lisboa em 3 de Maio de 1803.

Como o leitor já deve ter verificado, estes documentos, que revestem a forma de cartas, apresentam-se envolvidos por um certo mistério, pois que não são assinados, nem mencionam o nome da pessoa a quem eram endereçados. Para nós, porém, é absolutamente seguro que estas cartas eram dirigidas a DOMENICO AGOSTINO VANDELLI, Lente jubilado da Faculdade de Filosofia, que, ao tempo, desempenhava o lugar de Director do Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda, em Lisboa. É prova frisante desta nossa convicção a passagem do primeiro documento, em que se diz: «Sem ir com as maos á cara de seus Collegas, hia V. S. regendo as suas duas Cadeiras de Chimica, e de Historia Natural: dirigindo as fundaçoens dos Reaes Museos, Jardins Botanicos, e Laboratorios Chemicos de Lisboa, e de Coimbra: entretendo as correspondencias Litterarias com os Sabios do seu tempo: estimulando, e auxiliando os trabalhos scientificos da nascente Academia Real das Sciencias de Lisboa: preparando os Planos das Viagens Philosophicas dentro, e fóra d'este Reino: e manifestando-se em seus Escritos periodicos, nunca solicito de seu nome, e da sua fama: sempre alto Pregoieiro, e Sacrificador de si mesmo ate á simples curiozidade alheia», que se aplica inteiramente a VANDELLI, visto ter sido este professor que regeu as cadeiras de Química e de História Natural, dirigiu as fundações dos Museus, Jardins Botânicos e Laboratórios Químicos de Lisboa e Coimbra, foi um dos fundadores da Academia das Ciências de Lisboa e colaborou na elaboração do plano das viagens filosóficas (1).

Uma outra passagem, que se lê um pouco mais adiante no mesmo documento, indica também claramente VANDELLI: «Quanto ao Jardim, quem há que ignore, que de ordem do S.^r Rei D. Joze 1.^o, o fundou S. Ex.^a o S.^r Bispo Conde, entaõ, como agora, Reformador Reitor da mesma Universidade? Quem não sabe que V. S. o principiou de hum modo compativel com o numerario de hum Cofre, que se estava ao mesmo tempo esvaindo...».

Não existem, pois, dúvidas quanto ao destinatário. Mais difícil, porém, é averiguar quem teria escrito as cartas. Trata-se,

(1) Vide JOAQUIM AUGUSTO SIMÕES DE CARVALHO — Memoria Historica da Faculdade de Philosophia. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1872.

evidentemente, de uma pessoa muito versada em Botânica, que acompanhava *pari passu* o que se fazia no Jardim Botânico de Coimbra e que tinha um conhecimento exacto do que se passava na Faculdade de Filosofia. Parece, portanto, que deveria tratar-se de um elemento em serviço activo na Faculdade. Dada a animosidade que muitos dos colegas nutriam por BROTERO, nada custaria a considerar verosímil esta hipótese. No entanto, dois factos se opõem a esta conclusão. O primeiro reside na circunstância de a segunda carta ser datada de Lisboa e os professores em actividade habitarem normalmente em Coimbra; e o segundo na particularidade de a primeira carta incluir muitas transcrições da correspondência trocada entre BROTERO e VANDELLI, no tempo em que as relações entre os dois eram cordiais.

Poderia pensar-se que VANDELLI teria deixado a sua correspondência em Coimbra, no Gabinete de História Natural ou no Laboratório Químico, e que essas cartas tivessem sido depois utilizadas por algum dos seus sucessores naquelas cadeiras. Contra esta hipótese, milita, porém, o facto de as cartas terem as datas de 28 de Março, 17 de Abril e 24 de Abril de 1791. Efectivamente, VANDELLI encontrava-se já nessa época em Lisboa, dirigindo o Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda, e deveria ter sido para aí que BROTERO lhe teria escrito. Somos, assim, levados à conclusão de que a pessoa que escreveu ou mandou escrever os documentos transcritos residia em Lisboa. Esta conclusão é corroborada pelos inícios de ambos os documentos: « Não tenho visto, mas ouvido o conteúdo na Carta de Coimbra . . . » e « Vejo o que ouvia; porque recebo de Coimbra a *Tremenda* do S.^{or} Brotero ». Acresce ainda que VANDELLI tinha dirigido os trabalhos da fundação do Jardim Botânico e tinha estado exercendo as suas funções de professor em Coimbra até 1791. Conhecia, portanto, muito bem a actividade científica dos seus colegas, não se compreendendo que um professor da Faculdade de Filosofia lhe tivesse remetido um relato circunstanciado dessa actividade. Deste modo, tudo nos indica que as cartas não foram escritas por nenhum professor em exercício na Faculdade de Filosofia.

Atentemos agora na maneira como os documentos estão escritos. A análise mostra imediatamente que se trata de uma

espécie de panfleto, que deveria ter sido posto em circulação com o objectivo de demonstrar a incapacidade científica de BROTERO, pôr em evidência os ataques que dirigia à legislação universitária vigente, e mostrar a inanidade das acusações formuladas pelo eminente botânico contra os seus colegas.

Quem poderia ser o autor desta campanha que deveria ter em vista aniquilar BROTERO sob os pontos de vista científico e político?

O estudo dos documentos mostra que a essa personalidade se deveriam aplicar as condições seguintes: residir em Lisboa em 1803; ser bastante versado em Botânica; conhecer porneorizadamente o que se tinha feito e estava fazendo no Jardim Botânico de Coimbra; estar na posse da correspondência dirigida por BROTERO a VANDELLI em 1791, época em que o primeiro depositava inteira confiança no segundo; sentir a necessidade de se justificar perante acusações que lhe eram dirigidas por BROTERO, de modo a que o seu prestígio não ficasse abalado; nutrir ciúmes pela obra que o nosso insigne botânico estava realizando; e ter interesse em que BROTERO não passasse de Coimbra para o Jardim da Ajuda.

Satisfazendo a estes requisitos encontram-se somente dois nomes: DOMINGOS VANDELLI e ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA.

Dado o seu carácter invejoso e sem escrúpulos ⁽¹⁾, os ciúmes científicos que deveria sentir por verificar que BROTERO estava levando a bom termo a obra que ele não fora capaz de realizar, a necessidade de manter o seu prestígio de *botânico europeu*, a conveniência que tinha em conservar BROTERO afastado do Jardim da Ajuda e ainda o facto de ser ele a pessoa que estava, evidentemente, na posse das cartas que BROTERO lhe escrevera, consideramos extremamente provável ter sido o próprio VANDELLI quem escreveu ou inspirou as cartas que lhe eram aparentemente endereçadas.

As relações entre VANDELLI e ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA foram a princípio muito cordiais. Efectivamente, VANDELLI apadrinhou o doutoramento do infeliz naturalista, tendo sido

(¹) Vide CARLOS FRANÇA — Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815). História de uma missão científica ao Brasil no século XVIII. *Bol. Soc. Broteriana*, vol. I (2.ª série), 1922, p. 65-123.

mediante proposta daquele professor que RODRIGUES FERREIRA foi designado para chefiar a Missão Científica ao Brasil, que percorreu os Estados do Pará, Sertões do Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá (1).

Em 1803, RODRIGUES FERREIRA ocupava o lugar de Vice-director do Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda, encontrando-se, assim, bastante ligado a VANDELLI. Atendendo a este facto e a que RODRIGUES FERREIRA necessitava defender-se também da gravíssima acusação de ignorante com que BROTERO o apodava, poderia pensar-se que as cartas tivessem sido o produto da colaboração daqueles dois naturalistas. Esta hipótese, porém, não nos parece verosímil, pelas razões seguintes :

a) O que se conhece do carácter de RODRIGUES FERREIRA parece mostrar que ele não seria capaz de promover uma campanha do género da que foi movida a BROTERO ;

b) Como relata CARLOS FRANÇA (*op. cit.*), RODRIGUES FERREIRA, ao regressar do Brasil, veio encontrar os exemplares que tinha coleccionado à custa de muitos sacrifícios bastante deteriorados, e, o que é mais grave, com as etiquetas perdidas ou trocadas. A tradição diz que esta inutilização do material não pode ser atribuída somente a desleixo, mas que parece ter sido o fruto de uma obra conscientemente planeada e levada a efeito por alguém que sentia inveja dos trabalhos que o arrojado explorador poderia elaborar. A tradição diz mais que esse alguém foi VANDELLI. Sendo assim, é muito pouco provável que, atribuindo RODRIGUES FERREIRA o fracasso da sua obra científica a VANDELLI, mantivesse com ele relações amistosas em 1803.

Tudo leva a crer, pois, que tenha sido somente VANDELLI o autor das cartas que visavam a perda de BROTERO.

A leitura dos documentos sugere-nos que os factos se poderiam ter passado do seguinte modo :

Tendo sido encarregado da regência da cadeira de Botânica e Agricultura, o primeiro cuidado de BROTERO foi, como professor consciencioso, escrever os *Principios de Agricultura Philosophica*, destinados a servir de livro de texto para a parte de agricultura do seu curso, visto que, para a botânica pura, existia já o *Compendio*. Os *Principios* foram publicados em

(1) Vide CARLOS FRANÇA — *op. cit.*

1793, mas nessa obra não foram tratados muitos assuntos ⁽¹⁾, possivelmente pelo facto de BROTERO não ter tido tempo, em virtude de, a instâncias de várias personalidades, resolver consagrar o máximo da sua actividade à elaboração da *Flora Lusitânica*. Depois de um trabalho exaustivo, durante o qual foi sempre animado pelos Ministros de Estado D. RODRIGO DE SOUSA COUTINHO e D. JOÃO DE ALMEIDA DE MELLO E CASTRO, BROTERO tinha a sua obra quase concluída na Primavera de 1803. Além do original que já tinha enviado, o insigne botânico remeteu nessa data mais 17 cadernos. Dado o interesse com que o grande Ministro D. RODRIGO DE SOUSA COUTINHO acompanhou a elaboração da *Flora* e as amistosas relações em que se encontrava com BROTERO ⁽²⁾, é extremamente provável que o original tenha sido enviado ao Ministro, a fim de este ordenar a correspondente impressão. Acompanhando o original, BROTERO deve ter remetido a carta, da qual são transcritas as passagens contidas no segundo documento.

Nessa carta, queixa-se amargamente da falta de saúde; das dificuldades com que em Coimbra estão procurando entrar o seu trabalho; da atitude francamente hostil do Vice-Reitor MONTEIRO DA ROCHA ⁽³⁾, que, além de lhe dificultar a obtenção das verbas necessárias para o prosseguimento das obras do Jardim, pugnava constantemente para que fosse dada execução à carta régia de 21 de Janeiro de 1801, pela qual o ensino da Botânica era restituído à cadeira de Zoologia e Mineralogia, ao mesmo tempo que se estabelecia uma cadeira própria de Agricultura ⁽⁴⁾; do facto de não lhe quererem pagar a renda da casa, nos termos a que ele se julgava com direito ⁽⁵⁾; e do perigo que julgava correr em consequência de supor que o Conselho da Faculdade o queria substituir pelo Dr. ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA. Além das queixas, BROTERO faz acusações graves aos Drs. VANDELLI e

⁽¹⁾ Vide, porém, A. FERNANDES — Felix de Avellar Brotero e a sua obra. *Bol. Soc. Broteriana*, vol. XIX (2.^a série), 1944, p. LXIII.

⁽²⁾ Vide AMÉRICO PIRES DE LIMA e J. R. SANTOS JÚNIOR — Cartas inéditas de e para Brotero. *Anuário Soc. Broteriana*, X, 1944, p. 12-96.

⁽³⁾ Vide A. FERNANDES — O conflito entre Brotero e Monteiro da Rocha. *Anuário Soc. Broteriana*, XV, 1949, p. 35-54.

⁽⁴⁾ Vide JOAQUIM AUGUSTO SIMÕES DE CARVALHO, *op. cit.*, p. 83, 85 e 86.

RODRIGUES FERREIRA, chamando mesmo ignorante ao último. Em seguida, possivelmente com o objectivo de dispor as coisas no sentido de conseguir um lugar de naturalista naquele estabelecimento, expõe os seus pontos de vista sobre a organização do Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda. Termina por uma critica severa ao estado da Universidade de Coimbra, não só no que respeita ao ensino, que considera miserável, mas também à sua situação financeira.

Por qualquer circunstância que desconhecemos e que será muito difícil averiguar, o conteúdo desta carta transpirou e dela se obtiveram cópias que foram postas a circular. Como é compreensível, a carta provocou escândalo e foi objecto de largos comentários tanto em Lisboa como em Coimbra.

Provavelmente, ao saber que era alvejado, VANDELLI teria elaborado a primeira carta, utilizando os elementos que a correspondência de BROTERO que tinha em seu poder amplamente lhe fornecia, visto o autor da *Flora Lusitanica* se não ter coibido de, nessas cartas, criticar ásperamente os Estatutos Pombalinos e o trabalho dos seus colegas, que apoda de ignorantes e madraços. Esta carta deve ter sido posta em circulação e a ela se seguiu a segunda, elaborada depois de VANDELLI obter de Coimbra cópia da que BROTERO enviou juntamente com o original da *Flora*.

Se BROTERO não dispusesse de fortíssimo apoio no seio do Governo, é provável que tivesse sido vítima da campanha que lhe moveram. Pensamos, porém, que D. RODRIGO DE SOUSA COUTINHO lá deveria ter estado vigilante e teria neutralizado todas as tentativas de aniquilamento do nosso eminente botânico.

A publicação da *Flora Lusitanica*, ocorrida em 1804, firmou definitivamente o prestígio de BROTERO e deve, certamente, ter contribuído para que as bocas de muitos dos seus inimigos se fechassem, embora no íntimo continuassem a detestar profundamente o sábio botânico, a quem jamais perdoaram os agravos que dele tinham recebido.

É esta a interpretação que nos parece mais lógica em face dos documentos que conhecemos. Só a descoberta de novos elementos poderá mostrar se são ou não exactas as nossas deduções.



EXPLICAÇÃO
DA ESTAMPA

ESTAMPA I

Reprodução fotográfica da primeira página
do documento II.

Philos T^o Fidei.

Vejo o que eu via; porque recebi de Coimbra a Tramanda do Sr. Bresten. Anali-
se-me ha' como meci; e fico qua' ao seu Aucto-
r nas d'averenas nada de que se' restamos. Eu
t'ho' i'armado como este' este' homem; de ser
elle is' o Reformador de todos, mas ha'averá sim-
guezon' que o reforme a' elle?

Remette (privilegiado elle) 17 Co-
dices da constituição da mischa Ho-
ra Lusitânica; brevemente expresso re-
metto os outros respectivos ás duas ul-
timas Claves, que se' ha' para conclusões
a dita Hora.

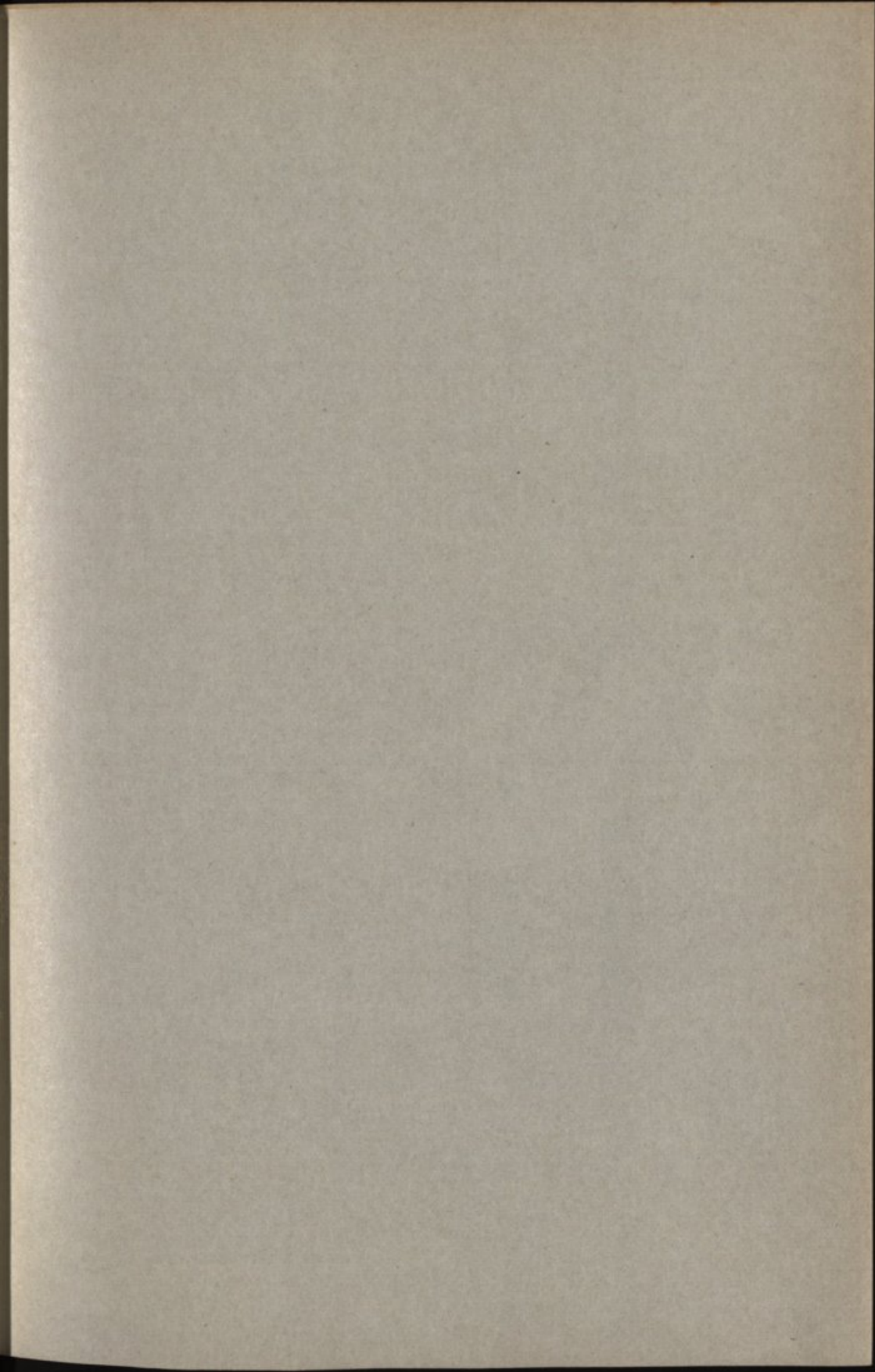
Ainda agora, Sr. D.^o? Alguns bi-
zios se' zuzio a' orelha; e assim mesmo ac-
cabo de 12 annos ainda não remetto os Codices
nos respectivos ás duas ultimas Claves q' se' ha'.

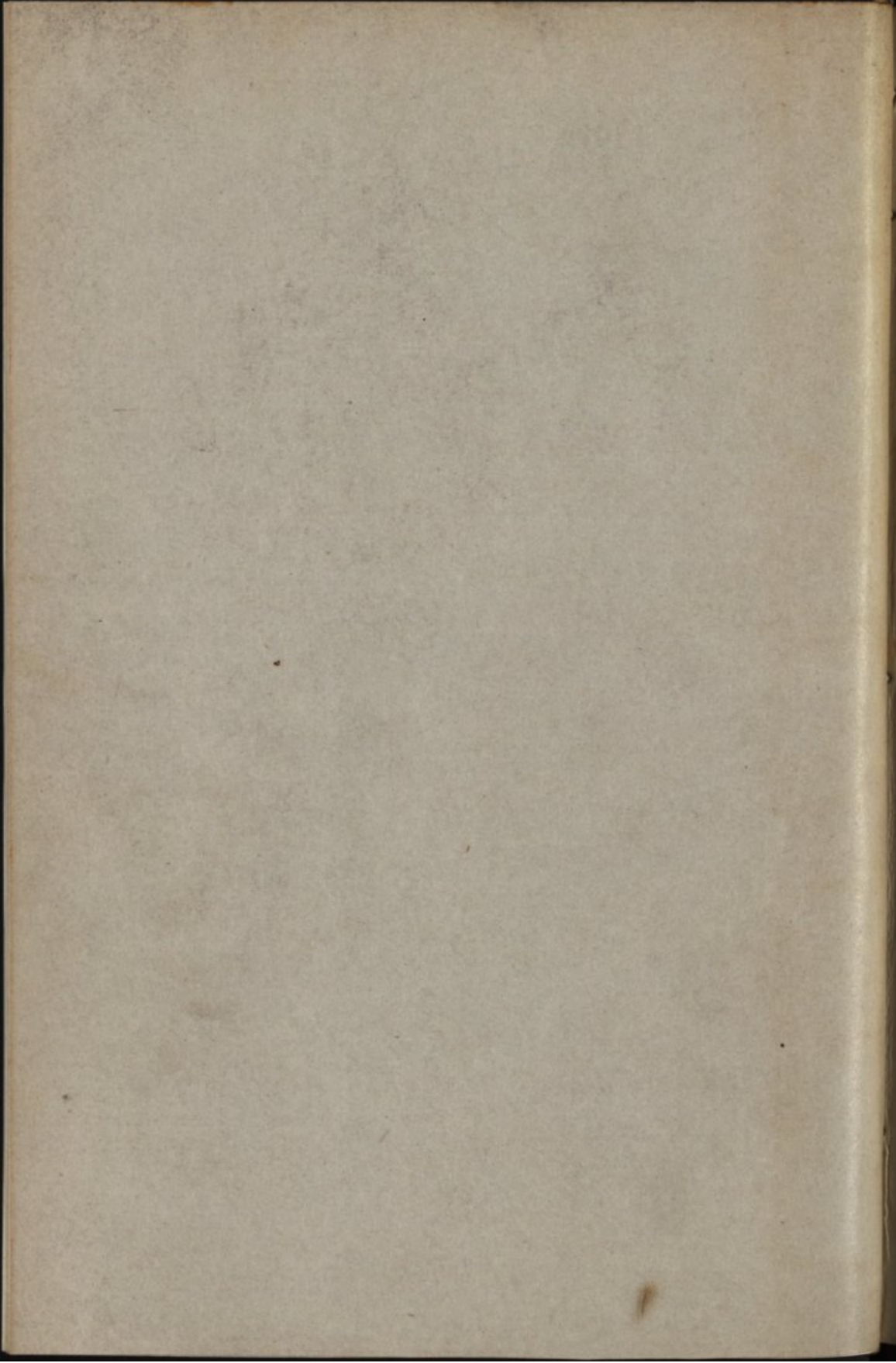
Portigens, e onictas outros indigezi-
cos que soffri muito Inverno, por cau-
sa do muito trabalho da Aula; e aq'li-
cacoes afiduas, em sua' permissões ter



[Faint, illegible text block]







28. JAN. 1952

ANUÁRIO

DA

SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XVII

REDACTORES

PROF. DR. ABÍLIO FERNANDES

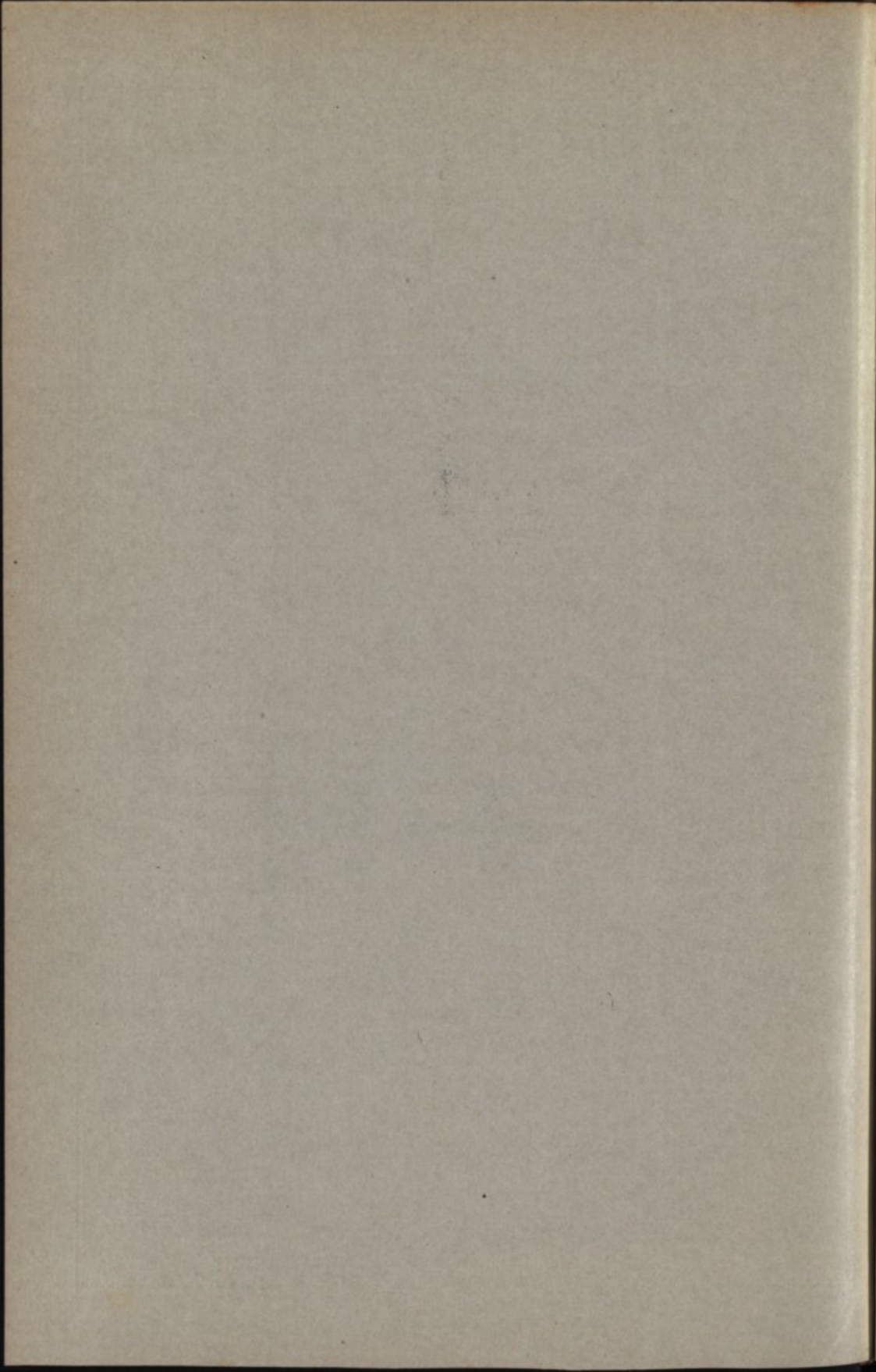
Director do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

F. A. MENDONÇA

Naturalista do Instituto Botânico



COIMBRA
1951



ANUARIO
SOCIIDADE BROTEIRIANA

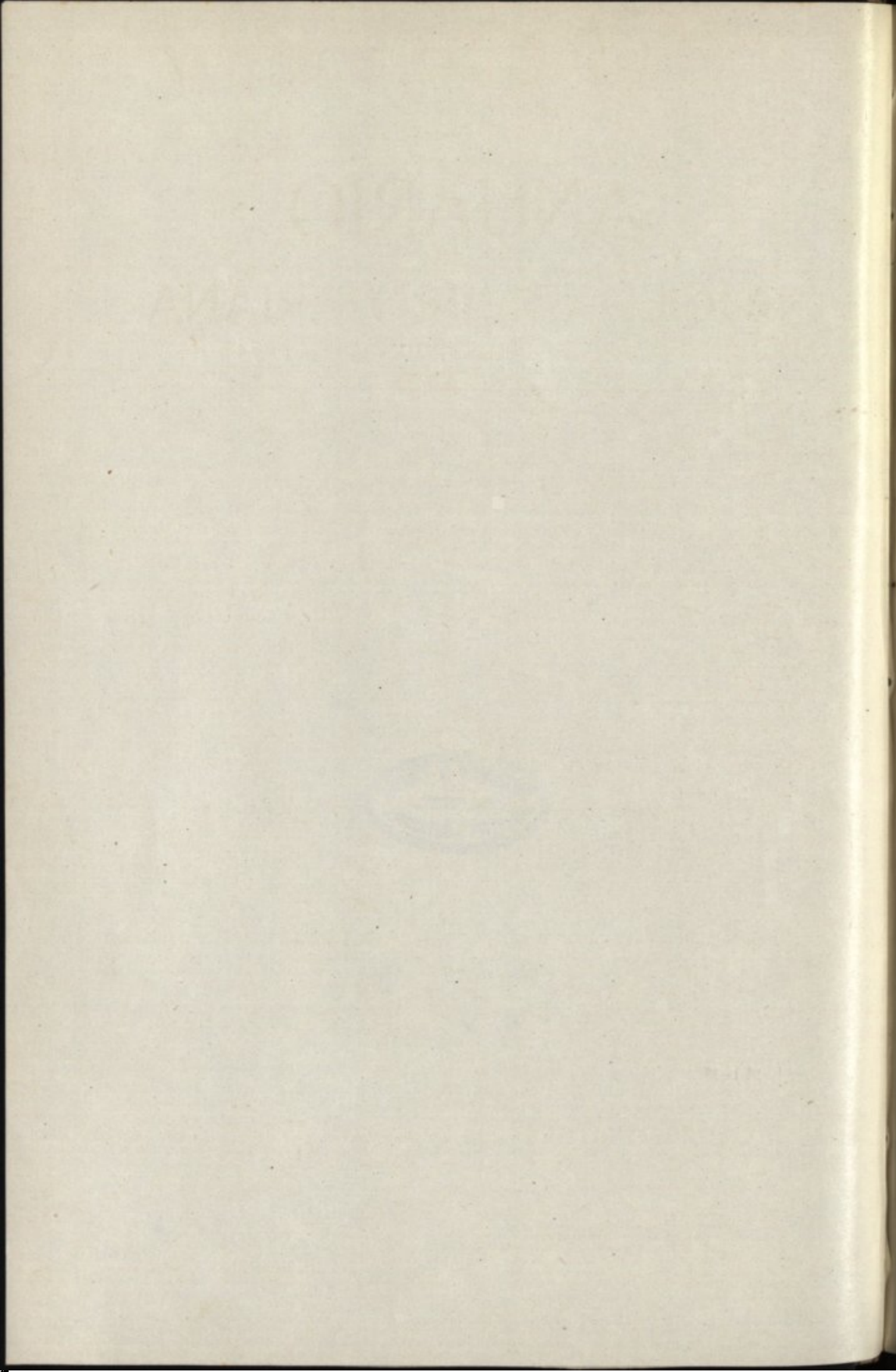
ANEXO

PROF. ANTONIO CARLOS

INSTITUTO BOTANICO



COIMBRA
1951



ANUÁRIO

DA

SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XVII

REDACTORES

PROF. DR. ABÍLIO FERNANDES

Director do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

F. A. MENDONÇA

Naturalista do Instituto Botânico



COIMBRA
1951

ANUÁRIO
DA
SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XVII

REDACÇÃO

PROF. DR. ARILO FERNANDES

E. A. MENDONÇA



TIP. ALCOBACENSE, LIMITADA
ALCOBAÇA

SESSÕES DA SOCIEDADE BROTERIANA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Reunião de 20 de Janeiro de 1951

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. José de Barros Neves

ABERTA a sessão, foi concedida a palavra ao presidente da Sociedade, Ex.^{mo} Sr. Prof. Dr. ABÍLIO FERNANDES, que procedeu à leitura do relatório da Direcção referente ao ano de 1950. Esse relatório é do teor seguinte:

«Anunciei-vos no ano passado considerar provável que a presente reunião tivesse já lugar nas novas instalações que a Comissão Administrativa das Obras da Cidade Universitária de Coimbra resolveu destinar, dentro do Instituto Botânico, à sede da Sociedade. É-me extremamente grato verificar que tudo decorreu de harmonia com as minhas aspirações e que a nossa Sociedade possui agora uma sede própria, que penso poder ser considerada muito satisfatória. Não posso, portanto, calar o regozijo que sinto ao receber-vos pela primeira vez nesta bela sala, mobilada de maneira simples e austera, de cujas janelas se desfruta um panorama de verdadeiro encantamento para os olhos de todos os que, como nós, se dedicam ao estudo do maravilhoso mundo das plantas. Nas estantes, podereis admirar algumas das obras mais célebres dos pioneiros da investigação botânica. Entre elas, figuram também as do nosso Patrono e as do Fundador da Sociedade, propositadamente reunidas aqui, para que tenhamos sempre perante os olhos os seus nobres exemplos de amor, carinho e dedicação pela ciência que cultivamos. Na parede fronteira à entrada, podereis ver um retrato de BROTERO, adaptação feita pelo desenhador de Ciências Biológicas da Faculdade de Ciências, Sr. JOSÉ DOS SANTOS FIGUEIRA, da bem conhecida gravura de QUEIROZ. Reconheço a falta de dois retratos: o do Dr. JÚLIO HENRIQUES, fundador da Sociedade,



e o do Dr. LUÍS CARRISSO, seu oportuno reorganizador. Tenho, porém, o prazer de vos anunciar que se está trabalhando na sua execução, sendo provável que no próximo ano se encontrem já nos seus lugares.

Como oportunamente tive ocasião de vos informar, os botânicos do país vizinho tiveram a simpática ideia de prestar também homenagem ao Patrono da nossa Sociedade, por ocasião das festas que promoveram para comemorar o II centenário do nascimento do excelso botânico ANTONIO JOSÉ CAVANILLES. Essa homenagem consistiu em dar o nome de BROTERO a uma das ruas do magnífico Jardim Botânico de Madrid. A lápide, onde se encontrava inscrito o nome de FELIX DE AVELLAR BROTERO, foi coberta por uma bandeira que, associando os nomes dos dois maiores botânicos peninsulares, constituía também um verdadeiro símbolo da fraternidade luso-espanhola. Depois de descerrada a lápide, os botânicos espanhóis tiveram a gentileza de oferecer a bandeira à delegação portuguesa que foi assistir às festas em honra de CAVANILLES. A delegação teve depois a grata lembrança de a oferecer à Sociedade Broteriana. No momento de a receber, prometi que procuraria mandar colocá-la em lugar condigno. A promessa foi cumprida, porquanto todos podereis ver a aludida bandeira na vitrina que ocupa a parte média da parede lateral.

Conforme acentuei no relatório do ano transacto, todos estes benefícios se devem à Comissão Administrativa das Obras da Cidade Universitária de Coimbra. Penso, pois, interpretar o pensamento de todos, exprimindo aqui, mais uma vez, à referida Comissão, o profundo reconhecimento da Sociedade.

Como habitualmente, a Direcção ocupou-se com o maior interesse das revistas da Sociedade, tendo-lhe sido possível, graças à verba consignada na rubrica Publicidade e Propaganda do orçamento do Instituto Botânico, publicar os volumes XXIV do Boletim e VI das Memórias, bem como o número XVI do Anuário.

O primeiro contém diversos artigos de autores nacionais e estrangeiros. Entre os autores estrangeiros, contam-se os Ex.^{mos} Profs. R. BENOIST, R. DE LITARDIÈRE e RAYMOND-HAMET, a quem apresentamos aqui as nossas homenagens e os nossos agradecimentos pela apreciada colaboração que se dignaram conceder-nos.

O volume das Memórias encerra algumas contribuições de autores portugueses para um melhor conhecimento da flora portuguesa e nele colaborou também o botânico holandês, Prof. J. L. v. SOEST, que amavelmente se prestou a fazer a revisão do material do género *Hieracium* existente no herbário português do Instituto Botânico. A este especialista de tão difícil grupo, apresentamos também aqui a expressão do nosso reconhecimento.

O número do Anuário, finalmente, depois de relatar a vida da Sociedade, insere um artigo em que se transcrevem documentos que põem claramente em evidência os conflitos em que se viu envolvido e as dificuldades que teve de vencer o insigne FELIX DE AVELLAR BROTERO.

Durante o ano transacto, a Sociedade recebeu diversos pedidos de permuta das suas revistas com publicações congêneres. Esses pedidos foram satisfeitos. Por outro lado, a Direcção solicitou permuta com numerosas revistas, alargando-se assim consideravelmente o âmbito das nossas relações, tanto nacionais como internacionais. Deste modo, o serviço da biblioteca foi bastante intenso, tendo-se recebido por troca 385 volumes e 1.132 folhetos.

Como de costume, o pessoal do Instituto Botânico efectuou diversas explorações. O estudo do material colhido está sendo efectuado pelo Naturalista do Instituto e oportunamente será dado conhecimento das novidades encontradas.

A Sociedade fez-se representar no XIII Congresso da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, celebrado em Lisboa, de 23 a 29 de Outubro, juntamente com o XX Congresso da sua congénere espanhola, onde diversos sócios apresentaram comunicações.

A Direcção é constrangida a lamentar novamente a pouca actividade manifestada pelos sócios, pois poucos foram os que efectuaram herborizações. Apela-se, portanto, mais uma vez, para a boa vontade de todos, no sentido de que seja prosseguida com regularidade a tarefa da exploração botânica do país».

Terminada a leitura, o Presidente da Assembleia pôs em discussão o relatório, o qual foi aprovado.

Em seguida, o Secretário-tesoureiro informou a Assembleia sobre o estado financeiro da Sociedade. As contas, que foram aprovadas, mostraram que, em 31 de Dezembro de 1950, existia em caixa um saldo de 10.954\$30.

O Dr. ABÍLIO FERNANDES disse que, devido ao encarecimento do papel e ao aumento das taxas dos portes de correio, a impressão e a distribuição das revistas da Sociedade consomem somas avultadas. Por esse facto, propôs que a Direcção ficasse autorizada a aplicar os fundos disponíveis na publicação e distribuição das referidas revistas, no caso de serem insuficientes as verbas obtidas de outras fontes. Esta proposta foi aprovada.

A Assembleia resolveu reconduzir nos seus cargos os Vogais da Direcção anterior, Ex.^{mos} Srs. Drs. ALOÍSIO FERNANDES COSTA e VIRGÍLIO DA ROCHA DINIZ.

Resolveu, também, manter em 2\$00 a quota mensal a pagar pelos sócios no ano de 1951, continuando com a dispensa do pagamento de jóia.

DIRECÇÃO

Reunião de 20 de Janeiro de 1951

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. Abilio Fernandes

Foi resolvido:

- a) Que a redacção do Boletim e das Memórias continuasse a cargo do Ex.^{mo} Sr. Dr. ABÍLIO FERNANDES;
- b) Manter a comissão de redacção do Anuário;
- c) Instar com os sócios para que realizem trabalhos de herborização.

* * *

Temos o prazer de anunciar a admissão dos seguintes

NOVOS SÓCIOS

JOAQUIM DA PIEDADE ABREU, Regente Agrícola, Estação de Melhoramento de Plantas, Elvas.

ÚRSULA BEAU, Coimbra.

UM NOVO HÍBRIDO DE *CISTUS*: *C. CRISPUS* × *LADANIFERUS*

por

R. FERNANDES, U. BEAU e H. S. KAIM

EM 29 de Abril de 1951, uma de nós (HERTHA SIEMERS KAIM) encontrou em Ribeira de Parreiras, nas proximidades do Monte Estoril, um *Cistus* que lhe despertou a atenção. Efectivamente, tratava-se de uma planta que, embora à primeira vista se assemelhasse ao *C. ladaniferus* L., espécie muito abundante naquele local, diferia dele pelo facto extraordinário de possuir flores purpúreas. Colheram-se dois ramos floridos, que foram enviados para Coimbra à segunda autora (ÚRSULA BEAU). Dada a impossibilidade de resolver o problema suscitado por planta tão interessante com os recursos que possuía, esta autora levou o material ao Instituto Botânico, onde se procedeu a um estudo minucioso em face da literatura (*vide* lista bibliográfica), bem como ao confronto com os espécimes de herbário nacionais e estrangeiros ali existentes.

Dos estudos efectuados, resultou a conclusão de que o *Cistus* do Monte Estoril (fig. 1) não pode ser incluído em nenhuma das espécies de flor vermelha, nem em qualquer dos híbridos com flores da mesma cor conhecidos até hoje. Notou-se, porém, que a planta apresenta muitas semelhanças, não só com o *Cistus ladaniferus*, mas também com o *C. crispus*. Surgiu, assim, a ideia de que se estaria em presença de um híbrido entre aquelas duas espécies.

A fim de confirmar ou infirmar tal ideia, procedeu-se ao estudo comparativo dos supostos pais com o presumível híbrido, obtendo-se os resultados que constam do quadro seguinte:

	<i>Cistus crispus</i>
Porte	Ascendente ou prostrado-ascendente
Cor dos ramos superiores	Esbranquiçada
Revestimento piloso dos ramos	Pêlos simples longos e abundantes; pêlos estrelados formando revest. ^{to} contínuo
Viscosidade dos ramos	Nula
Forma das folhas	Ovado-lanceoladas ou oblongas, relativamente largas
Cor das folhas	Esverdeada, quase sem distinção entre a página superior e a inferior
Margem das folhas.	Ondulado-crespa
Revestimento piloso das folhas :	
a) Pêlos simples	Muito abundantes nas folhas jovens e, em todas, junto à base
b) Pêlos estrelados	Abundantes tanto na página superior como na inferior
Superfície foliar	Muito reticulado-rugosa
Inflorescência	Flores subsésseis, fasciculadas no cimo dos ramos
Diâmetro das flores	3-4 cm.
Cor das pétalas.	Purpúrea
Forma das sépalas :	
a) Externas	Lanceolado-acuminadas
b) Internas	Ovadas, longamente acuminadas
Revestimento piloso das sépalas :	
a) Pêlos simples	Muito abund. ^{tes} na face externa e na margem
b) Pêlos estrelados	Abundantes, de ramos relativ. ^{te} compridos
Estilete	Maior que os estames
Comprimento das anteras	0,6 mm.
Número de lóculos do ovário	5

<i>Cistus crispus</i> × <i>ladaniferus</i>	<i>Cistus ladaniferus</i>
Erecto	Erecto
Vermelho-acastanhada	Vermelho-acastanhada
Sem pêlos simples; pêlos estrelados pouco abundantes	Nulo
Fraca	Grande
Lanceoladas, de comprimento intermediário	Linear-lanceoladas, relativamente longas
Página superior verde, inferior verde-acinzentada	Página superior verde-escura, inferior esbranquiçada
Folhas inferiores um pouco ondulado-crespas; superiores quase lisas	Lisa
Sem ou com muito poucos pêlos simples	Sem pêlos simples
Pouco abundantes na página superior; muito densos na inferior	Sem pêlos na página superior; pêlos estrelados densíssimos na inferior
Reticulado-rugosa	Lisa
Flores subsésseis, solitárias	Flores pediceladas, solitárias
6-6,5 cm.	6-10 cm.
Purpúrea	Branca
Lanceolado-acuminadas	Suborbiculares, repentinamente contraídas em ponta curta
Ovadas, bruscamente acuminadas	
Existentes no dorso e na margem	Só na margem
De tipo intermediário	Pêlos escamiformes
Menor que os estames	Subnulo
1,25 mm.	1,75 mm.
6	10



Fig. 1. — O exemplar de *Cistus crispus* × *ladaniferus* encontrado em Ribeira de Parreiras, fotografado no local.

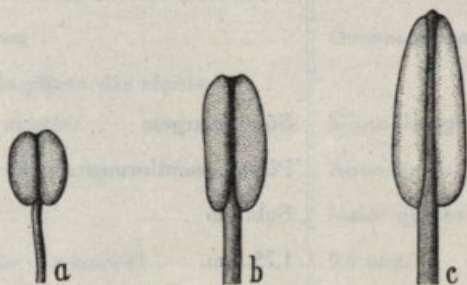


Fig. 2. — a, Antera de *Cistus crispus* L. b, *Idem* de *C. crispus* × *ladaniferus*. c, *Idem* de *C. ladaniferus* L. Notar o tamanho intermediário da antera do híbrido.

A análise deste quadro permite verificar que o *Cistus* do Monte Estoril possui flores subsésseis, com cinco sépalas e pétalas purpúreas como *Cistus crispus*, enquanto que, pelo porte erecto, pela cor dos ramos e pelas flores solitárias se aproxima de *C. ladaniferus*. A maior parte dos caracteres (revestimento piloso dos ramos, das folhas e das sépalas, a margem e a superfície foliar, o diâmetro das flores, o comprimento das anteras — fig. 2 — e do estilete, etc.) são, porém, nitidamente intermédios entre os daquelas duas espécies. O quadro mostra, pois, de uma maneira flagrante, que o *Cistus* do Monte Estoril é na realidade um híbrido entre *C. crispus* e *C. ladaniferus*.

Averiguemos agora se as observações efectuadas no local de colheita (fig. 3) concordam com a conclusão alcançada.

Em Ribeira de Parreiras, existem, lado a lado, três espécies de *Cistus*: *C. crispus*, *C. ladaniferus* e *C. salviifolius*. Como as duas últimas espécies possuem flores brancas e se sabe que flor vermelha domina flor branca (v. DANSEREAU, 1940, pág. 12), é extremamente provável que um dos progenitores do híbrido tenha sido *C. crispus*, o único dos três que possui flores purpúreas, tal como o híbrido. Relativamente ao outro progenitor, os caracteres do híbrido mostram que não poderia ter sido *C. salviifolius*, mas sim *C. ladaniferus* L. Em virtude de as pétalas do híbrido serem destituídas de mácula ⁽¹⁾, é provável que o progenitor *ladaniferus* tenha sido a var. *albiflorus* Dunal e não a var. *maculatus* Dunal.

A ideia de se tratar de planta exótica escapada à cultura não é de admitir, visto que, no quintal da vivenda mais próxima, se não cultiva nada que se assemelhe ao *Cistus* encontrado. Por outro lado, o local da colheita, embora não muito afastado do Monte Estoril, conserva-se num estado natural (fig. 3).

Vê-se, portanto, que as observações efectuadas no local da colheita corroboram a conclusão a que se chegou.

Nas suas experiências sobre os híbridos artificiais de *Cistus*, BORNET (in GARD, 1910) fez o cruzamento entre *C. crispus* e *C. ladaniferus* var. *maculatus*, empregando, em primeiro lugar,

(1) Nos cruzamentos artificiais, a mácula comporta-se sempre como dominante.

C. crispus como progenitor feminino. Apesar de se terem desenvolvido alguns frutos, as sementes produzidas foram em pequeno número e, uma vez semeadas, ou não germinaram ou deram origem a plantas que morreram passado pouco tempo. No cruzamento recíproco, *C. ladaniferus* ♀ × *C. crispus* ♂, obteve 5 indivíduos de *C. ladaniferus*, fenómeno atribuído por GARD (1910) ao desenvolvimento partenogenético da oosfera.

Cruzando *C. crispus* com *C. ladaniferus* var. *albiflorus*, POIRAULT e TEXIER obtiveram híbridos, como relata DANSEREAU (1940).

Os resultados das hibridações artificiais não se opõem, pois, à conclusão alcançada, visto mostrarem que, no cruzamento *C. crispus* × *ladaniferus*, se formam sementes susceptíveis de desenvolvimento.

Em Portugal, encontram-se algumas vezes as duas espécies coabitando no mesmo local. Apesar disso, só agora foi assinalado o híbrido entre as duas, o qual é extremamente raro, pois que, a despeito das numerosas pesquisas efectuadas no Monte Estoril, só foi encontrado um exemplar.

O aparecimento desta planta constitui um facto de veras notável, porquanto raramente se produzem híbridos espontâneos entre *C. ladaniferus* e as espécies de flor vermelha. Com efeito, o × *C. Rodiei* Verguin (*C. ladaniferus* × *albidus*) só foi herborizado num local em França, não tendo sido, que nos conste, encontrado ainda noutro ponto. Quanto ao *C. purpureus* Lam. (*C. ladaniferus* × *villosus*), muito cultivado nos jardins e apreciado pelas suas qualidades ornamentais, não há a certeza de que exista no estado espontâneo, embora alguns autores o citem como aparecendo no Oriente. Julga-se ter sido obtido artificialmente, passando depois a ser cultivado nos jardins. À primeira vista, *C. purpureus* Lam. aproxima-se muito da planta colhida no Monte Estoril. No entanto, a forma das folhas (mais largas e menos reticulado-rugosas em *C. purpureus*), a nervação (folhas apenas trinérvias na base em *C. purpureus*), o tamanho dos pedicelos (flores distintamente pediceladas em *C. purpureus*), etc. permitem distinguir facilmente os dois híbridos.

Para se averiguar da fertilidade do híbrido, voltou-se a Ribeira de Parreiras na altura considerada própria e verificou-se que, ao passo que os exemplares de *C. ladaniferus*

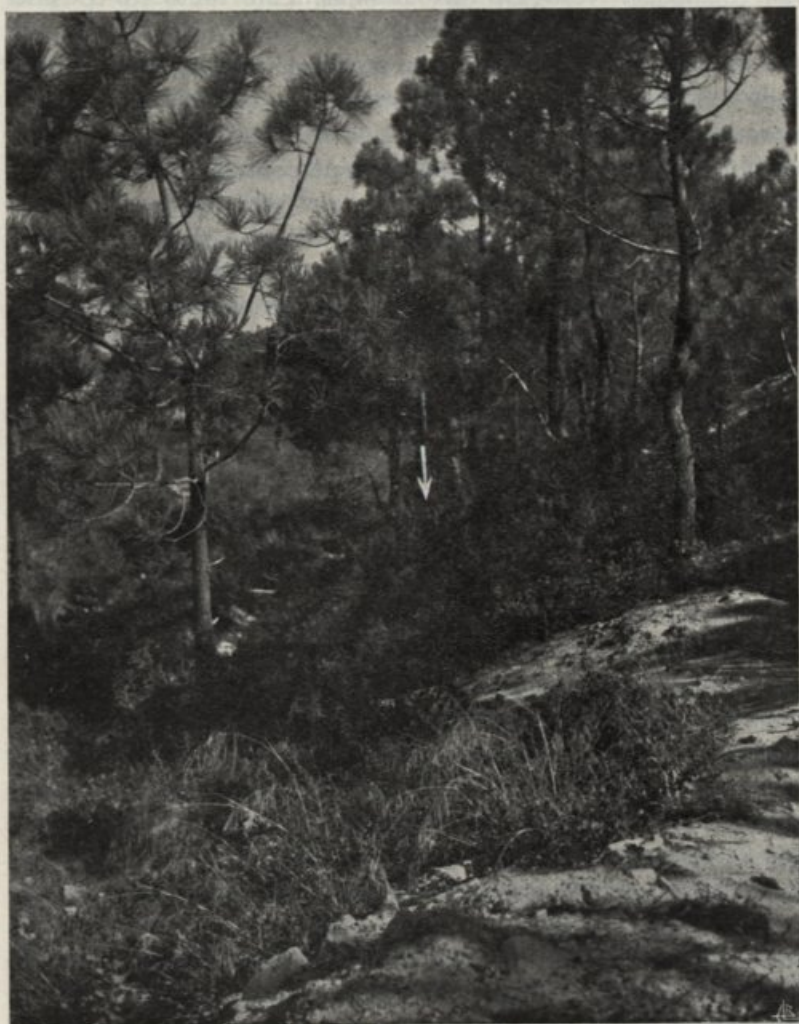


Fig. 3. — Aspecto geral da vegetação na localidade denominada Ribeira de Parreiras, nas proximidades do Monte Estoril. A seta indica o local onde se encontra o híbrido *Cistus crispus* × *ladaniferus*.

vizinhos possuíam cápsulas que tinham produzido sementes, o híbrido as não apresentava, nem no solo, à sua volta, se notavam quaisquer vestígios das mesmas. Este facto foi considerado indício de esterilidade.

Tratando-se de um híbrido, é natural esperar que a fertilidade seja diminuta (ou mesmo nula), em virtude de, devido a irregularidades meióticas, apenas se formarem alguns (ou nenhuns) grãos de pólen e óvulos bem conformados. O género *Cistus* parece pertencer ao tipo cariológico em que todas as espécies possuem o mesmo número de cromosomas (SIMONET, 1937), visto ter-se encontrado 9 como número haploide em todas as espécies estudadas até hoje. A meiose nas espécies puras decorre em regra sem anomalias, o que se traduz na formação de óvulos e grãos de pólen normais, e, por conseguinte, na produção, por cada cápsula, de elevado número de sementes férteis.

Apesar de as guarnições cromosómicas das diversas espécies serem aparentemente muito semelhantes, existem decerto entre elas diferenças estruturais e génicas, que explicam certas irregularidades da meiose notadas em alguns dos híbridos entre espécies da mesma secção (SIMONET e DANSEREAU, 1939; DANSE-REAU, 1949). Essas diferenças devem ainda ser maiores entre as guarnições de espécies pertencentes a secções diferentes, como as secções *Eucistus* e *Ladanium*, a que pertencem os progenitores do híbrido do Monte Estoril. As espécies que se incluem nestas duas secções diferem consideravelmente no que respeita aos caracteres da morfologia externa, sendo provável que exista uma diferença correspondente entre as respectivas guarnições cromosómicas. Por isso, quando se formarem híbridos entre espécies destas secções, é de esperar que apresentem uma meiose irregular e sejam, portanto, estéreis. Este ponto de vista é plenamente justificado pelas observações de SIMONET e DANSE-REAU (1939), que verificaram que a meiose de $\times C. Rodiei$ var. *antipolitensis*, híbrido entre espécies das duas secções referidas, decorre de modo muito irregular e que a planta é estéril.

Não nos foi possível estudar nem a mitose nem a meiose do híbrido. Para, indirectamente, avaliarmos da maior ou menor irregularidade com que decorrem os fenómenos meióticos, procedemos ao exame do pólen do híbrido, em confronto com

o dos progenitores. Verificámos que tanto *C. crispus* (fig. 1, Est. I e fig. 1, Est. II) como *C. ladaniferus* (fig. 2, Est. I e fig. 2, Est. II) apresentavam uma percentagem muito elevada de grãos de pólen normais, providos de abundante conteúdo, inferindo-se desta observação que a meiose nessas espécies decorre sem anormalias. No híbrido, notámos que quase todos os grãos de pólen se apresentavam vazios e com as membranas retraídas (fig. 3, Est. I e fig. 3, Est. III), o que mostra que a sua meiose é muito irregular. Entre os grãos de pólen mal conformados, encontrámos alguns bem constituídos (fig. 4, 5, Est. I e fig. 4, Est. II.). A percentagem destes é, porém, baixa, pois que, entre 2655 grãos examinados, observámos apenas 19 bem conformados, o que dá a percentagem de 0,7%. É interessante notar que o diâmetro (e, portanto, o volume) destes grãos de pólen do híbrido (fig. 4, Est. II), sensivelmente uniforme em todos, é bastante superior ao dos grãos de pólen de *C. crispus* e de *C. ladaniferus*.

Em $\times C. Rodiei$ var. *antipolitensis*, SIMONET e DANSEREAU (1939) encontraram também uma percentagem baixa (1%) de grãos de pólen bem constituídos. Neste híbrido, como dissemos, a meiose é irregular, formando-se, por vezes, 18 univalentes. Dado o facto de a percentagem de pólen bem constituído ser muito próxima em ambos os híbridos, é provável que na planta do Monte Estoril se formem também algumas vezes 18 univalentes. A formação de núcleos de restituição nas células-mães com 18 univalentes conduziria à formação de díadas, que originariam grãos de pólen ou macrósporos com 18 cromosomas, isto é, providos das guarnições de ambos os progenitores. Os grãos de pólen perfeitos de $\times C. Rodiei$ var. *antipolitensis* e do híbrido do Monte Estoril devem provavelmente ter sido originados por este mecanismo.

O confronto entre o pólen bem conformado do híbrido *C. crispus \times *ladaniferus* e o dos seus progenitores mostra que aquele tem um volume comparável ao que, normalmente, o pólen das plantas tetraploides apresenta relativamente ao dos diploides que lhes deram origem, sendo, provavelmente, o seu conteúdo cromático duplo, resultante da reunião das guarnições cromosómicas dos progenitores. Os grãos de pólen assim formados são férteis e, se tiverem a oportunidade de fecundar*

óvulos do mesmo tipo, originarão alotetraploides. Estes, devido à regularidade da sua meiose, poderão produzir sementes viáveis. Infelizmente, a percentagem de óvulos e grãos de pólen deste tipo é bastante baixa e as probabilidades de se encontrarem gâmetos por eles originados serão também pequenas. No entanto, o híbrido do Monte Estoril tem a capacidade de produzir alotetraploides estáveis e férteis e oxalá que um acaso feliz venha a contribuir para a sua formação, que corresponderia, possivelmente, à diferenciação de uma nova espécie.

Apresentamos em seguida a descrição do novo híbrido:

C. crispus × *ladaniferus* n. hybr.

Frutex, ca. 45 cm. altus, erectus, ramis junioribus atro-sanguineis fere glabris (pilis stellatis sparsis vestitis). Folia in petiolum brevem attenuata, fere sessilia, fere usque ad apicem trinervia, lanceolata vel linear-lanceolata, acuta, 3-4 cm. longa, 0,5-1 cm. lata, margine plusminusve undulata crispa aut plana, reticulato-nervosa, supra viridia pilis stellatis paucis, subtus tomentosocanescentia pilis stellatis densissime vestita; petioli in vaginam pallidam, 0,3 cm. longam, connati. Flores magni, in apice ramorum solitarii, subsessiles, foliis summis et bracteis ovato-lanceolatis, acuminatis, stellato-tomentosis et praecipue in marginibus longe villosis, involucrati; sepala exteriora ovato-lanceolata, acuminata, 1,4-1,6 cm. longa, 0,5 cm. lata, interiora latiora et longiora, ovata, abrupte acuminata, una margine albo-scariosa; sepala supra stellato-tomentosa dorso et margine villosa, lato scarioso excepto, subtus glabra aut exteriora leviter adpresse villosa; petala pulchre purpurea, 2,8-3 cm. longa, 3,3 cm. lata, basi flavescencia, maculae atropurpureae destituta; stylus brevis, rectus, 0,15 cm. longus, staminibus brevior; ovarium undique sericeo-villosum, 6-loculare. Capsula seminaque non visa.

Ic. nostr. Tab. III.

Specimen in Herbario Instituti Botanici Universitatis Conimbrigensis.

Loco: Ribeira de Parreiras, circa Monte Estoril, in pineto.

Legit: Hertha Siemers Kaim, Aprili-29-1951.

Floret Aprili.

Como dissemos, a planta foi encontrada nas vizinhanças do Monte Estoril, em um local inulto, de solo argiloso. A vegetação arbórea (fig. 3) é constituída por *Pinus Pinaster* Ait. No estrato subarbustivo, identificaram-se:

Quercus fruticosa Brot.
Daphne Gnidium L.
Ulex Gallii Planch.
Cistus crispus L.
Cistus salviiifolius L.
Helianthemum alyssoides (Lam.) Vent. var. *incanum*
(Willk.) Grosser
Erica umbellata L.
Olea europaea L. var. *Oleaster* (Hoffgg. et Link) DC.
Thymus villosus L. subsp. *lusitanicus* (Boiss.) Cout.
Lavandula Stoechas L.

Das plantas herbáceas, reconheceram-se:

Briza maxima L.
Dactylis glomerata L.
Cynosurus echinatus L.
Urginea maritima (L.) Baker
Asparagus aphyllus L. var. *genuinus* forma *microclados*
Smilax aspera L.
Gladiolus illyricus Koch. subsp. *Reuteri* (Boiss.)
Euphorbia Characias L.
Rubia peregrina L.
Aster aragonensis Asso var. *fugax* (Brot.)
Inula viscosa (L.) Ait.
Pulicaria odora (L.) Reichb.
Achillea Ageratum L.
Senecio praealtus Bertol.
Carlina corymbosa L.
Carlina racemosa L.
Andryala integrifolia L.
Reichardia intermedia (Schultz-Bip.) Samp.

BIBLIOGRAFIA

- BAILEY, L. H.
1927 *The Standard Cyclopedia of Horticulture*, **1**, 766-778.
- BOISSIER, E.
1867 *Cistineae in Fl. orient.*, **1**, 436-450.
- BOLAÑOS, M. y GUINEA, E.
1949 Jarales y jaras. *Inst. Forestal de Investigaciones y Experiencias*, **20**, n.º 49.
- COUTINHO, A. X. P.
1939 *Flora de Portugal*, 2.ª ed., 486-490.
- DANSEREAU, P.
1939 Monographie du genre *Cistus*. *Boissiera*, **4**.
1940 Études sur les hybrides de *Cistus*. *Ann. Épiph. Phytogén.*, **4**, 7-26.
- DAVEAU, J.
1886 Cistinées du Portugal. *Bol. Soc. Broteriana*, **4** (1.ª série), 15-80.
- DUNAL, F.
1824 *Cistineae in A. P. DE CANDOLLE, Prodr. syst. nat.*, **1**, 264-268.
- FONT-QUER, P.
1925 Las Jaras híbridas españolas. *Bol. R. Soc. Esp. Hist. Nat.*, **25**, 171-177.
- GARD, M.
1910 Recherches sur les hybrides artificiels de Cistes obtenus par M. Ed. Bornet, *Ann. Sci. Nat.*, **12**, 71-112.
1912 Recherches sur les hybrides artificiels de Cistes obtenus par M. Ed. Bornet. Deuxième mémoire—*Sond. Beih. Botan. Centralb.*, **29**, 306-394.
1913 Recherches sur les hybrides artificiels de Cistes obtenus par M. Ed. Bornet. Troisième mémoire. *Sond. Beih. Botan. Centralb.*, **31**, 373-428.
- GROSSER, W.
1903 *Cistaceae in A. ENGLER, Das Pflanzenreich*, 14 Heft IV, 193.
- JANCHEN, E.
1925 *Cistaceae in A. ENGLER, Die Nat. Pflanzenfam.*, **21**, 289-313.
- LAMARCK, J. B. A. P. M.
1786 *Encycl. Méthodique*, **2**, 12-27.
- LYNCH, R. I.
1910 *Cistus purpureus*. *The Gardeners' Chronicle*, **48**, 118-119.
- ROUY, G. et FOUCAUD, J.
1895 *Cistinées in Flore de France*, **2**, 254-316.
- SAMPAIO, G.
1946 *Flora Portuguesa*, 2.ª ed., 197-199.
- SIMONET, M.
1937 Étude caryologique de quelques espèces de *Cistus*. *C. R. Acad. Sci.*, **205**, 1090.
- SIMONET, M. et DANSEREAU, P.
1939 Sur la méiose de deux hybrides de *Cistus*, \times *C. hybridus* Pourr. et \times *C. Rodiei* Verg. var. *antipolitensis* Dans. *C. R. Acad. Sci.*, **208**, 1526.

VERGUIN, L.

1932 *Cistus Rodiei*, hybride nouveau. *Bull. Soc. Bot. Fr.*, **79**, 600.

WARBURG, O.

1930 A preliminary study of the genus *Cistus*. *Journ. R. Hort. Soc.*, **55**, 1-52.

WILLKOMM, M.

1856 *Cistinearum orbis veteris, inc. et descript. plant. novor. criticarum et rariorum Europae austro-occidentalis praecipue Hispania*, **2**.

WILLKOMM, M. et LANGE, J.

1880 *Cistineae in Prod. Fl. Hisp.*, **3**, 705-746.

EXPLICAÇÃO
DAS ESTAMPAS

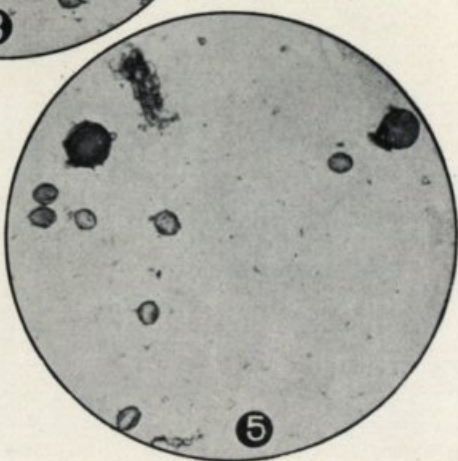
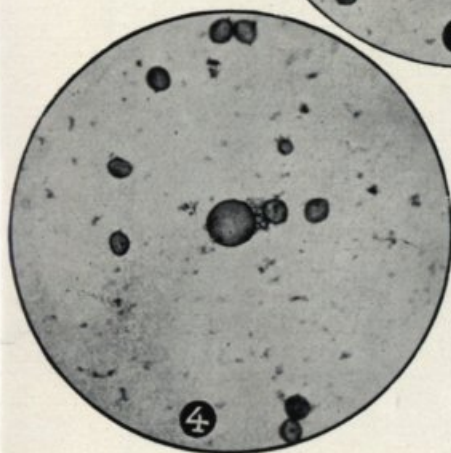
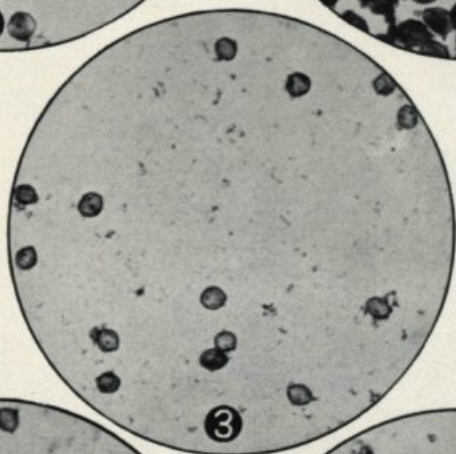
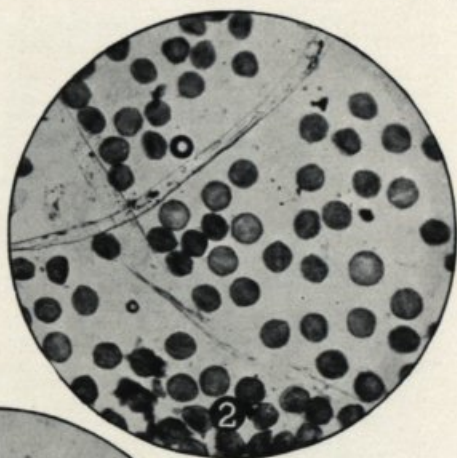
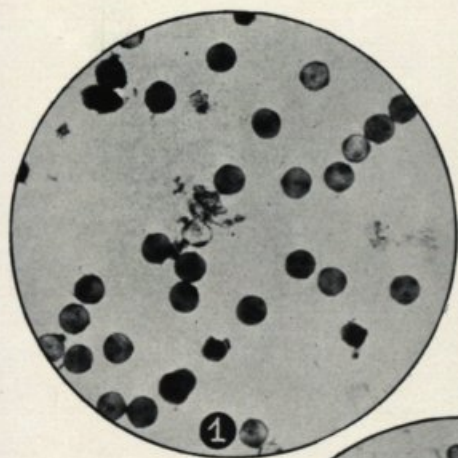
Journal of the Royal Society of Medicine
Volume 1
1908
A preliminary study of the genus *Clusia* (Clusiaceae) in the
Tropics of America
By J. G. Spongberg
1908
The genus *Clusia* is one of the most important members of the
family Clusiaceae, and is distributed throughout the tropics
of America. It is characterized by its large, leathery leaves,
its dense, woody stems, and its small, tubular flowers.
The present study is based on a collection of specimens
made by the author in the tropics of America, and
includes a description of the genus and its characters,
and a list of the species known to date.

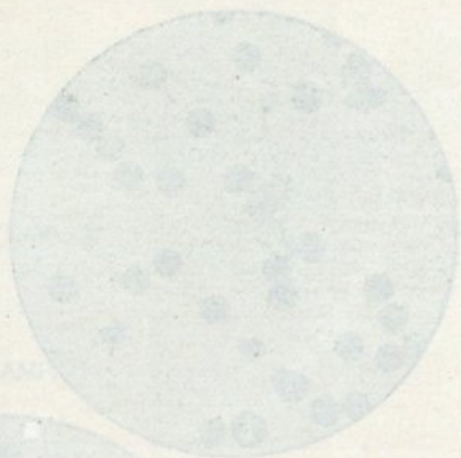
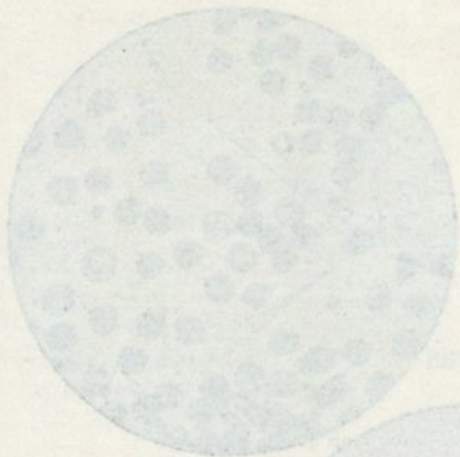
EXPLICAÇÃO
DAS ESTAMPAS



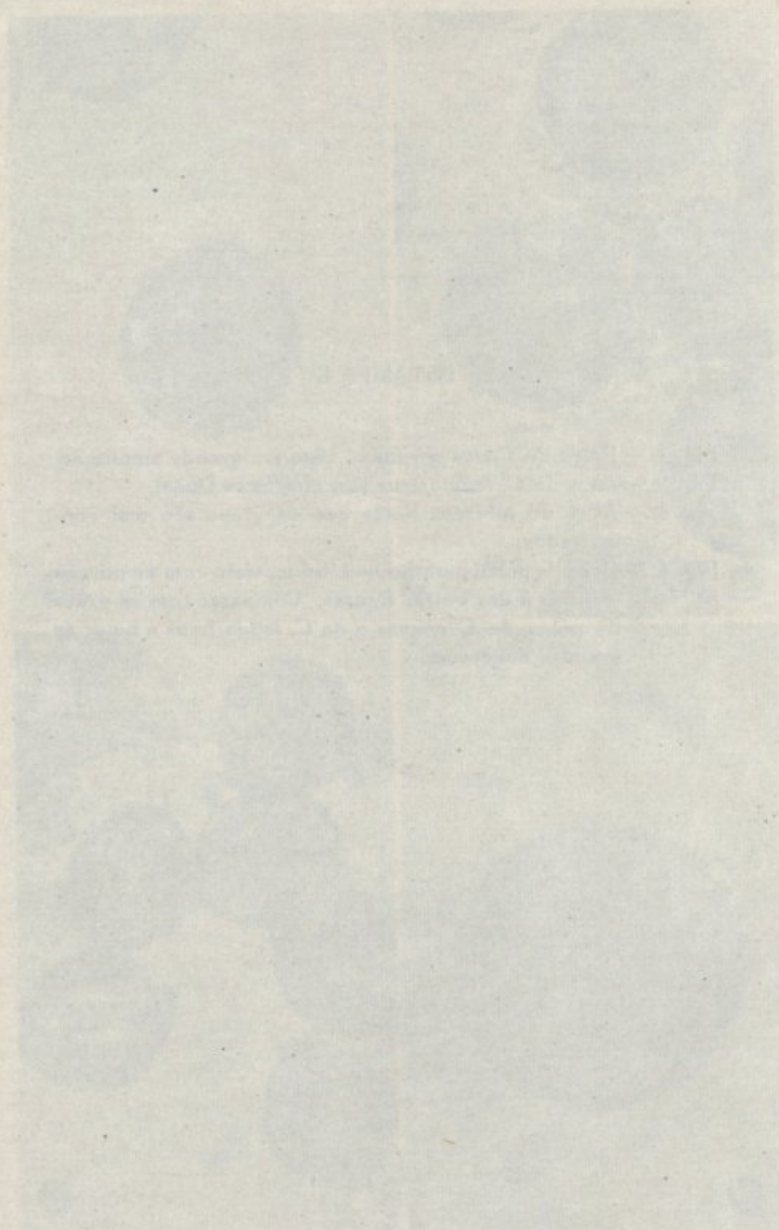
ESTAMPA I

- Fig. 1. — Pólen de *Cistus crispus* L.
Fig. 2. — *Idem* de *C. ladaniferus* L. var. *albiflorus* Dunal.
Fig. 3. — *Idem* do híbrido *C. crispus* × *ladaniferus* R. Fernandes, Beau et Kaim.
Fig. 4. — *Idem* do híbrido, notando-se, ao centro, um grão bem conformado muito volumoso.
Fig. 5. — *Idem* do híbrido, mostrando dois grãos perfeitos.





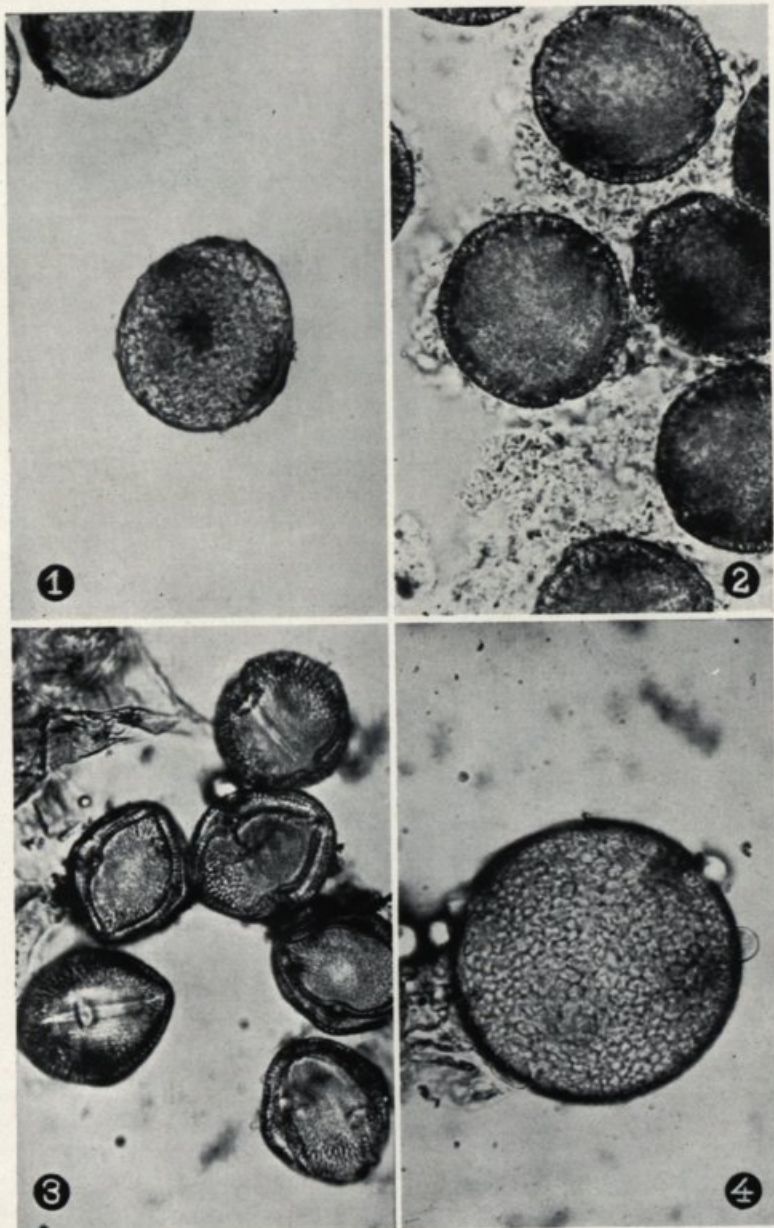
UNIVERSIDAD DE CHILE
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTANICO

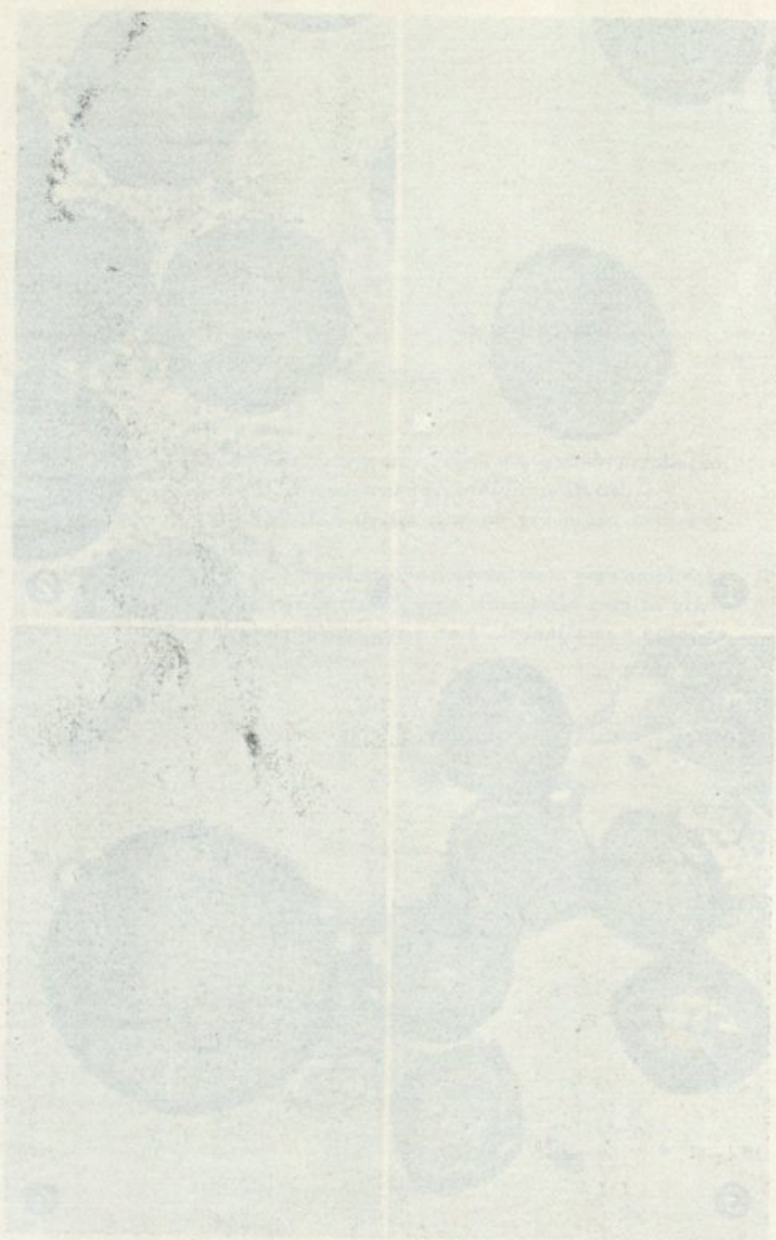


ESTAMPA II

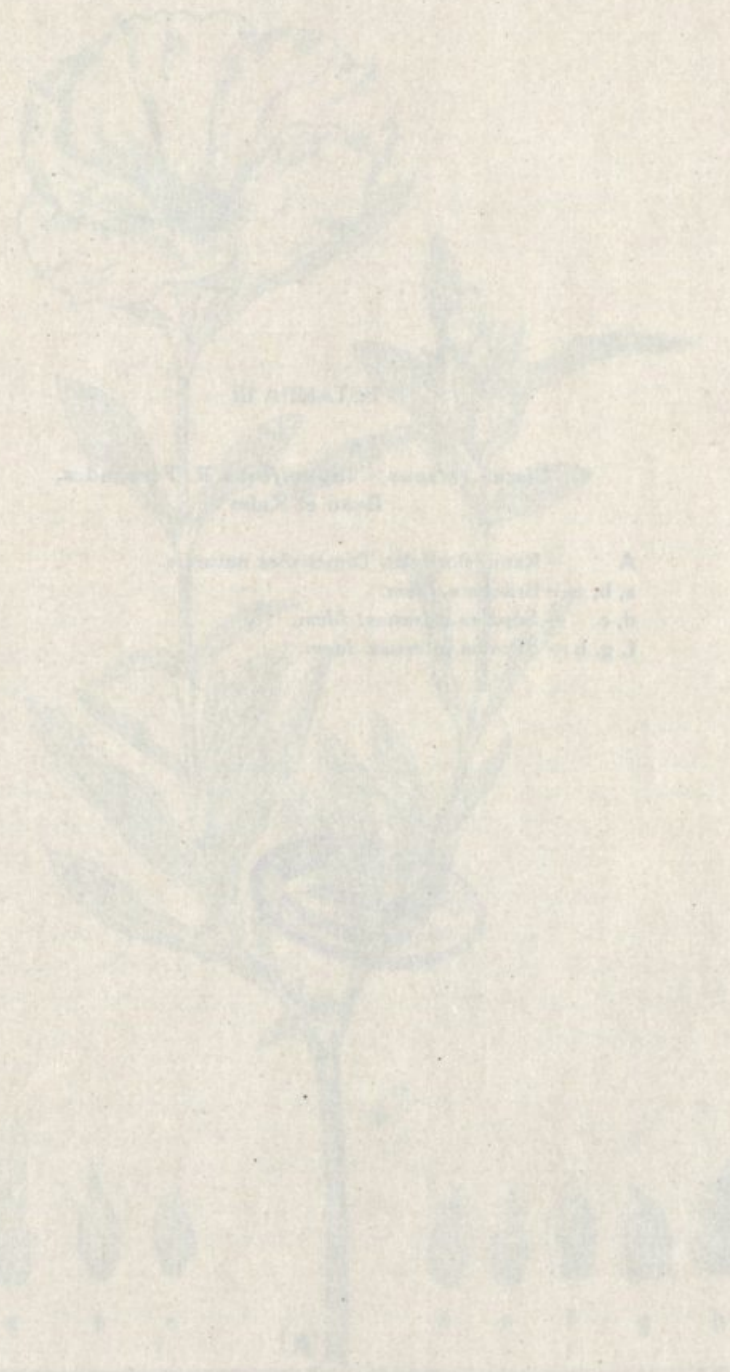
- Fig. 1. — Pólen de *Cistus crispus* L. visto em grande ampliação.
Fig. 2. — *Idem* de *C. ladaniferus* var. *albiflorus* Dunal.
Fig. 3. — *Idem* do híbrido. Notar que os grãos são mal conformados.
Fig. 4. — Grão de pólen perfeito do híbrido, visto com ampliação idêntica à das outras figuras. Comparar com os grãos de pólen de *C. crispus* e de *C. ladaniferus* e notar as grandes dimensões.







UNIVERSIDAD DE CHIMBORAZO
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTÁNICO



PLANTAE II

Species: *Caryophyllus*
Genus: *Caryophyllus*

A. ...
B. ...
C. ...
D. ...

HERBARIUM

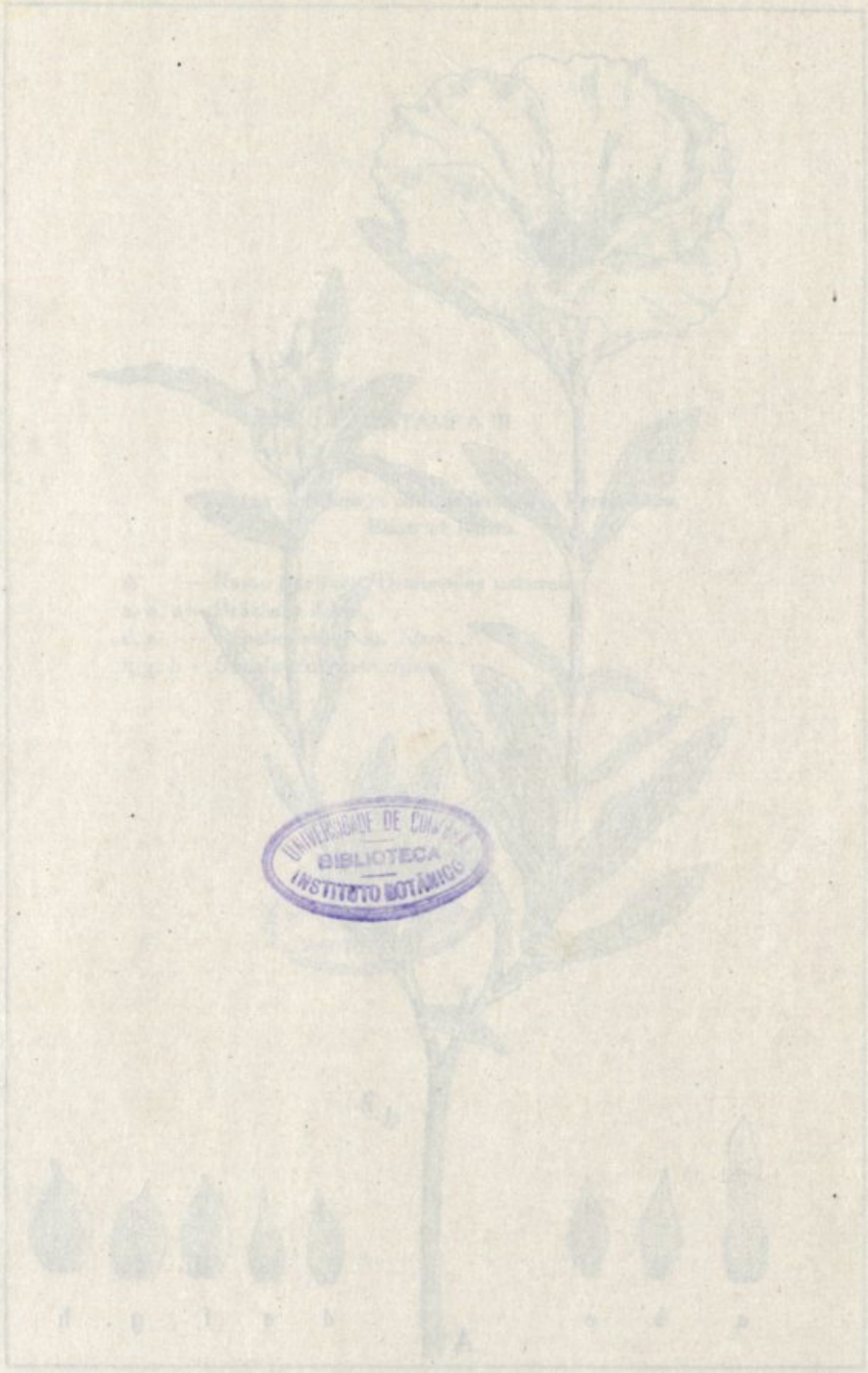
ESTAMPA III

Cistus crispus × *ladaniferus* R. Fernandes,
Beau et Kaim

- A — Ramo florífero. Dimensões naturais.
a, b, c — Brácteas. *Idem.*
d, e — Sépalas externas. *Idem.*
f, g, h — Sépalas internas. *Idem.*







UNIVERSIDADE DE CUIABÁ
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTÂNICO

UM PARECER DE BROTERO SOBRE A REFORMA DA FACULDADE DE FILOSOFIA

PUBLICADO POR

ABÍLIO FERNANDES

Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

DURANTE o calamitoso período das invasões francesas, a Universidade de Coimbra, animada do mais puro patriotismo, não hesitou em pôr os seus recursos financeiros e a própria vida dos seus filhos ao serviço da sagrada causa da libertação da Pátria. Organizou-se o corpo académico, que muito se distinguiu na luta contra o invasor, e o Laboratório Químico foi transformado em verdadeiro arsenal, graças à competência do lente de Química, THOMÉ RODRIGUES SOBRAL, e ao entusiasmo do Vice-Reitor, MANUEL PAES DE ARAGÃO TRIGOSO. Os encargos resultantes destas actividades foram custeados pelo cofre da Fazenda da Universidade.

Entretanto, o Governo, cujos recursos eram muito limitados, convidou a Junta da Fazenda a emprestar ao erário a maior quantia de que pudesse dispor. Esse empréstimo, porém, converteu-se na realidade em pesada contribuição extraordinária de defesa, que o cofre tinha por vezes dificuldade em satisfazer ⁽¹⁾.

Antes da entrada das tropas de MASSENA em Coimbra, o bem avisado governo da Universidade fez evacuar para Lisboa o cofre da Fazenda, bem como outras preciosidades. Os soldados não encontraram esses ricos bens para pilhar, mas, na ânsia de descobrirem objectos valiosos, ocasionaram

(1) J. SILVESTRE RIBEIRO — Historia dos estabelecimento scientificos, litterarios e artisticos de Portugal, t. V, 1876, p. 114.



vários danos na Capela, na Secretaria, na Imprensa e no Observatório Astronómico.

Expulso o invasor, o cofre regressou a Coimbra. Foi, porém, necessário reparar os prejuízos causados nas dependências universitárias; pagar os vencimentos em atraso aos professores em exercício; socorrer os doentes que em número muito elevado acorriam ao hospital de Coimbra; etc.

Se atendermos a estas despesas extraordinárias que a Junta da Fazenda foi obrigada a fazer e a que, durante o atribulado período das invasões, as rendas da Universidade não puderam ser cobradas com regularidade, compreende-se que as quantias acumuladas tenham sofrido uma diminuição considerável.

Regressando ao governo da Universidade em 23 de Dezembro de 1813, o Reformador-Reitor, D. FRANCISCO DE LEMOS DE FARIA PEREIRA COUTINHO, resolveu, decorrido algum tempo, prosseguir as obras do Jardim Botânico, estabelecimento que sempre lhe mereceu o mais acrisolado carinho. As despesas resultantes da ampliação das escolas sistemáticas, da construção dos socalcos que olham a nascente e da aquisição e colocação das formosas grades que marginam a actual alameda JÚLIO HENRIQUES, executadas com ferro vindo expressamente da Suécia, foram de tal modo elevadas, que o cofre da Universidade ficou exausto. O estado das finanças tornou-se tão precário que D. FRANCISCO DE LEMOS se viu obrigado, em 1818, a deixar em atraso o pagamento do ordenado dos lentes. Este facto deu ensejo a que, com justificada razão, se levantassem fortes clamores contra o Reitor, porquanto os recursos de alguns professores se limitavam unicamente aos seus vencimentos. Em várias publicações clandestinas, entre as quais se destacaram as intituladas *Lanterna Magica* e *Trombeta*, D. FRANCISCO DE LEMOS era apodado de déspota e nelas se criticava ásperamente a administração da Fazenda da Universidade (1).

(1) Para um conhecimento pormenorizado desta campanha contra D. FRANCISCO DE LEMOS e suas consequências, veja-se:

MARTINS DE CARVALHO — *Ephemerides Conimbricenses. O Conimbricense*, n.ºs 2528 e 2529.

A. BERNARDO SERRA DE MIRABEAU — *Memoria historica e commemorativa da Faculdade de Medicina, etc.* Coimbra, 1872.

J. SILVESTRE RIBEIRO, *op. cit.*, p. 153 e seg.

THEOPHILO BRAGA — *Historia da Universidade de Coimbra*, t. IV, 1902, p. 325.

Dado o interesse que o Prelado sempre consagrou aos problemas universitários, é provável que tenha tentado equilibrar o orçamento. O certo, porém, é que, nos princípios de 1821, o pagamento do ordenado dos lentes e dos outros funcionários se encontrava ainda em atraso. As precárias condições económicas em que se encontrava levaram o Dr. ANTONIO JOSEPH DE ARAUJO SANTA BARBARA, primeiro lente da Faculdade de Matemática, a enviar uma exposição às Cortes Constituintes, queixando-se de que nem ele, nem os seus colegas e demais funcionários da Universidade, recebiam ordenados há quase um ano ⁽¹⁾. A exposição do Dr. SANTA BARBARA originou nas Cortes uma polémica vivíssima, no decurso da qual se destacou o deputado BORGES CARNEIRO, que criticou acerbamente a administração de D. FRANCISCO DE LEMOS e pediu a sua substituição no cargo de Reitor ⁽²⁾. BROTERO, que era também deputado, não perdeu o ensejo para pedir igualmente a demissão do Prelado, personalidade por quem, como veremos, não tinha simpatia, dizendo «que era incompatível a execução das funções do Reitor da Universidade com as do Bispo; que elle já tinha mostrado sua incompatibilidade a Sua Magestade; porque tinha observado que, quando se trata dos interesses da Universidade em colisão com os do Episcopado, sempre se sacrificam os interesses da Universidade; por isso que fosse removido o Reitor e que ficasse com o seu Episcopado» ⁽³⁾.

Foi sem dúvida esta polémica que suscitou o aviso de 8 de Março de 1821, em que o Governo mandou suspender todas as despesas extraordinárias da Universidade, enquanto não estivessem pagos os ordenados dos lentes e dos outros funcionários ⁽⁴⁾.

Nas Cortes continuava a discussão sobre o estado da Universidade, e o Governo resolveu tomar providências para obstar à total ruína da Fazenda. O primeiro passo nesse sentido foi a nomeação, por portaria de 11 de Abril de 1821, de uma comissão, constituída por FELIX DOS SANTOS CARVALHO, nas funções de contador, e JOAQUIM JANUARIO DE SALDANHA MACHADO, nas de

(1) Veja-se THEOPHILO BRAGA, *op. cit.*, p. 334.

(2) THEOPHILO BRAGA, *op. cit.*, p. 337 e seg.

(3) THEOPHILO BRAGA, *op. cit.*, p. 338.

(4) J. SILVESTRE RIBEIRO, *op. cit.*, p. 162.

THEOPHILO BRAGA, *op. cit.*, p. 334.

escrivão, encarregada de analisar as causas que tinham ocasionado a ruína da Fazenda e de organizar um balanço das suas receitas e despesas ordinárias (1).

Se bem que se fizessem ouvir ainda algumas vozes em sua defesa, D. FRANCISCO DE LEMOS continuava a ser violentamente alvejado na Assembleia Nacional. O Governo resolveu então nomear o monge beneditino e opositor na Faculdade de Teologia, D. FREI FRANCISCO DE S. LUIZ, Bispo Coadjutor do Bispado de Coimbra e sucessor de D. FRANCISCO DE LEMOS no cargo de Reformador-Reitor da Universidade (2). A participação deste facto a D. FRANCISCO DE LEMOS era indicação clara de que o Governo não desejava que ele continuasse à frente dos destinos da Universidade. Assim o compreendeu o venerando Prelado, que imediatamente pediu a demissão, pretextando a sua avançada idade (3).

Concedida a demissão a D. FRANCISCO DE LEMOS, foi, como já tinha ficado estabelecido, nomeado Reformador-Reitor D. FR. FRANCISCO DE S. LUIZ, por carta régia de 27 de Agosto de 1821. O novo Prelado esforçou-se por restabelecer a disciplina entre os estudantes e procurou insuflar vida nova na Universidade, reformando os métodos de ensino e os compêndios por onde se deveria estudar. Para isso solicitou os pareceres dos conselhos das Faculdades (4).

O aviso de 8 de Março de 1821 proibia que se fizessem despesas extraordinárias. Por esse facto, tinha ficado por acabar o pórtico do Jardim Botânico, que urgia concluir, a fim de se evitar a sua ruína. O Prelado representou ao Governo nesse sentido e obteve a necessária autorização para completar a obra. Entretanto, o estado da Fazenda não melhorava e tendo-se levantado, como relata THEOPHILO BRAGA (5), a questão da reforma dos forais, de onde provinha uma grande parte dos rendimentos da Universidade, tornou-se necessário que a comissão encarregada do exame do estado da Fazenda, nomeada por portaria de 11 de Abril de 1821, continuasse os seus trabalhos, particularmente no que respeita ao estudo dos referidos forais.

(1) THEOPHILO BRAGA, *op. cit.*, p. 334-335.

(2) THEOPHILO BRAGA, *op. cit.*, p. 341.

(3) THEOPHILO BRAGA, *op. cit.*, p. 341-343.

(4) THEOPHILO BRAGA, *op. cit.*, p. 345-346.

(5) *Op. cit.*, p. 347-348.

Como relata SILVESTRE RIBEIRO ⁽¹⁾, o orçamento da receita e despesa da Universidade foi submetido às Cortes na sessão de 27 de Fevereiro de 1823. Em referência ao ano de 1822, existia um *deficit* de cerca de vinte e seis contos de reis, quantia que era realmente avultada. Falou, em primeiro lugar, o Reformador-Reitor, D. FRANCISCO DE S. LUIZ, que, muito sensatamente, expôs as medidas que, na sua opinião, poderiam levar ao restabelecimento do equilíbrio do orçamento universitário. Terminou por sugerir que se nomeasse uma comissão encarregada de propor as reformas que parecessem convenientes e justas, a fim de se tomarem providências tendentes a melhorar o estado daquele secular estabelecimento.

BORGES CARNEIRO, na sua linguagem viva, atacou fortemente a organização universitária, atribuiu o *deficit* a irregularidades de administração, criticou a maneira como se obtinham certos rendimentos e propôs que se fechassem as Faculdades positivas, que se diminuíssem ou suprimissem certos vencimentos, que se regularizassem as jubilações e que se acabasse com as propinas referentes a certas exéquias, préstitos, festas, etc.

Prosseguindo a discussão na sessão de 1 de Março de 1823, o deputado JOSÉ DE SÁ emitiu o parecer de que a receita da Universidade devia passar para o tesouro e não aprovou o montante de certos vencimentos, nem a distribuição de certas verbas, particularmente a referente à Faculdade de Teologia. A Imprensa da Universidade mereceu-lhe também reparos pouco lisongeiros.

SERPA MACHADO pronunciou um discurso mais sensato e concluiu dizendo que o Governo deve ser encarregado de propor ao Congresso uma reforma sobre a parte administrativa da Universidade, de modo a que a Assembleia consiga « restabelecer e reformar esta bella instituição litteraria, como recommenda a Constituição, e não extinguil-a, e queimal-a com gosto dos idiotas e charlatães ».

Procedendo-se à votação, foi resolvido que se nomeasse uma comissão encarregada de propor às Cortes, o mais rapidamente possível, as reformas que se deveriam fazer, tanto no que respeita à receita como à despesa da Universidade, entrando

(1) *Op. cit.*, p. 180 e seg.

imediatamente em vigor as resoluções tomadas que não se opusessem às leis vigentes (1). Esta comissão, preconizada pelas Cortes, foi criada por decreto de 15 de Março, mas a sua instauração só foi feita mais tarde (ver adiante).

Restaurado o absolutismo, D. FRANCISCO DE S. LUIZ pediu a exoneração do cargo de Reformador-Reitor, a qual lhe foi concedida em 23 de Junho de 1823.

Logo no dia imediato foi publicado o decreto da nomeação do Principal MENDONÇA para o cargo de Reformador-Reitor, tendo sido dado conhecimento do facto à Faculdade de Filosofia na congregação de 27 de Junho: «O Ill.^{mo} Sñr Vice-Reitor apresentou o Avizo, pelo qual Sua Magestade tendo concedido a demissão do Cargo de Reitor da Universidade de Coimbra ao Reverendo Bispo de Coimbra, Conde d'Arganil, Nomeava p.^a lhe succeder no dito Cargo a Diogo Furtado de Castro do Rio Mendonça, do seu Conselho, Principal Diacono da Sancta Igreja de Lisboa» (2).

Em 30 de Outubro de 1823, D. JOÃO VI ordenou ao Principal MENDONÇA que partisse imediatamente para Coimbra, onde a sua presença se tornava absolutamente necessária. Como era de esperar, uma das medidas que primeiro se impôs à consideração do novo Prelado foi o melhoramento do estado financeiro da Universidade, que continuava extremamente precário. Para isso, logo em 8 de Dezembro, oficiou ao Governo, solicitando a «instauração da *comissão encarregada de examinar e propor as reformas convenientes, assim na receita, como na despesa da Universidade*» (3), que, como vimos, tinha sido criada por decreto de 15 de Março, mediante proposta da Assembleia Nacional.

A resposta foi-lhe dada na carta régia de 19 de Dezembro de 1823 e no aviso da mesma data. A carta régia, transcrita na íntegra por THEOPHILO BRAGA (4), refere-se particularmente à

(1) Para um conhecimento mais pormenorizado destas sessões das Cortes, veja-se J. SILVESTRE RIBEIRO, *op. cit.*, p. 180-184.

(2) Actas da Faculdade de Filosofia — Arquivo da Universidade de Coimbra, Depósito IV, Secção 1.^a D, Estante 1, Tabela 3, N.º 30, (Antigo) C-XI-5-21.

(3) J. SILVESTRE RIBEIRO, *op. cit.*, p. 194.

(4) *Op. cit.*, p. 354-356.

instauração da comissão encarregada de estudar as reformas tendentes a melhorar o estado da Fazenda, a qual ficou constituída pelos seguintes membros: ANTONIO CAMELO FORTES DE PINA, AGOSTINHO JOSÉ PINTO DE ALMEIDA, ANTONIO HORTENCIO MENDES CORDEIRO, GUILHERME HENRIQUES DE CARVALHO, MANUEL JOSÉ FERNANDES SICOURO, JOSÉ JOAQUIM DE FARIA e pelo escriturário JOSÉ MARIA PEREIRA. Esta comissão seria presidida pelo Reitor. O aviso autorizava o Prelado a fazer nomear, em cada uma das Faculdades, uma junta, composta por três membros escolhidos pelas respectivas congregações, que ficaria encarregada de estudar se deveriam suprimir-se algumas cadeiras ou substituições, ou criar-se outras em lugar das que se extinguissem, ou ainda reunir-se as que tivessem mais analogias, e se haveria necessidade de introduzir alguma alteração ou reforma nos estabelecimentos anexos às Faculdades.

O Reitor deu conhecimento deste aviso à Faculdade de Filosofia na congregação de 16 de Janeiro de 1824, como se vê pelo conteúdo da acta dessa sessão que a seguir transcrevemos (1):

«Em 16 de Janeiro de 1824 pelas 4 horas da tarde se congregou a Faculdade de Fisolofia. Presidio o Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr Principal Mendoça Reformador, Reytor desta Universidade; e assistirão os D. D. Francisco Antonio Ribeiro de Paiva, Manuel José Barjona, Paulino de Nola Oliveira e Souza, Joaquim Franco da Silva, Caetano Roiz de Macedo, João Pedro Correa, e eu abaixo assinado, q̃. servi de Secretario.

1.

Apresentarão-se as faltas dos estudantes da Faculdade do mez de Dezembro de 1823, e forão lançadas no Livro competente.

2.

Foi nomeado Secretario da Congregação o D.^{or} Oppositor Domingos dos Reis Teixeira do Paço da Costa Machado. Em

(1) Actas da Faculdade de Filosofia — Arquivo da Universidade de Coimbra, Depósito IV, Secção 1.^a D, Estante 1, Tabela 3, N.º 30, (Antigo) C-XI-5-21.

quanto a Fiscal, determinou-se, q̃. sendo necessario se nomearia provisoriamente; e q̃. este objecto haja de ser tomado em consideração pela Junta, q̃. se ha de nomear para a reforma da Faculdade; para propor a Sua Magestade, o q̃. julgar conveniente.

O Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr Presidente apresentou, e mandou ler um Aviso de Sua Magestade, cujo theor he o seguinte.

Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sñr. Tendo levado á Presença de Sua Magestade o officio de V. Ex.^a datado de 8,, do corrente mez, sobre a instauração da Commissão encarregada de examinar, e propor as reformas convenientes assim na receita, como despesa da Universidade: Foi o mesmo Senhor Servido conformando-se inteiramente com o parecer de V. Ex.^a, Determinar, o q̃. consta da Carta Regia datada de hoje, dirigida a V. Ex.^a: E alem disto, achando digno de attenção o mais que V. Ex.^a propoz no referido Officio. Ha por bem authorizar a V. Ex.^a para que, fazendo nomear em cada uma das Faculdades Academicas huma Junta composta de trez Membros d'ellas escolhidos pelas respectivas Congregações, confira com estas diversas Juntas, se se deverão supprimir inteiramente algumas Cadeiras, ou Substituições, ou crear outras em lugar d'ellas, ou unir as que tem maior analogia; e se deve haver alguã alteração ou reforma nos Estabelecimentos annexos ás Faculdades: para que, á vista do que se assentar nas mesmas Juntas, e do que for representado pelos outros Membros das ditas Faculdades, que ou espontaneamente quizerem fazer este Serviço, ou por V. Ex.^a forem ouvidos, e consultados; possa V. Ex.^a propor a Sua Magestade o que for a bem do Ensino Publico da Universidade.

Manda porem o Mesmo Senhor declarar a V. Ex.^a que, aindaque estas diversas alterações e reformas devão ser accomodadas ao estado da Fazenda da Universidade, e talvez concorrer para a diminuição da sua despesa: não he comtudo da Sua Real Intenção, que esta diminuição se considere, senão de hum modo secundario, e só digno de ser tomado em consideração, huma vez que destas reformas senão siga notavel prejuizo no ensino das Sciencias, que Sua Magestade muito dezeja manter, e promover em utilidade de seos vassallos. ————— Deos guarde a V. E.^a Palacio da Bemposta em 19,, de Dezembro de 1823.

_____ Joaquim Pedro Gomes de Oliveira. _____
 Sñr. Principal Mendocça, Reformador, Reytor da Universidade
 de Coimbra. _____ Cumpra-se e registe-se. Registe-se. Reaes
 Paços das Escolas em 2,, de Janeiro de 1824. _____ Principal
 Mendocça Reformador, Reytor.

4.

Depois de lido o referido Aviso, determinou o Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr. Presidente, que em a primeira Congregaçãõ se executaria na parte, q̃. pertencia á Faculdade; para o que deverião os membros da Congregaçãõ vir prevenidos.

Eu o D.^{or} José Joaquim Barboza, que sirvo de Secretario o escrevi.

D. Principal Mendocça Ref.^{or} R.^{or}
 Francisco Antonio Rib.^o de Paiva
 Manuel Jose Barjona Paulino de Nola Oliv.^{ra} e S.^{za}
 Joaquim Franco da Silva
 Caetano Roiz de Macedo João Pedro Corr.^a de Campos
 José Joaquim Barboza »

O aviso contém duas disposições dignas de ser postas em relevo. A primeira diz respeito ao direito concedido a qualquer membro das Faculdades, que não fizesse parte das Juntas, de poder espontâneamente expor o seu parecer ao Reitor e de este poder consultar também qualquer desses membros. A segunda é já assinalada por SILVESTRE RIBEIRO (1), que se refere a ela nos seguintes termos: «Uma declaração continha o aviso, que faz bastante honra ao governo d'aquelle tempo, e vinha a ser, que embora as diversas alterações e reformas devessem ser accomodadas ao estado da fazenda da Universidade, e talvez concorrer para a diminuição da sua despeza, era contudo da intenção do soberano que essa diminuição fosse considerada como ponto secundario, para sómente ser tomada em linha de conta quando de taes reformas não resultasse notavel prejuizo para o ensino das sciencias, as quaes S. M. muito desejava manter e promover ».

(1) *Op. cit.*, p. 194.

Em congregação de 14 de Fevereiro de 1824, procedeu-se na Faculdade de Filosofia à eleição da comissão, como mostra a seguinte passagem da respectiva acta: «Procedendose a illeição por votos em escrutinio secreto dos membros da junta, que hade propor a Sua Magestade as reformas necessarias na Faculdade de Filosofia, sahirão elleitos o Doutor Francisco Antonio Ribeiro de Paiva, o Doutor Thome Rodrigues Sobral, e o Doutor Manoel Joze Barjona».

BROTERO, que contava nessa data a propecta idade de 80 anos, estava jubilado desde 1811 e desempenhava as funções de Director do Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda. Dado o facto de o exímio botânico se encontrar afastado da Universidade há muito tempo e a circunstância de não dever ser olhado com simpatia pelo regímen absolutista restaurado, visto ter sido eleito deputado às Cortes de 1820, é provável que o Principal MENDONÇA lhe não tenha solicitado o seu parecer sobre a reforma que se projectava. É crível, porém, que BROTERO, professor consciencioso que muito se interessava pelos progressos do ensino, pela especialização do qual sempre lutou, tenha resolvido, espontâneamente, enviar o seu parecer ao Reitor, uma vez que o texto do aviso lhe concedia esse direito. Esse parecer de BROTERO, que se encontra no Arquivo e Museu de Arte da Universidade de Coimbra, ao qual foi oferecido pelo Ex.^{mo} Sr. Eng. ANTÓNIO LUÍS DE SENA RIBEIRO, é do teor seguinte:

Parecer

Do Lente Felix de Avellar Brotero

Sobre as Reformas respectivas

á sua Faculdade

A Faculdade Philosophica como taõbem a de Mathematica foraõ accrécimadas, conforme he bem notorio, ás quatro antigas da Universid.^e de Coimbra pelo Augusto Sñr Rei D. Jose I. de gloriosa memoria com grandes applausos e elogios de m.^{tos} Sabios por ter Elle com tanto acerto promovido o ensino das Sciencias em utilidade dos Seus vassalos, e mesmo dado exemplo aos outros Soberanos de assim o practicarem nas Uni-

versid.^{es} dos Seus Estados, nas quaes todas entãõ so haviaõ tres ou quatro Faculdades de Sciencias: Elle ampliou m.^{to} as rendas da Universid.^e principalm.^{te} em razaõ das grandes e indispensaveis despezas q̃ era preciso fazer com os empregados no ensino das doutrinas das duas novas Faculdades e com os seus respectivos Estabelecim.^{tos}: Elle reformou as antigas quatro Faculdades, deu novas Leis a todas, e tudo pareceo entãõ persuadir-Lhe huma immutavel subsistencia das disposiçoẽs daquella grande empreza; porem a experiencia com o tempo desmentio esta persuasaõ, e pouco a pouco foi mostrando que era necessario ir fazendo algumas pequenas Reformas na grande Reforma. Com effeito fizeraõ-se nella ja algumas, e presentem.^{te} julga-se que muitas saõ ainda necessarias, e em todas as Faculdades, por differentes motivos, para cujo fim se acha estabelecida huma Commissão. Portanto como na Faculdade de Philosophia parecem ser precisas algumas alterações e emendas para melhor, penso ser do meu dever, como hum dos seus respectivos membros, participar o meu parecer a respeito dellas.

Na epoca da fundação da Faculdade de Philosophia na Universid.^e, as Sciencias Philosophicas, q̃ nella entãõ se estabelecerãõ, a Physica, Chimica, e os tres ramos scientificos de Historia Natural, Zoologia, Botanica e Mineralogia, naõ abrangiaõ hum taõ vasto ambito de conhecimentos como hoje; depois desse tempo tem havido em todas numerosos descobrimentos, todas depois tem feito progressos extensissimos, e saõ presentem.^{te} em toda a Europa m.^{to} cultivadas em razaõ da sua grande utilid.^e na Medicina, Agricultura, Commercio e Artes. Na fundação mencionada foi instituida huma so Cadeira para o ensino dos tres ramos scientificos de Historia Natural; mas o interesse e amenidade destas Sciencias da Natureza tendo attrahido depois dentro de poucos annos hum grande numero de estudiosos por toda a Europa, ellas foraõ por elles de tal sorte ampliadas e aperfeiçoadas, que huma so Cadeira p.^a o seu ensino ficou sendo muito inadequada. Com effeito toda a Botanica entãõ era ensinada na Universidade dentro de hum mez com pouca differença, e os estudantes destinados a seguir a Faculdade de Medicina, para os quaes principalm.^{te} a Cadeira de Historia Natural tinha sido instituida, ficavaõ quasi intei-

ram.^{te} inertes em Botânica, e tão ignorantes no conhecim.^{to} practico dos vegetaes, como dantes eraõ. Donde resultou, q̃ a Augusta Snr.^a Rainha D. Maria I. annuindo ás sabias representações, que entãõ Lhe fez o judicioso e m.^{to} benemerito Reformador Reitor da Universid.^e o Ex.^{mo} Principal D. Francisco Raphael de Castro, julgou acertado determinar, que se erigisse huma nova Cadeira, na qual se ensinasse a Botânica juntam.^{te} com a Agricultura Philosophica e pura, que com ella tinha grande analogia, e ficasse o ensino da Zoologia e Mineralogia continuando na antiga Cadeira, o que com effeito se executou.

Depois da demissão dada pelo Ex.^{mo} Principal Castro, tornou a ser Reformador Reitor da Universidade o Ex.^{mo} Bispo de Coimbra, D. Francisco de Lemos, o qual levado da preocupação, que o dominava, por todas as instituições da Reforma Josephina, como taõbem da ufanía de saber fazer melhores innovações do que o Ex.^{mo} Prelado Castro, seu Predecessor, representou ao Governo, que a Botânica devia tornar a ser incorporada com a Zoologia e Mineralogia na Cadeira de Historia Natural, e que a nova Cadeira, que se tinha estabelecido, devia so ser destinada ao ensino da Agricultura, e que alem desta se devia ainda instituir outra para o ensino de Metallurgia. O Governo annuo a esta Representação quanto ao q̃ respeitava á nova instituição da Cadeira de Metallurgia; mas quanto ao outro projecto determinou q̃ elle ficasse p.^a se cumprir p.^a o futuro, e que entretanto o quarto Lente da Faculd.^e continuasse no exercicio, em que estava, da Leitura simultanea da Botânica e Agricultura, por assim ser conveniente em beneficio da instrucção publica. Estas resoluções foraõ executadas, e tem subsistido, continuando a haver na Faculdade athe agora huma Cadeira destinada ao ensino de Metallurgia, e outra ao da Botânica e Agricultura. Mas deveraõ ellas continuar a subsistir do mesmo modo daqui em diante? Sera necessario haver alguma alteraçãõ a seu respeito? Eis aqui sobre o q̃ passo a entrepor o meu parecer.

Nas diversas alteraçõs e Reformas, q̃ actualmente se houverem de fazer, acha-se determinado, como he de toda a prudencia, conciliar o presente estado da Fazenda da Universid.^e com o bem do ensino publico das Sciencias de tal maneira, q̃ o dito ensino naõ seja notavelm.^{te} sacrificado á Economia.

Debaixo desta circumspecta conciliação pode m.^{to} bem ter logar o reunir em huma so Cadeira o ensino de duas Sciencias, q̃ são m.^{to} analogas, e esta reuniaõ por analogia será m.^{to} conveniente, quando alguma dellas tiver antes sido ensinada simultaneam.^{te} com outra, com a qual não tivesse analogia; comtudo na mencionada reuniaõ, que parece ser motivada por economia da Fazenda, sera preciso que o Lente respectivo não prejudique o ensino, ommittindo ou ainda abbreviando demasiadam.^{te} as essenciaes e sufficientes noções das Sciencias reunidas. Foi assim que a Botanica mereceo ser desunida da Zoologia e Mineralogia, com as quaes não tinha analogia, e foi reunida á Agricultura, que lhe he m.^{to} análoga: com effeito, a Agricultura, cujo principal objecto he a cultura dos vegetaes, tem com a Botanica, q̃ tracta do conhecim.^{to} delles e da sua habitação, huma grande e maior analogia do que com qualquer outra das Sciencias da Faculdade; a Botanica he uma Sciencia m.^{to} diversa de todas ellas, hoje he vastissima, e ja o era quando foi separada da Zoologia e Mineralogia; destas foi desunido o seu ensino essencial, por ser este excessivam.^{te} ommittido e muito limitado, quando reunido com o das duas ditas Sciencias. Mas como o desempenho deste essencial ensino he bem compativel com o essencial da Agricultura Philosophica, foi porisso m.^{to} acertado reunir estas duas Sciencias, e tanto mais porq̃ nesta reuniaõ se attendeo entaõ taõbem muito á economia das despezas; se pois taõbem por economia da Fazenda a Botanica e Agricultura foraõ entaõ reunidas em huma so Cadeira, com muita maior razaõ hoje, por serem maiores os motivos economicos, ellas devem continuar a persistir reunidas do mesmo modo, q̃ dantes existiaõ.

Quanto á Metallurgia, não me parece que o seu ensino deva continuar a subsistir da mesma maneira, em q̃ se acha estabelecido na Faculdade. A experiência tem athe agora mostrado q̃ a sua respectiva Cadeira he superflua na Faculd.^e; o seu ensino não tem athe agora produzido hum unico Metallurgista, nem mesmo hum so alumno, que não seja superficial na theoria, e inteiram.^{te} inerte na practica. He bastante que na Cadeira de Chimica se hajaõ de ler aquellas ideas de Metallurgia geraes e concisas, que m.^{tos} Chemicos costumaõ mencionar nas suas lições, como vi practicar por m.^{tos} de taes professores em França;

porq̃ particularizar os trabalhos de minas e tudo o mais q̃ he respectivo á Sciencia Metallurgica ordinariam.^{to} costuma so ser effeituado por hum habil professor Metallurgico, q̃ nos não temos, e demais disso cuja Aula seja estabelecida na Casa da Moeda; como porem na de Lisboa se acha ja huma estabelecida e destinada principalm.^{to} p.^a esse fim, tanto por este como pelos outros precedentes motivos, sou de parecer que a Cadeira de Metallurgia deve ser supprimida na Faculdade.

A Mineralogia tem por objecto o conhecim.^{to} de toda a sorte de Mineraes pelos seus caractéres externos e mesmo chimicos; os Metaes e Semimetaes, por serem Mineraes constituem huma parte classica do Systema da Sciencia Mineralogica; esta hoje he vastissima, inteiram.^{to} diversa da Zoologia, e m.^{to} analogá á Metallurgia: por conseguinte o seu ensino merece ser reunido com o da Metallurgia em huma so Cadeira, assim como, e pelos mesmos motivos, a Botanica e a Agricultura Philosophica foraõ reunidas. A Zoologia, q̃ tracta do conhecimento dos animaes, e q̃ não tem analogia com Sciencia alguma da Faculd.^e, he a q̃ me parece dever ficar separada, e ensinar-se em uma so privativa Cadeira; nem isto deve excitar alguma admiração estranha, porq̃ esta Sciencia he hoje tão extensa, q̃ em França o seu ensino se acha dividido em m.^{tas} Cadeiras.

Para as Substituições das Cadeiras da Faculdade tem havido som.^{to} dois Lentes athe agora, e se isto foi por economia, como conjecturo, no presente estado da Fazenda da Univ.^{id.}, em q̃ a economia he de grande necessid.^e, parece q̃ se não deve augmentar mais o numero das Substituições; contudo p.^a bem do ensino não deixaria de ser m.^{to} util haverem na Faculd.^e trez Lentes Substitutos, hum p.^a a Cadeira de Physica, outro p.^a a de Chimica, e outro p.^a as Cadeiras de Historia Natural.

Pelo q̃ respeita aos Estabelecim.^{tos} annexos á Faculdade Philosophica, a sua boa manutenção he indispensavel, e não me parece q̃ nelles se deva fazer alteração alguma senão p.^a os melhorar. Todas as Sciencias da Faculd.^e exigem m.^{ta} practica, e esta depende de tal maneira dos seus respectivos Estabelecim.^{tos}, que sem elles quasi todo o ensino ficaria puram.^{to} theoretico, incompleto, e destituido das Luzes que lhe são de absoluta necessid.^e. No serviço de taes Estabelecim.^{tos} devem

haver officiaes habeis, e os inhabeis, se actualm.^{te} os houverem, como he o Jardineiro será (*sic*), devem ser expulsos. Os ditos Estabelecim.^{tos} devem ser conservados e mellhorados segundo as representações de cada hum dos seus respectivos Lentes proprietarios; mas sem superfluidade, sem luxo, e de maneira, q̃ quanto nelles se fizer de novo seja compativel com a economia e com o sufficiente decoro da Universid.^o. No tempo, em q̃ servi a minha Cadeira, sendo entã Reformador Reitor da Universid.^o o Ex.^{mo} Principal Castro, tudo assim adequadam.^{te} se practicava com as despezas feitas com o Jardim Botânico; mas infelizm.^{te} depois da demissão dada por este judicioso Prelado, o serviço deste mencionado Estabelecim.^{to} foi inadvertidam.^{te} commettido a homens inertes e negligentes, e as suas obras e despezas foraõ feitas com m.^{to} luxo e superfluam.^{te}, ommittidas as mais necessarias, como eraõ as da continuação das Estufas, as da Aula p.^a as lições de Botanica, e de Materia Medica, e as da conservação e augmento das plantas do Jardim, ommissoes, que julgo ser necessario remediar, aindaq̃ seja pouco a pouco, a favor do ensino publico, conforme o permittir o estado da Fazenda.

A Bibliotheca da Universid.^o he hum Estabelecim.^{to} respectivo a todas as Faculdades, e pelo que respeita á de Philosophia ella he m.^{to} pobre nos livros q̃ lhe são necessarios segundo o estado actual das Sciencias Philosophicas. Nas Bibliothecas das Universidades dos Estados de alguns pequenos Soberanos de Allemanha nada falta ao dito respeito, como m.^{tas} vezes observei; mas na da nossa Universid.^o he tal a deficiencia de livros das Sciencias Philosophicas, que lhe faltaõ os mais classicos e os mais interessantes autores das ditas Sciencias, tanto antigos como modernos, tendo succedido m.^{tas} vezes [com sentim.^{to} o digo] que alguns Sabios estrangeiros indo comigo a nossa Bibliotheca com o designio de tirar algumas duvidas sobre objectos de Historia Natural, nella naõ puderaõ achar nem hum so livro dos que procuravaõ para o dito fim. Esta falta de livros tanto na minha Faculd.^o como nas outras de Sciencia naturaes he digna de toda attenção, e merece de ser providenciada á proporção dos meios, q̃ o estado actual da Fazenda da Universid.^o o permittir.

Aqui com isto terminarei as reflexões, que me occorreraõ a

participar sobre as alterações, de que me parece ser susceptível a minha Faculd.º

Alcolena de Belem

a ____ de Fevr.º

de 1824

Felix de Avellar Brotero

Como se vê, BROTERO começa por fazer os maiores encómios à grande reforma de 1772, que constituiu, na verdade, um passo extremamente notável no nosso ensino superior. As disposições contidas nessa reforma não poderão, no entanto, continua o insigne naturalista, considerar-se imutáveis, pois a experiência mostrou que, graças ao rápido desenvolvimento das Ciências, novas condições vão surgindo às quais é necessário ir adaptando o regime de estudos. Para isso, tinham já sido feitas algumas pequenas reformas na grande reforma e outras se impunham, para o estudo das quais tinha sido estabelecida uma comissão. Como membro da Faculdade de Filosofia, julga ser seu dever transmitir o que pensa sobre o assunto, no sentido de contribuir para o melhoramento do estado da sua Faculdade.

Em seguida, enumera as disciplinas que formavam o quadro da Faculdade de Filosofia no seu início e faz a história da cadeira de História Natural, mencionando os motivos que levaram o Governo de D. MARIA I a separar dela a Botânica e Agricultura, que passaram a constituir uma cadeira autónoma. Como se sabe, BROTERO foi encarregado da regência dessa cadeira, a qual foi criada principalmente a instâncias do Principal CASTRO. Compreende-se, assim, que o nosso naturalista tenha palavras de verdadeiro carinho para com aquele Prelado.

Refere-se depois às tentativas feitas por D. FRANCISCO DE LEMOS no sentido de voltar a reunir a Botânica à Mineralogia e à Zoologia, na cadeira de História Natural, ao mesmo tempo que solicitava a criação de uma cadeira de Agricultura e outra de Metalurgia. O Governo atendeu a representação do Bispo-Conde no que respeita à criação da cadeira de Metalurgia, mas, relativamente à Botânica e Agricultura, resolveu que a proposta do Reitor ficasse para ser aplicada mais tarde.

BROTERO efectuou os seus estudos de História Natural em França, onde foi discípulo dos grandes mestres que foram

BUFFON, LAMARCK, JUSSIEU, AUBENTON, BUISSON, VALMONT DE BOMARE, etc. (1). Com estes professores e nas suas viagens através da Europa, reconheceu BROTERO que a História Natural era já nesse tempo um campo vastíssimo que a mente de um só homem não poderia abarcar. Reconheceu, também, que os progressos em qualquer ramo não eram possíveis sem especialização. Verificou ainda que os professores no estrangeiro não eram somente transmissores de ciência feita, mas que eram altos espíritos, cultos e sabedores, que, além de ensinarem o que os seus predecessores tinham conseguido descobrir, se empenhavam tenazmente eles próprios em criar ciência. BROTERO foi, assim, levado à convicção de que o verdadeiro professor não é aquele que conhece o conteúdo de muitos livros, mas sim o que leu e meditou esses livros e procura avidamente a solução das inúmeras incógnitas da ciência que cultivava.

Quando BROTERO chegou a Coimbra, imperava na Universidade o tipo do professor enciclopédico que os Estatutos Pombalinos exigiam. O professor que tanto teria de ensinar Química como Mineralogia, Zoologia ou Botânica. O professor que teria necessariamente de ser superficial, incapaz de criar ciência, dada a sua falta de especialização e a impossibilidade de conseguir tempo para a obter. A separação da Botânica e Agricultura da cadeira de História Natural representava o primeiro passo no caminho da especialização, que era tão cara a BROTERO. Por isso, a representação de D. FRANCISCO DE LEMOS, em que pedia ao Governo que a Botânica fosse reunida de novo à História Natural, desgostou profundamente o eminente naturalista, que considerava a especialização absolutamente indispensável ao progresso da ciência portuguesa. Compreende-se, assim, que BROTERO nunca tenha perdoado a D. FRANCISCO DE LEMOS a solicitação de tal medida. Este facto e as desinteligências que surgiram entre BROTERO e o Bispo-Conde no que respeita às obras do Jardim Botânico explicam sobejamente as palavras pouco amáveis com que o autor da *Flora Lusitânica* se refere ao Prelado no seu parecer, bem como outras

(1) Veja-se A. FERNANDES — Felix de Avellar Brotero e a sua obra. *Bol. Soc. Broteriana*, vol. 19 (2.ª série), 1944, p. LIII-LXXIV.

alusões desagradáveis que lhe fazia todas as vezes que se lhe deparava ensejo.

BROTERO desejava ser o professor que sonhara, isto é, o professor que ministra conhecimentos adquiridos, que cria ciência e forma discípulos por quem aspira a ser superado. Esta atitude de BROTERO era verdadeiramente revolucionária para o meio universitário de Coimbra e não poderia ser vista com bons olhos pelos seus colegas, pelo facto de vir perturbar a rotina habitualmente seguida. Pensamos que daqui resultaram algumas das campanhas que se moveram contra BROTERO e a acusação de que era um pobre botânico, incapaz, por falta de conhecimentos, de ensinar Mineralogia e Zoologia. Por isso se insurgia contra a já decretada reunião da Botânica com a Zoologia e Mineralogia (a aplicação do decreto estava suspensa). Esta explicação da atitude de BROTERO, em que tanto se insistiu naquele tempo, levando muitos espíritos a considerá-la verosímil, aparece-nos hoje como verdadeiramente pueril, pois que, dados os superiores dotes intelectuais do nosso naturalista e a circunstância de ter mesmo seguido em França cursos de Zoologia e Mineralogia, não lhe seria difícil obter os conhecimentos que necessitaria para dar lições dessas matérias comparáveis às dos seus colegas. Esta asserção é plenamente justificada pelo facto de BROTERO ter publicado também alguns trabalhos de Zoologia e posto em ordem a colecção mineralógica do Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda (1).

As razões pelas quais BROTERO combatia tenazmente o projecto de D. FRANCISCO DE LEMOS eram outras. Em primeiro lugar, porque a medida preconizada representava um retrocesso pelo desaparecimento da especialização que já se tinha conseguido. Por outro lado, a aplicação do projecto impossibilitaria BROTERO de se consagrar exclusivamente à Botânica e comprometeria, portanto, a realização do grande sonho da sua vida: a elaboração da *Flora Lusitânica*.

Foi sem dúvida o pensamento de poder influir no estabelecimento de uma maior especialização dentro da Faculdade de Filosofia que decidiu BROTERO a emitir o seu parecer a propósito da reforma que o Governo solicitava. Essa reforma deveria, porém, nos termos do aviso e como acentua BROTERO,

(1) Vide A. FERNANDES — *Op. cit.*

« conciliar o presente estado da Fazenda da *Universid.^o* com o bem do ensino publico das *Sciencias* de tal maneira, q̃ o dito ensino não seja notavelm.^{te} sacrificado á *Economia* ». Dentro deste critério não seria possível estabelecer grandes especializações, como seria desejo de BROTERO, desejo que parece inferir-se quando o exímio naturalista diz que em França o ensino da Zoologia se acha dividido em várias cadeiras. Nesta conformidade, BROTERO limita-se a sugerir reuniões de disciplinas que lhe parecem análogas, a propor o desaparecimento da *Meta-lurgia*, cujos fundamentos passariam a ser ensinados na *Química* e na *Mineralogia*, e a recomendar a separação da *Mineralogia* da *Zoologia*. Mediante esta proposta, não haveria aumento de despesa, visto o número de cadeiras ficar sendo o mesmo.

A Reforma Pombalina estabeleceu as seguintes cadeiras no Curso Filosófico :

Filosofia Racional e Moral
História Natural
Física Experimental
Química Teórica e Prática.

A instâncias do Principal CASTRO, foi depois criada, em 1791, a cadeira de *Botânica* e *Agricultura*, para a regência da qual foi nomeado BROTERO. O quadro das cadeiras da Faculdade passou então a ser :

Filosofia Racional e Moral
História Natural (*Mineralogia* e *Zoologia*)
Botânica e *Agricultura*
Física Experimental
Química Teórica e Prática.

No início do seu segundo reitorado, D. FRANCISCO DE LEMOS propôs o seguinte quadro :

Filosofia Racional e Moral
História Natural (*Mineralogia*, *Zoologia* e *Botânica*)
Agricultura
Física Experimental
Química Teórica e Prática
Metalurgia.

O Governo só atendeu em parte a proposta de D. FRANCISCO DE LEMOS, ficando a funcionar as seguintes cadeiras:

Filosofia Racional e Moral
 História Natural (Mineralogia e Zoologia)
 Botânica e Agricultura
 Física Experimental
 Química Teórica e Prática
 Metalurgia.

Segundo o parecer de BROTERO, as cadeiras do Curso Filosófico passariam a ser:

Filosofia Racional e Moral
 Mineralogia
 Zoologia
 Botânica e Agricultura
 Física Experimental
 Química Teórica e Prática.

Considerando a parte que diz respeito à História Natural, verifica-se, pelo confronto com as cadeiras existentes, que a reforma preconizada por BROTERO representava um considerável progresso no sentido da especialização e, portanto, na eficiência do ensino. Os seus pontos de vista sobre o desaparecimento da cadeira de Metalurgia, cujos fundamentos passariam a ser ensinados na Química e na Mineralogia, parecem igualmente bastante sensatos.

É também o reconhecimento da necessidade da especialização que leva BROTERO a assinalar a vantagem do aumento do número de lentes substitutos de dois para três: um para Física, outro para Química e outro para as cadeiras de História Natural. Desse modo, ficaria cada um destes lentes dentro da sua especialidade.

Referindo-se aos estabelecimentos anexos à Faculdade, BROTERO faz as mais judiciosas considerações ao dizer que «a sua boa manutenção he indispensavel, e não me parece q̃ nelles se deva fazer alteraçãõ alguma senãõ p.^a os melhorar». Em seguida, acrescenta estas palavras que consideramos oportuníssimas e verdadeiramente preciosas: «Todas as Sciencias da Faculd.^e exigem m.^{ta} practica, e esta depende de tal ma-

neira dos seus respectivos Estabelecim.^{tos}, que sem elles quasi todo o ensino ficaria puram.^{te} theoretico, incompleto, e destituido das Luzes que lhe são de absoluta necessid.^e». Os Estabelecimentos anexos deverão, por isso, ser melhorados, sem superfluidade e sem luxo, e dotados de pessoal competente. Foi assim que se procedeu relativamente ao Jardim Botânico de Coimbra durante o tempo em que ali prestou serviço, sendo Reformador-Reitor o Principal CASTRO. Depois da saída deste Prelado, o Jardim foi entregue a homens que BROTERO apoda de inertes e negligentes e as obras foram feitas com muito luxo e superfluidade, visto não se terem executado as que considerava mais importantes: continuação das estufas, instalação da sala de aula e aumento do número de plantas. Espera que essas omissões sejam remediadas a pouco e pouco.

BROTERO termina o seu parecer com uma referência à Biblioteca da Universidade, queixando-se da falta de livros tanto antigos como modernos. Relata o facto de ter ido ali por vezes com estrangeiros, a fim de tirarem dúvidas sobre questões de História Natural e de não terem encontrado nenhum dos livros que pretendiam consultar. Como não poderia deixar de ser, visto os livros serem utensílios indispensáveis ao mestre e investigador que deve ser o professor universitário, considera o estado da biblioteca digno da maior atenção e espera que se tomem providências adequadas para remediar aquele grande mal.

Analisando as sugestões de BROTERO de uma maneira geral, não poderemos deixar de concordar que, dentro do critério que lhe era imposto de conciliar o estado da Fazenda da Universidade com o bem do ensino, o seu parecer era extremamente sensato e continha soluções que muito poderiam contribuir para os progressos do ensino e da investigação.

E relativamente aos trabalhos da comissão eleita na congregação de 14 de Fevereiro de 1824? É provável que tenha reunido e que nas suas reuniões se tenham discutido os problemas que deveriam sem dúvida preocupar a Faculdade de Filosofia. O certo, porém, é que não se encontra qualquer referência aos seus trabalhos nas actas das sessões posteriores a 14 de Fevereiro. À instabilidade política e à desorientação dos espíritos que reinavam naquela época deve, sem dúvida,

ser atribuído o facto de a comissão nada ter feito ou não ter dado a conhecer os resultados dos seus trabalhos.

Consideramos provável que os mesmos factores tenham influenciado os trabalhos da outra comissão, instaurada pela carta régia de 19 de Dezembro de 1823, para estudar as reformas tendentes a melhorar o estado da Fazenda da Universidade. As condições desta continuaram precárias, até que, como relatam MÁRIO BRANDÃO e M. LOPES D'ALMEIDA (1), «a conveniência de centralizar todos os rendimentos do Estado, na conformidade da doutrina do decreto de 16 de Maio de 1832, levou o ministro da fazenda, José da Silva Carvalho, a publicar o decreto de 5 de Maio de 1835, pelo qual todos os bens, direitos, acções e títulos da Universidade foram encorporados nos próprios nacionais, ficando a Junta da Fazenda debaixo das ordens do Tribunal do Tesouro público, que dessa hora em diante teria os seus encargos». Deste modo se converteu em realidade a ideia emitida pela primeira vez pelo deputado JOSÉ DE SÁ, na sessão da Assembleia Nacional de 1 de Março de 1823.

* * *

Devemos os melhores agradecimentos ao Ex.^{mo} Sr. Prof. Dr. MÁRIO BRANDÃO MENDES DOS REMÉDIOS, ilustre Director do Arquivo e Museu de Arte da Universidade de Coimbra, não só pelo facto de ter chamado a nossa atenção para o parecer de BROTERO que se encontra no Estabelecimento que superiormente dirige, mas também pelas facilidades que teve a gentileza de nos dispensar durante as pesquisas que efectuámos no aludido Arquivo. Desejamos tornar extensivos os nossos agradecimentos à Ex.^{ma} Sr.^a D. MARIA LÍGIA PATOILLO CRUZ BRANDÃO, Conservador do Arquivo, que muito nos auxiliou também nas pesquisas.

Agradecemos ainda ao Ex.^{mo} Sr. FRANCISCO CABRAL JÚNIOR, inteligente e zeloso catalogador do Instituto Botânico, os valiosos auxílios de toda a ordem que teve a amabilidade de nos prestar.

(1) *A Universidade de Coimbra. Esboço da sua história.* Coimbra, 1936, p. 128.



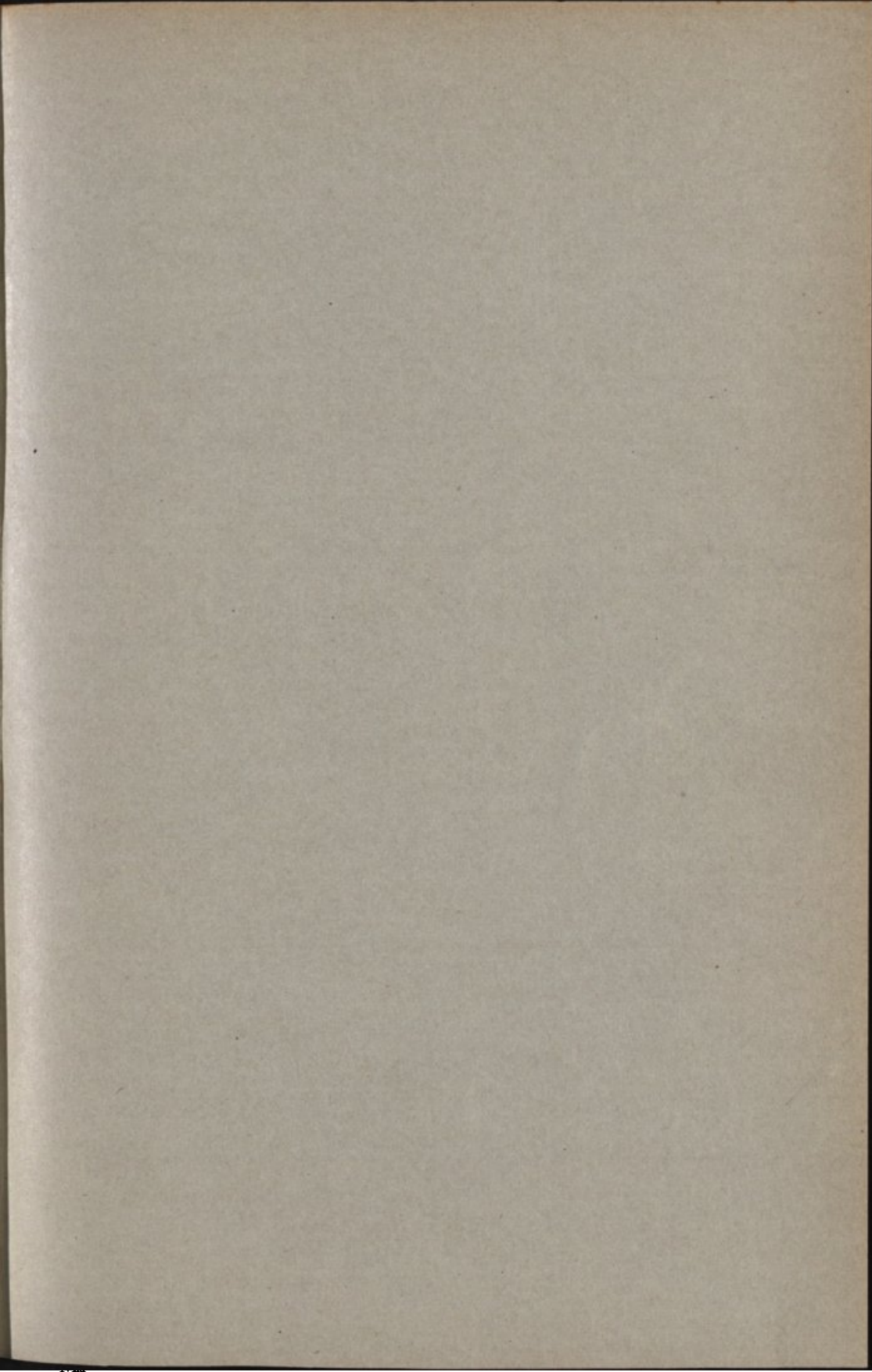


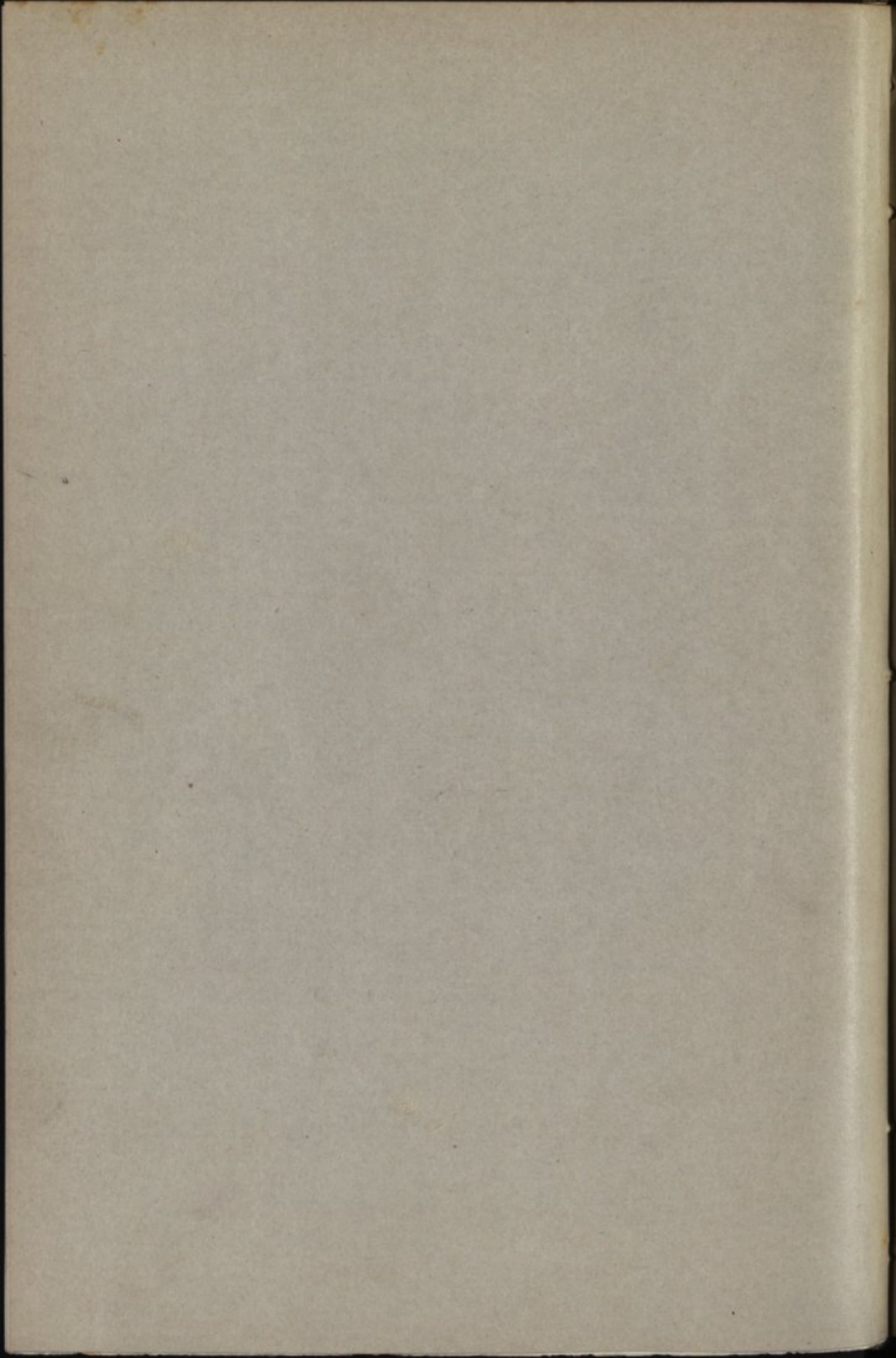
Les observations faites sur les animaux ont été faites sur des chiens et sur des chats et les résultats ont été les suivants.

Les chiens ont été divisés en deux groupes, l'un qui a été soumis à l'opération de la castration et l'autre qui n'a pas été opéré. Le premier groupe a été divisé en deux sous-groupes, l'un qui a été soumis à l'opération de la castration le 15 de Décembre de 1912, pour faire un contraste avec les chiens non opérés et l'autre qui a été soumis à l'opération de la castration le 15 de Janvier de 1913. Les chiens non opérés ont été soumis à l'opération de la castration le 15 de Janvier de 1913. Les chiens opérés le 15 de Janvier de 1913 ont été soumis à l'opération de la castration le 15 de Janvier de 1913. Les chiens opérés le 15 de Janvier de 1913 ont été soumis à l'opération de la castration le 15 de Janvier de 1913.

Les chiens non opérés ont été soumis à l'opération de la castration le 15 de Janvier de 1913. Les chiens opérés le 15 de Janvier de 1913 ont été soumis à l'opération de la castration le 15 de Janvier de 1913. Les chiens opérés le 15 de Janvier de 1913 ont été soumis à l'opération de la castration le 15 de Janvier de 1913.

Les chiens opérés le 15 de Janvier de 1913 ont été soumis à l'opération de la castration le 15 de Janvier de 1913. Les chiens opérés le 15 de Janvier de 1913 ont été soumis à l'opération de la castration le 15 de Janvier de 1913.





16. SET. 1952

ANUÁRIO

DA

SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XVIII

REDACTORES

PROF. DR. ABÍLIO FERNANDES

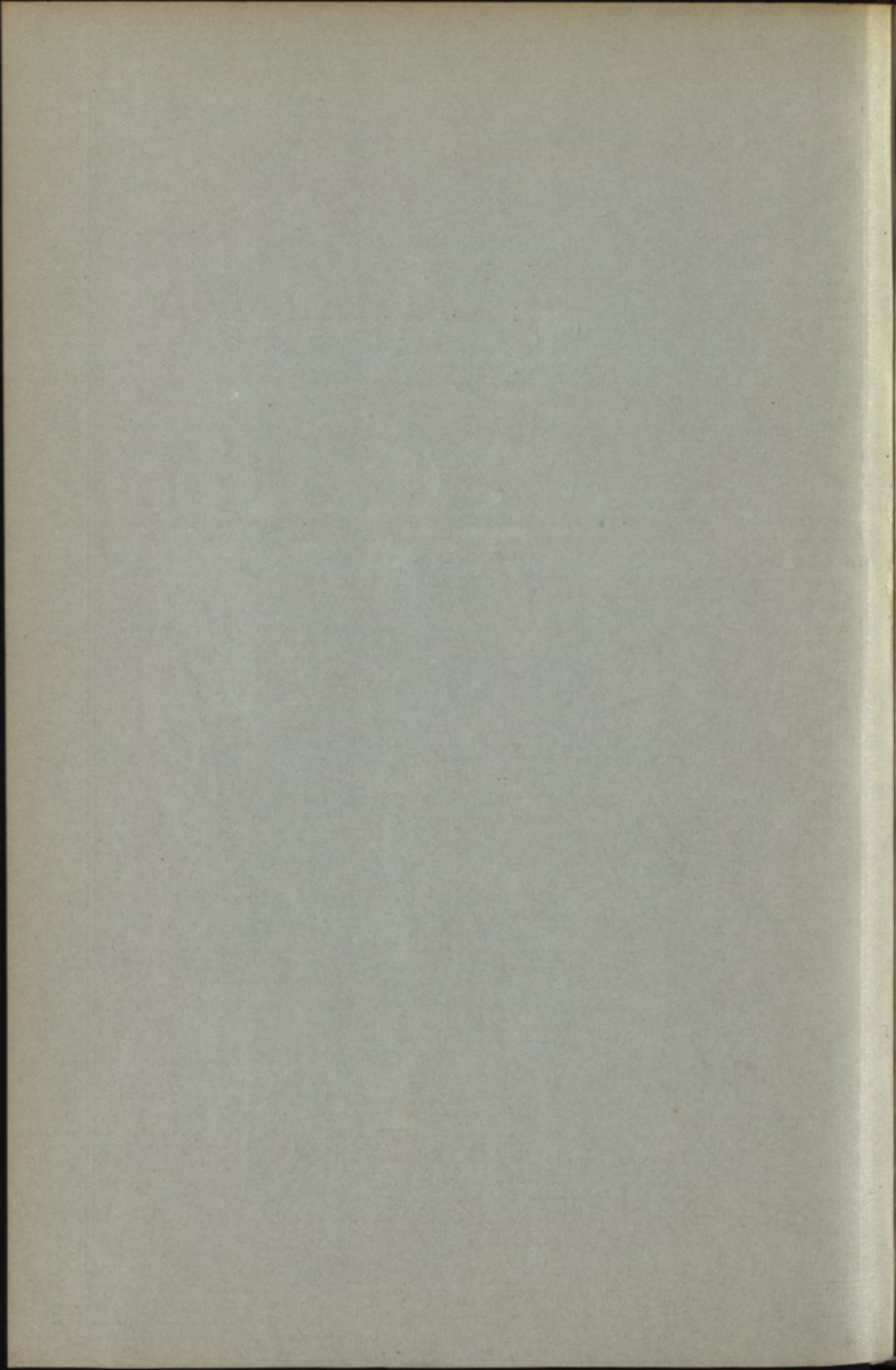
Director do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

F. A. MENDONÇA

Naturalista do Instituto Botânico



COIMBRA
1952



ANUÁRIO DA SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XVIII

EDITORES

PROF. DR. ADILIO FERNANDES

Director do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

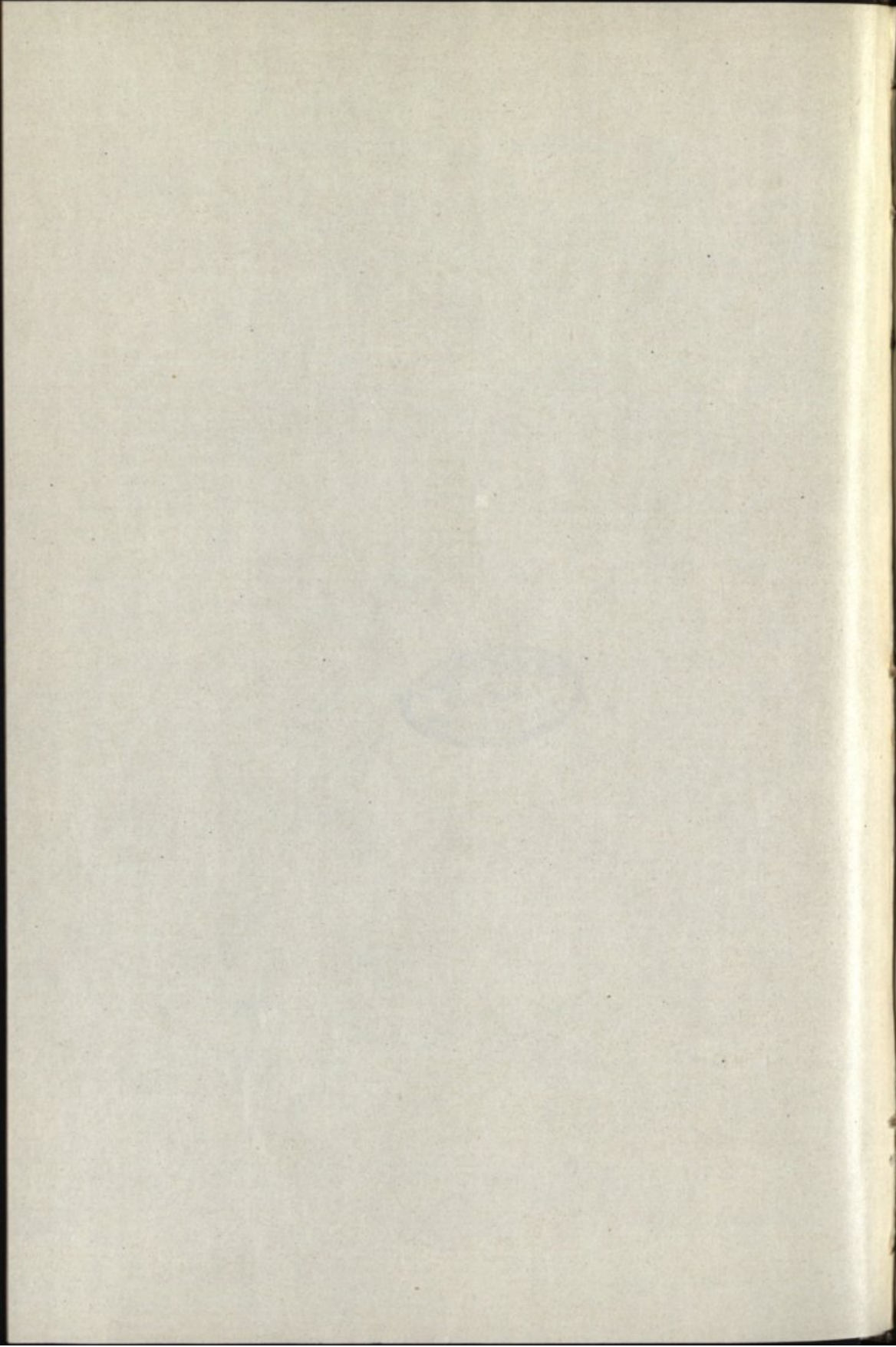
F. A. MENDONÇA

Director do Jardim Botânico



COIMBRA

1952



ANUÁRIO

DA

SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XVIII

REDACTORES

PROF. DR. ABÍLIO FERNANDES

Director do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

F. A. MENDONÇA

Naturalista do Instituto Botânico



COIMBRA
1952



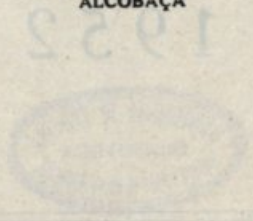
ANUÁRIO
DA
SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XVIII

REDACTORES
PROF. DR. ABÍLIO FERREIRAS
F. A. MENDONÇA



TIP. ALCOBACENSE, LIMITADA
ALCOBAÇA



SESSÕES DA SOCIEDADE BROTERIANA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Reunião de 26 de Janeiro de 1952

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. José de Barros Neves

ABERTA a sessão, foi concedida a palavra ao presidente da Sociedade, Ex.^{mo} Sr. Prof. Dr. ABÍLIO FERNANDES, que procedeu à leitura do relatório da Direcção referente ao ano de 1951. Esse relatório é do teor seguinte :

«No decurso do ano transacto, a Direcção conseguiu realizar a maior parte dos objectivos que tinha em vista. Efectivamente, publicaram-se os volumes XXV do Boletim e VII das Memórias, bem como o n.º XVII do Anuário. Estas publicações contêm diversos artigos não só de autores portugueses, mas também de botânicos estrangeiros. A todos agradecemos, penhoradamente, a colaboração que tiveram a amabilidade de nos prestar.

A Sociedade recebeu diversos pedidos de troca de publicações, os quais foram satisfeitos. Por outro lado, a Direcção solicitou também permuta com numerosas revistas, tendo-se, assim, alargado ainda mais o âmbito das nossas relações. Desta maneira, o serviço da biblioteca foi bastante intenso, recebendo-se por troca 446 volumes e 1.239 folhetos. A Direcção da Sociedade aproveita gostosamente este ensejo para agradecer reconhecidamente ao inteligente e zeloso Catalogador do Instituto Botânico, Sr. FRANCISCO CABRAL JÚNIOR, o valiosíssimo auxílio que lhe tem prestado, tanto no que respeita à pesquisa das instituições com as quais há conveniência em estabelecer permuta, como no que se refere à ordenação e catalogação das publicações recebidas.

Como habitualmente, o pessoal do Instituto Botânico efectuou diversas herborizações. O estudo do material está



sendo feito pelo Naturalista do Instituto, que oportunamente dará conhecimento das novidades encontradas.

A Sociedade fez-se representar no XIV Congresso da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, celebrado em Málaga, de 6 a 16 de Dezembro, juntamente com o XXI Congresso da sua congénere espanhola. Nessa reunião científica, vários sócios apresentaram comunicações.

Novamente a Direcção é constrangida a lamentar a reduzida actividade manifestada pelos sócios, pois poucos foram os que efectuaram herborizações. Apela-se, portanto, mais uma vez, para a boa vontade de todos, no sentido de que seja prosseguida com regularidade a tarefa da exploração botânica do país. »

Terminada a leitura, o Presidente da Assembleia pôs em discussão o relatório, o qual foi aprovado.

Em seguida, o Secretário-tesoureiro informou a Assembleia sobre o estado financeiro da Sociedade. As contas, que foram aprovadas, mostraram que, em 31 de Dezembro de 1951, existia em caixa um saldo de 12.943\$60.

O Dr. ABÍLIO FERNANDES disse que, devido ao encarecimento do papel e ao aumento das taxas dos portes de correio, a impressão e a remessa das revistas da Sociedade consomem somas avultadas. Por esse facto, propôs que a Direcção ficasse autorizada a aplicar os fundos disponíveis na publicação e distribuição das referidas revistas, no caso de serem insuficientes as verbas obtidas de outras fontes. Esta proposta foi aprovada.

A Assembleia resolveu reconduzir nos seus cargos os Vogais da Direcção anterior, Ex.^{mos} Srs. Drs. ALOÍSIO FERNANDES COSTA e VIRGÍLIO DA ROCHA DINIZ.

Resolveu, também, manter em 2\$00 a quota mensal a pagar pelos sócios no ano de 1952, continuando com a dispensa do pagamento de jóia.

DIRECÇÃO

Reunião de 26 de Janeiro de 1952

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. Abílio Fernandes

Foi resolvido:

- a) Que a redacção do Boletim e das Memórias continuasse a cargo do Ex.^{mo} Sr. Dr. ABÍLIO FERNANDES;
- b) Manter a comissão de redacção do Anuário;
- c) Instar com os sócios para que realizem trabalhos de herborização.

* * *

Temos o prazer de anunciar a admissão do seguinte

NOVO SÓCIO

MARIA MANUELA FARINHA, Instituto Botânico da Faculdade de Ciências de Lisboa.

